

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Rosa de Aragão, Rainha de Portugal:  
emoções, poder e silêncios**

**A Rainha Santa no discurso historiográfico e em romances históricos do  
século XXI**

**Patrícia Cláudia Rações Luís**

**Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares**

**Outubro de 2024**

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Rosa de Aragão, Rainha de Portugal:  
emoções, poder e silêncios**

**A Rainha Santa no discurso historiográfico e em romances históricos do  
século XXI**

**Patrícia Cláudia Rações Luís**

**Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares**

**Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora  
Adelaide Millán Costa**

**2024**

## Resumo

Tendo presente a constante procura, na atualidade, de figuras femininas relevantes de épocas passadas, que a literatura veio a resgatar do tempo, escolhemos desenvolver um estudo comparativista acerca das representações da Rainha Santa Isabel.

Nesse sentido, foram analisados os romances históricos *Memórias da Rainha Santa*, de Maria Pilar Queral Del Hierro, editado em 2009 e *Isabel de Aragão Entre o céu e o Inferno- A Rainha que Portugal imortalizou como Rainha Santa*, de Isabel Stilwell, editado em 2017. Este estudo teve sempre por base de sustentação a biografia *Isabel de Aragão Rainha Santa, Mãe exemplar da professora Maria Filomena Andrade*, editado em 2014.

Procurámos analisar como a figura feminina, ou seja, Isabel de Aragão, é retratada nos romances, quais os episódios destacados pelas autoras e como a literatura procura colmatar os silêncios da historiografia.

**Palavras-chave:** Romance histórico, Literatura. História, Silêncios. Emoções.

## **Abstract**

Having in mind the constant search nowadays, for prominent female figures of extreme importance in the society of past times, and that literature came to rescue, we chose to develop a comparative study on the representations of Queen Saint Isabel.

In this sense, the following historical novels were analyzed: *Memórias da Rainha Santa*, by Maria Pilar Queral Del Hierro, published in 2009 and *Isabel de Aragão Entre o céu e o inferno A Rainha que Portugal Imortalizou como Rainha Santa*, by Isabel Stilwell, published in 2017. This study was also based on the biography *Isabel de Aragão Rainha Santa, Mãe exemplar* by professor Maria Filomena Andrade, published in 2014.

In this study we seek to analyze how the female figure, that is Isabel of Aragon, is portrayed in the novels, wich episodes are emphasised by the authors and how literature seeks to fill the silences of historiography.

**Keywords:** Historical novel, Literature, History, Silences, Modernity

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação, foi uma viagem que se iniciou num sonho e cujo final se materializou, percorrendo um árduo caminho, com avanços e recuos, vitórias e derrotas, mas sempre com o objetivo final em vista. Tal não seria possível de alcançar, sem a ajuda preciosa de algumas pessoas, às quais de forma humilde dedico este trabalho.

Aos professores do curso de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares, em especial à minha orientadora, professora doutora Adelaide Millán Costa, pela confiança que em mim depositou e toda a constante disponibilidade para a realização deste trabalho de investigação.

À minha família, meus pais, irmão, meu marido Frederico Moreira e meus filhos Maria Inês Moreira e Diogo Moreira. Figuras de eterna referência e sem as quais tal trabalho não teria sido possível de realizar.

## Índice

Enquadramento.....	1
1.O tema, as fontes e os conceitos básicos.....	1
2.O estado da arte.....	5
3. A proposta de abordagem.....	9
4.caraterização das obras utilizadas.....	11
PARTE I – D. Isabel na historiografia e na ficção: os primeiros anos em Aragão.....	20
1. Nascimento e escolha do nome Isabel.....	20
2. A infância de Isabel.....	23
2.1 Um avô gigante.....	23
2.2 O irmão Jaime e Vataça.....	28
PARTE II – Isabel na historiografia e na ficção: a vida em Portugal.....	35
1. A chegada de D. Isabel a Portugal. A receção da corte e a comitiva.....	35
2. Vicissitudes da vida conjugal.....	42
3. Mãe de dois filhos e educadora de vários.....	51
4. A ação diplomática e política de D. Isabel.....	58
5. A memória da rainha.....	76
Anacronismos e expressão das emoções nas obras ficcionais.....	84
Conclusão .....	92
6. Bibliografia.....	95
Anexos.....	98

## Enquadramento

### 1. O tema, as fontes e os conceitos básicos

O modo como o discurso literário e o discurso historiográfico são divergentes, mas também possuem pontos de concordância, sempre nos suscitou interesse. No primeiro ano curricular do curso de Mestrado, no seminário de *História e Literatura*, esse interesse aumentou e desenvolvemos a vontade de estudar um tema que se enquadrasse nessa confluência. Posteriormente, no seminário *História, Poderes e Representações*, reforçamos o nosso fascínio pela Idade Média. No início, pretendíamos fazer um trabalho que tivesse por pano de fundo, ou protagonistas, as terras de Ribacôa, às quais nos vemos ligada por laços de sangue, prestando uma singela homenagem a essas gentes e a seus costumes. Não tendo sido possível conciliar um estudo cruzado entre a História e a Literatura sobre território, a figura do rei D. Dinis e, por associação, a da sua esposa Isabel de Aragão, foram ganhando espaço nesta procura de um objeto de estudo para desenvolver a dissertação. E cedo percebemos como a rainha desempenhou um papel central e, até mesmo, fundamental no discurso político e nas decisões inerentes aos destinos do reino; ou seja, cresceu o nosso interesse por D. Isabel.

Foi, contudo, um debate sobre o diferente impacto que têm no público (traduzido em vendas) as biografias historiográficas e os romances históricos que se centram na vida de uma personagem que acabou por ser o espoletador deste trabalho.

Aceitamos o desafio de fazer um estudo comparativo entre o discurso historiográfico e o discurso literário sobre uma importante figura presente na memória coletiva portuguesa, a Rainha Santa. Perpetuada que está no imaginário coletivo da nossa sociedade, interessava-nos saber como se construiu a imagem

da rainha na historiografia e na literatura, e desmontar as bases do diferente acolhimento destas obras junto do público em geral

A seleção do texto historiográfico a ser objeto de uma primeira leitura prospetiva foi óbvia, dado ser o mais atual e elaborado por uma especialista: *Isabel de Aragão- Rainha santa, mãe exemplar*<sup>1</sup>, de Maria Filomena Andrade. E, de facto, as palavras desta historiadora sobre a Rainha Santa contribuíram para cimentar a nossa decisão.

“Isabel, como personagem histórica, é de grande riqueza e densidade interpretativa porque espelha claramente a sua época. Por meio dela e do seu comportamento vemos a sociedade dos finais de duzentos e princípios de trezentos com toda a sua riqueza e conflitos.

A história de uma mulher que, como sabemos, esteve durante muitos séculos bastante velada, é apresentada não de uma forma única e exemplar, mas como uma das mulheres do seu tempo que ousou tomar o seu lugar ao lado do(s) homem(s), sem que isso constituísse um especial favor.”<sup>2</sup>

Ou seja, trata-se de uma figura histórica associada ao universo feminino, cuja personalidade foi também capaz de deixar marcas de influência na condução dos destinos do reino. Ainda assim, não como uma mulher diferente das demais, mas simplesmente como mulher, com as suas características e construção da sua personalidade.

De seguida, houve que escolher os títulos ficcionais a explorar. A seleção não foi também difícil, atendendo a que o detonador da nossa investigação correspondeu ao impacto dos romances históricos contemporâneos no público. Assim, optou-se por êxitos de vendas, mais propriamente *Memórias da Rainha Santa* de Maria

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Maria Filomena - *Isabel de Aragão- Rainha santa, mãe exemplar*. Lisboa: Temas e debates, 2014.

<sup>2</sup> ANDRADE - 2014, p.12.

Pilar Queralt del Hierro<sup>3</sup> e *Isabel de Aragão Entre o céu o Inferno*<sup>4</sup> de Isabel Stilwell. Estas duas autoras interessaram-se pelas mesmas personagens femininas, nomeadamente, no que à Idade Média diz respeito, Isabel de Aragão, Inês de Castro e Leonor Teles. Isabel Stilwell é licenciada em jornalismo, ainda que tenha, de forma breve, frequentado o curso de História<sup>5</sup> e Pilar Queralt tem formação em História contemporânea<sup>6</sup>. Um dos pontos que pretendemos avaliar é em que aspetos estas autoras respeitam factos e interpretações historiográficas consolidadas e em que áreas utilizam a sua liberdade criativa ficcional.

Antes de avançar, será conveniente distinguir entre os dois conceitos chave desta dissertação: o discurso historiográfico e o discurso ficcional.

A definição do discurso historiográfico tem evoluído de acordo com a sucessão diacrónica das Escolas em que esta área do conhecimento se filia<sup>7</sup>. Nos últimos decénios, a posição mais extrema de relativismo epistemológico foi defendida por Hayden White:

“Toda representação histórica é, como Hayden White exprimiu, um produto da imaginação poética .... Com isto, não pode ser provada a verdade ou falsidade destas representações”<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> QUERAL DEL HIERRO, Maria Pilar - *Memórias da Rainha Santa*. Lisboa: A esfera dos livros, 2009.

<sup>4</sup> STILWELL, Isabel - *Isabel de Aragão Entre o Céu e o Inferno, A Rainha que Portugal imortalizou como Rainha Santa*. Queluz de Baixo: Editorial Presença, 2017.

<sup>5</sup> Cf. mais à frente o seu esboço biográfico

<sup>6</sup> Cf. mais à frente o seu esboço biográfico

<sup>7</sup> Cf. BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé - *As Escolas Históricas*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, s.d.

<sup>8</sup> IGGERS, Georg - “Desafios do Século XXI à historiografia”. *História da historiografia* 4 (2010), p. 110.

Contudo, para a maioria dos historiadores, a História corresponde a um conhecimento elaborado segundo normas metodológicas rígidas, incluindo a observação e os vários tipos de crítica das fontes, que permitem considerá-lo científico. Tendo por objeto de estudo os homens no passado, o objetivo da História é o de refazer e transmitir uma versão do passado o mais verosímil possível. Tal como a Literatura, mas muito distanciado do seu grau de liberdade, a história está interligada às experiências e vivências sociais de quem produz a narrativa. Assim, desde a escolha das fontes até à redação do texto, a interferência do historiador é indesmentível.

No que concerne ao discurso ficcional encontramos, ao longo do tempo, um debate teórico aprofundado sobre a sua definição. Este tipo de discurso é usado em diversas artes, mas também em diferentes áreas do saber. Assim sendo, o mesmo não pode ser unicamente remetido para a literatura ou teoria da Literatura. Na sociedade de hoje, verdadeiramente tecnológica, em que conceitos como a inteligência artificial são agentes de mudança, abriu-se a discussão acerca do que é ou pode ser ficcionado e, também por isso, do que pode ser considerado discurso ficcional.<sup>9</sup> Emília Mendes Lopes refere que é muito difícil encontrar uma definição para o discurso ficcional, uma vez que o mesmo vai flutuar entre o factual e não factual e que entre estes dois polos pode haver diferentes graus de verdade e validade.<sup>10</sup>

Para além destes dois tipos de discursos, equacionamos, também, a construção da memória coletiva e como esta cimenta, ou não, as relações entre literatura e história<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> LOPES, Emília Mendes - *O discurso ficcional: Uma tentativa de definição*. Belo Horizonte: Faculdade de letras de UFMG, 2000, p.15.

<sup>10</sup> LOPES - 2000, p.128.

<sup>11</sup> MARINHO, Maria de Fátima – “A construção da memória”. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* 10 (2008), pp.135–140.

## 2. O estado da arte

Começamos pelo romance histórico. Trata-se de um género literário – “que alguns consideram híbrido”, juntando a ficção e a “verdade” -, surgido no início do século XIX<sup>12</sup>, a partir do Romantismo, misturando personagens e factos históricos e ficcionais. Este tipo de discurso não requer forçosamente do seu autor um longo trabalho de pesquisa em documentos históricos, ainda que muitos romancistas façam esse investimento. O primeiro cultor deste género é Sir Walter Scott que, em 1814, publicou *Waverley*. A partir daí, começa por toda a Europa a proliferar um conjunto de romances similares que retratam o passado através de fontes aceites. Na busca para a definição deste subgénero literário, Aldinina Medeiros refere que o romance histórico, sendo um subgénero do Romantismo, terá sido o ponto de partida para novos questionamentos sobre a relação entre História e historiografia. Já no Século XX surgem novas discussões sobre a História e ficção histórica. Na senda de autores como Fátima Marinho e Fleishman, a autora defende que o romance histórico implica a existência de, no mínimo, duas gerações entre a redação do livro e o enredo<sup>13</sup>. A realidade nacional não se viu arredada desta corrente literária, sendo a sua definição como romance histórico mais ou menos assumida. Assim, segundo Maria de Fátima Marinho<sup>14</sup>, no fim século XIX e inícios do século XX, autores como Alexandre Herculano e Arnaldo Gama<sup>15</sup> defendiam a fiabilidade dos seus textos enquanto recriação de eras passadas, considerando somente de forma pouco explícita que faziam uso da criação literária para legitimar o seu discurso e aproximá-lo dos agentes recetores

---

<sup>12</sup> Sobre as condições geopolíticas e culturais que explicam o aparecimento do romance histórico consulte-se Maria de Fátima Marinho - “Romance histórico”. In *Dicionário de Historiadores Portugueses. Da Academia Real das Ciências até ao fim do Estado Novo* [DIC:HP\\_historiadores \(bnportugal.gov.pt\)](http://dic:hp_historiadores(bnportugal.gov.pt))

<sup>13</sup> MEDEIROS, Aldinina - *Mulheres no romance histórico contemporâneo português*. Appris editora, 2019, pp.19-21.

<sup>14</sup> MARINHO - “Romance histórico”, cit.

do mesmo. Já Camilo Castelo Branco não se coíbe de assumir, de forma explícita, que a sua obra literária é também ela repleta de criação e recriação da realidade.<sup>16</sup>

Na segunda metade do Século XX o romance histórico enfrenta um período de grande expansão e com uma produção literária considerável em diferentes países. Essa alavancagem decorre da necessidade que o romance encontra de reconstrução da História e do passado que nos acompanha.<sup>17</sup> Este período comporta uma transição entre o romance histórico tradicional e uma historiografia pós-modernista e romance contemporâneo. As obras de Vitorino Nemésio, *Isabel de Aragão-Rainha Santa* e de Aquilino Ribeiro *A Aventura maravilhosa* são exemplo desta modernidade. O primeiro opta por um discurso reflexivo e abundante em comentários por forma a construir uma realidade que se apresenta como verosímil para o leitor.<sup>18</sup>

Em finais do século XX e início do século XXI, este género literário é permeável a uma mistura com outros géneros, em que autores como Umberto Eco, incorporam na sua narrativa, não só aspetos fundamentais intrínsecos ao romance histórico, mas também elementos de intriga e mistério, como forma de retratar traços de uma sociedade ou comunidade, conferindo-lhe assim um papel consciente de intertextualidade.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> Sobre o substrato documental utilizado por este autor leia-se: COSTA, Adelaide - "Arnaldo Gama entre a Literatura e a História: mote para uma reflexão epistemológica". In *Actas do Colóquio Literatura e História*. Lisboa: Universidade Aberta, 2003, pp. 63-75

<sup>16</sup> MARINHO, Maria de Fátima - "A construção da memória", p.136.

<sup>17</sup> MEDEIROS, Aldinina – "Entre ficção e História: Isabel, A Rainha Santa de Portugal". *Revista Graphos* (2019) p .2.

<sup>18</sup> MARINHO - "Romance histórico", cit.

<sup>19</sup> GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte – "A Idade média revisitada por Umberto Ecco". *Letras* 37 (1988), p. 209.

Abordemos, agora, o que a historiografia e a ficção veicularam sobre a Rainha Santa.

A primeira biografia conhecida de Isabel de Aragão terá sido elaborada a seguir ao seu falecimento, tratando-se de uma hagiografia.<sup>20</sup> Esta, por conter factos relatados por alguém que terá privado muito de perto com a rainha, foi atribuída ao seu confessor, Frei Salvado Martins. Segundo Maria Filomena Andrade, a obra retrata o carácter espiritual de Isabel, os milagres e aspetos caritativos que lhe são atribuídos. É designada, por vários autores, como a *Lenda da Rainha Santa*.<sup>21</sup> Para além das cópias seiscentistas e setecentistas existentes, a *Vita* da rainha foi editada, no século XX por duas vezes: a primeira em 1921, por José Joaquim Nunes<sup>22</sup> e outra em 1999, *Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal*, por Maria Isabel da Cruz Montes. Esta última uma tese de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa.<sup>23</sup>

Ainda segundo Maria Filomena Andrade, em finais do século XIX, três obras historiográficas dedicam-se às rainhas ou, especificamente, a D. Isabel: trata-se dos trabalhos de Francisco de La Figanière, *Memórias das rainhas de Portugal (1859)*, de Fonseca Benevides, *As rainhas de Portugal (1878)* e de António de Vasconcelos, *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) (1894)*.<sup>24</sup>

Atentemos, agora, em alguns trabalhos científicos que têm por objeto a rainha,

---

<sup>20</sup> DUARTE, Teresinha Maria - "Santa Isabel rainha de Portugal". *Revista do Niesc* 6 (2006), p.129.

<sup>21</sup> ANDRADE - 2014, p.28.

<sup>22</sup> *VIDA e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal. Texto do século XIV restituído á sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por José Joaquim Nunes*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

<sup>23</sup> Referido por ANDRADE - 2014, p.30.

<sup>24</sup> Referido por ANDRADE - 2014, p.32

sob o ponto de vista historiográfico ou literário.

A biografia que servirá de base à nossa investigação, de Maria Filomena Andrade, foi dada à estampa em 2014. Em 2016, foi apresentada à Universidade Federal da Paraíba, uma dissertação de mestrado, nas áreas de Literatura e Cultura, por Simone dos Santos Alves Ferreira, que teve por base a análise do mito criado acerca de Isabel de Aragão e Inês de Castro, enquanto personagens históricas e no âmbito ficcional, potenciando assim diferentes versões acerca de suas vidas.<sup>25</sup> Recentemente foi defendida uma dissertação de mestrado, no Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares que tinha por objeto de estudo a rainha e por fontes a *Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal, dois romances históricos – de Vitorino Nemésio e de Isabel Machado, bem como o contraponto historiográfico, a biografia elaborada por Maria Filomena Andrade*<sup>26</sup>.

Já no que concerne ao romance histórico, no século XX, refira-se a obra de Vitorino Nemésio, *Isabel de Aragão Rainha Santa (1936)*<sup>27</sup>; nela o escritor faz o relato dos acontecimentos históricos que envolvem esta figura régia, enriquecendo-os com o recurso a artifícios literários que acompanham o seu discurso, bem como comentários acerca da rainha<sup>28</sup>. Em 2010, encontramos a obra de António Cândido Franco, *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*<sup>29</sup>. Enquanto a obra de Nemésio pode ser enquadrada num período de transição entre o romance histórico tradicional e o contemporâneo<sup>30</sup>, o romance de António Cândido

---

<sup>25</sup> FERREIRA, Simone dos Santos Alves - *Mito e Criação Literária: O Repensar Paródico dos Mitos Inesiano e Isabelino*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

<sup>26</sup> COSTA, Isabel Maria Marques - *Isabel de Aragão, Rainha Santa, no período medieval e na atualidade, uma visão comparatista entre textos literários e historiográficos*. Lisboa: Universidade Aberta, 2019.

<sup>27</sup> NEMÉSIO, Vitorino - *Isabel de Aragão Rainha Santa*. Obras Completas X. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

<sup>28</sup> COSTA, Isabel Maria Marques - *Isabel de Aragão, Rainha Santa*, pp. 26-62.

<sup>29</sup> FRANCO, António Cândido - *Os pecados da Rainha Santa Isabel*. Ésquilo, 2010.

<sup>30</sup> MEDEIROS, Aldinina - *Entre ficção e História: Isabel, A Rainha Santa de Portugal*, cit.

Franco caracteriza-se como contemporâneo, uma vez que apresenta uma inovação ao nível discursivo acerca da rainha, retratando-a e revisitando-a criticamente falando.<sup>31</sup>

Quanto à literatura infantil, encontramos, também publicado em 2021<sup>32</sup> pela escritora Isabel Stilwell, um romance histórico sobre *Isabel de Aragão- a nossa Rainha Santa*. Esta é uma obra de leitura extensiva, com noventa e seis páginas, para crianças até aos seis anos de idade, com uma linguagem simples e que contou com a colaboração de Ana Oliveira nas ilustrações.

### **3. A proposta de abordagem**

Tendo em conta a recente elaboração de trabalhos académicos que contrastam a abordagem historiográfica e ficcional sobre a Rainha Santa, procurámos desenvolver um estudo que nos afastasse do tradicional esquema que contrapõe, passo a passo, a vida de D. Isabel nesses dois discursos.

O nosso foco centra-se, numa primeira fase, em cada uma das obras, tendo sido construídos quadros que esquematizam o fio condutor seguido por cada autora, apresentados em anexo.

Depois de cada texto ser apreendido como um todo, passamos à comparação, atendendo ao tratamento dado pelas três obras a alguns episódios da vida da rainha, e não à globalidade da sua biografia. Procurámos fazer a distinção entre os factos para os quais existe sustentação documental e/ou interpretativa e os que, de alguma forma, são engenho do artista literário. Claro que assumimos a

---

<sup>31</sup> MEDEIROS, Aldinina - Entre ficção e História, p.3.

<sup>32</sup> Stilwell, Isabel - *Isabel de Aragão- A nossa Rainha Santa*. Planeta, 2021.

obra historiográfica como a versão mais recente e credível sobre a Rainha Santa, tentando a cada passo, identificar as fontes historiográficas utilizadas pelo discurso literário.

Estamos conscientes de que os vazios e silêncios com que se deparou a historiadora, em que os factos sustentados em fontes não encontraram forma de se fazer ouvir, foram colmatados no discurso literário, através da ficção e pesquisamos como cada uma das escritoras procura explorar a história nesses momentos.

Ao analisarmos as duas obras de ficção, foi realizada uma identificação e exemplificação desses momentos em que a ficção abraça, completa ou contradiz o discurso historiográfico. Foi então possível verificar como são retratadas as circunstâncias do nascimento e infância da rainha, a sua estadia em Portugal, como esta se relaciona com quem a rodeia em diferentes fases da sua vida e que sentimentos ou emoções experiencia nas suas vivências. Foram esses os momentos escolhidos para tratamento comparativo entre as versões das duas obras de ficção e não outros, uma vez que consideramos haver aqui mais espaço para completar ficcionalmente factos da vida da rainha.

Conduzimos o nosso trabalho, na tentativa de explorar como o recurso à manifestação das emoções permite responder, acompanhar ou traçar caminhos para os silêncios do discurso historiográfico. O romance histórico comporta em si aspetos ficcionais, mas verosímeis, bem como aspetos não ficcionais. O recurso à expressão de emoções pode também enriquecer este género literário e torná-lo bem aceite pelo leitor.

Em suma, a comparação foi guiada pelas seguintes questões:

- de que forma a ficção utiliza alguns episódios da vida da rainha e que personagens são escolhidas para os contar?

- como são os acontecimentos retratados em cada obra, que personagens estão envolvidas e quais são reais ou obra de um imaginário ficcional?

- qual a importância dada a cada acontecimento relatado e como o mesmo se desenvolve em cada obra?

- como se engendram as memórias dos acontecimentos, aparecem descritos ou como um episódio difuso, tendo em conta as experiências das personagens?

Em termos metodológicos, o trabalho incidiu na análise, como fontes principais, das obras já anteriormente referidas, verificando-se momentos vários de leitura, pesquisa e análise de bibliografia, nomeadamente em investigações realizadas sobre alguns tópicos apreciados e desenvolvidos neste trabalho.

#### **4. caracterização das obras utilizadas**

O presente capítulo visa apresentar as obras que serviram de base para o nosso trabalho, atendendo à sua estrutura e ao tipo de discurso utilizado. No caso dos romances, damos especial relevância às palavras públicas das autoras sobre os seus textos, bem como ao seu posicionamento sobre a relação que um romance deve manter com a “realidade” passada.

Começamos pela biografia historiográfica, um discurso de extremo rigor histórico, que servirá de suporte dos factos ou das interpretações credíveis.

A obra da professora Maria Filomena Andrade divide-se em seis capítulos. No primeiro, aborda a construção da imagem da rainha na memória coletiva após a sua morte e canonização. A historiadora desmonta a memória escrita sobre D.

Isabel ao longo do tempo, a forma como se difunde, bem como a cultura material e iconografia que a tem por protagonista.

Os restantes cinco capítulos apresentam o percurso da rainha de forma cronológica, ao longo do seu ciclo de vida. Assim, o segundo capítulo aborda o nascimento e infância de Isabel. Inicia-se com uma contextualização geopolítica do Ocidente Europeu à época, passando depois a uma caracterização do contexto familiar em que nasce esta infanta, explicitando como o contexto religioso em que viveu irá marcar a sua educação.

No terceiro capítulo, designado “Rainha Consorte”, Maria Filomena Andrade faz uma viagem pela vida de Isabel, iniciando com os preparativos para o seu enlace com D. Dinis, abordando a sua vida conjugal com o monarca português, a educação dos seus filhos e dos filhos bastardos do marido, cuja educação decorre na corte. Neste capítulo, a autora analisa, ainda, a constituição da Casa da Rainha, em termos de membros masculinos e femininos e as funções por eles ocupadas.

No quarto capítulo, intitulado “As alianças e as oposições”, a autora retrata a participação da rainha consorte como membro ativo no âmbito da política do reino. Encontramos uma análise da ação diplomática e influência política de D. Isabel, nomeadamente em quatro momentos distintos, identificando os seus aliados e os seus oponentes.

O quinto capítulo volta-se à “A vida quotidiana e material”, sendo traçado o dia-a-dia da rainha, fortemente religioso e caritativo. Com efeito, é demonstrada a preocupação da rainha com os mais frágeis e desvalidos do reino, referindo-se as obras que cria ou refunda nesse âmbito. Também é abordado o início do seu percurso de fama enquanto santa e milagreira.

No sexto capítulo é relatada a vida da rainha enquanto viúva, o seu despojamento

e inserção conventual, explicando-se a “família” que a enquadra em Santa Clara, até à sua morte. É feita uma última análise à influência e ação da rainha que, mesmo em idade avançada, não se inibe de exercer a sua influência na busca da paz.

Existe ainda um epílogo e incorporam-se anexos que ajudam a compreender o texto.

María Pilar Queralt Del Hierro, no prefácio da sua obra, identifica-a como não sendo uma hagiografia ou uma biografia tradicional, mas um romance que pretende transmitir ao leitor a vida íntima desta rainha que, segundo a autora, experimentou sentimentos intemporais, e, como tal, similares aos das mulheres de hoje.<sup>33</sup> O fio condutor do romance é conduzido pela própria Isabel de Aragão que nos guia pelas suas memórias, iniciadas na infância e que acompanham toda a sua vida.

O livro divide-se em três partes. A primeira situa-se no momento da recolha de elementos para a canonização da rainha. Seguem-se onze capítulos em que D. Isabel narra ao leitor, na primeira pessoa, as suas memórias; esse discurso tenta seguir uma linha temporal, sendo muitas vezes interrompido com saltos cronológicos, à medida em que a rainha transmite ao leitor as suas memórias, tal como as mesmas vão surgindo. Esses avanços e recuos temporais são construídos pela autora através de recursos expressivos usados nas obras literárias, tais como a prolepse, em que a narradora antecipa acontecimentos futuros e a analepse, em que faz um regresso ao passado. Essa estrutura discursiva aproxima o leitor ao fluxo das memórias de Isabel e da forma que as mesmas lhe vão chegando ao seu pensamento.

Atentemos, com mais pormenor, à divisão da obra.

A primeira parte é preenchida por um único capítulo designado “O frade de

---

<sup>33</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp. 10-11.

Olivar”. Nele, a personagem de frei Ramón de Alquezar leva a Roma um manuscrito que lhe chegara às mãos, escrito pela própria rainha Isabel, narrando a sua vida. A viagem até Roma prende-se com a tentativa final de obter a canonização de D. Isabel.

A segunda parte deste romance, intitulada “Memorial da rainha peregrina”, divide-se em dez pequenos capítulos que conduzem o leitor num trajeto desde o nascimento da infanta de Aragão até à morte da rainha consorte de Portugal. Este percurso é construído pela própria rainha que vai, a título de reflexão e já em idade avançada, fazer um balanço da sua vida e relatar as suas memórias, conforme estas lhe vão surgindo.

No primeiro capítulo, a rainha recorda como lhe foi contado o seu nascimento pela sua ama D. Vataça,<sup>34</sup> lembrando também a sua infância e vivência em Aragão com os pais, irmãos e o avô Jaime I. O segundo capítulo refere-se à combinação e casamento por procuração de D. Isabel com D. Dinis de Portugal. O terceiro capítulo ocupa-se da viagem de Isabel até Portugal e como esta recorda o momento em que vislumbra o rei seu marido.

Do quarto ao oitavo capítulo, a rainha recorda várias fases da sua vida conjugal: os primeiros tempos de casamento e o encantamento romântico sentido pelo marido, logo manchados por momentos de desilusão pelas barregãs que este regularmente visita. Esta construção romântica inclui períodos de aproximação e de afastamento do casal, culminando na acusação feita por D. Dinis a D. Isabel pelo posicionamento do filho de ambos contra o pai. Encontramos também nestes capítulos a vontade da rainha de, em alguns momentos, exercer junto do irmão e também do marido a sua veia diplomática.

No nono capítulo a rainha recorda os últimos momentos de vida de D. Dinis, a

---

<sup>34</sup> A autora refere sempre na sua obra Vataça como Betaza.

forma como tenta apaziguar a relação do rei com o seu filho, perguntando-se se terá tido “culpa” na formação do caráter do futuro Afonso IV, ou se ele se move unicamente pela sua ambição.

O décimo capítulo refere-se ao período de viuvez da rainha e ao seu recolhimento em Santa Clara em Coimbra, junto com Vataça. A rainha confia ter sonhado com uma mulher, que dizia chamar-se Inês de Castro, pelos terrenos ao largo do convento. A mulher afirma que terá perecido às mãos do mais cruel dos homens, surgindo depois a figura envelhecida do filho Afonso a pedir perdão a D. Isabel. A rainha acorda perguntando-se quem será esta Inês, e porque lhe surge o filho a pedir perdão. Isabel resolve apelidar esses terrenos de “Quinta das lágrimas”. O capítulo termina com a reflexão da rainha nos preparativos de uma peregrinação a Compostela.

Finalmente na terceira parte, denominada “A Rainha Santa”, voltamos ao início da obra, ao Vaticano em 13 de outubro de 1623, após o papa ter lido o manuscrito deixado pelo frade de Olivar e quando se iniciam os preparativos para a canonização da Rainha Santa Isabel.

O romance de Isabel Stilwell inicia-se com um relato em que a rainha, já viúva e na companhia de Vataça, observa no Mosteiro de Santa Clara o seu jacente, e faz um pequeno balanço do trabalho que realizou ao longo da vida e que caminho escolheu na sua morte. De seguida, a obra desenvolve-se em quatro partes, narrando a vida de D. Isabel, cronologicamente, desde a sua infância até à sua morte e encerrando com o epílogo.

A primeira parte do romance refere-se ao período de 1275 a 1282. Nesta cronologia vemos narrada a infância da infanta Isabel, passada na corte de seu avô, D. Jaime I, privando com ele e vivenciando momentos de grande cumplicidade e carinho. Este seu avô é retratado como a grande figura de

influência para Isabel, sendo o responsável pela sua formação enquanto pessoa e educação enquanto infanta. Esta primeira parte do romance encerra vinte e oito pequenos capítulos e termina com a chegada de Isabel a Portugal e os seus primeiros tempos de casamento.

A segunda parte concerne ao período de 1284 a 1313. Inicia-se com Isabel aos catorze anos de idade, vivenciando as primeiras angústias matrimoniais, pois ainda não tinha consumado o seu casamento. Ao longo destes 29 anos, a obra acompanha Isabel na idade adulta, a sua vida conjugal, com momentos de amor romântico e momentos de grande desamor e desilusão. A autora salienta, também, a cumplicidade da rainha com Vataça, a sua grande confidente e aliada, funcionando muitas vezes como o *alter ego* da rainha na concretização das matérias amorosas. É igualmente retratada a relação de Isabel com os seus filhos e com os filhos ilegítimos e barregãs do marido, que muitas vezes aceita e finge ignorar. Esta parte da obra, que se divide em noventa e dois capítulos, termina com a morte da filha Constança. Para além da vivência privada, a autora evidencia a importância que Isabel adquiriu enquanto diplomata e estratega política e como potenciou, mesmo, o papel desempenhado pelo seu marido nas decisões sobre a política peninsular.

A terceira parte retrata o período de 1317 a 1325, integrando um momento de confiança entre Isabel e Vataça, no qual a rainha evoca a sua preocupação com os netos. Continuando as divergências entre D. Dinis e o seu filho, a rainha vai mediar este conflito, sendo acusada pelo marido de ir contra ele em favor de D. Afonso. Esta parte termina com a morte de D. Dinis, sendo a mesma composta por vinte e três capítulos.

A quarta parte refere o período de 1325 a 1336 e é composta por vinte e quatro capítulos. Inicia-se com a aclamação régia de Afonso IV, acompanha a viuvez da rainha, o seu ingresso em Santa Clara de Coimbra, a peregrinação a Compostela,

a última intervenção enquanto pacificadora e a sua morte. O romance inclui, ainda, um epílogo, a lista de personagens, fontes e a bibliografia.

Isabel Stilwell utiliza maioritariamente o discurso direto, o diálogo entre as personagens e inclui um narrador não participante. A autora conduz o seu texto com a perspicácia e a curiosidade que a sua formação jornalística lhe confere. O segredo, a intriga, a conspiração e o amor romântico enriquecem o discurso e ajudam a trilhar o caminho que liga a personagem enquanto mito à figura feminina real no seu tempo e, também, ao que se esperaria de tal figura na atualidade.

Nesta pequena apresentação das obras, pensamos ter dado conta da sua diversidade, de acordo com regras epistemológicas, metodológicas, intencionais e artísticas utilizadas por cada uma.

Para terminar esta parte, e com base em entrevistas das autoras de ficção, aproximemo-nos das suas autorreflexões sobre as obras que produzem.

María Pilar Queralt Del Hierro<sup>35</sup> afirma, em entrevista à RTP, que o seu objetivo é levar a história a todos, quer através de obras de divulgação, quer através de romances históricos. É curioso o facto de a autora afirmar que um romance histórico é, antes de mais, um romance, ou seja, permite a reinterpretação dos factos. Pilar Queralt acrescenta, contudo, que por detrás de cada um dos seus romances está uma grande investigação em arquivos e bibliotecas. Para ela, a linha vermelha que o romancista não pode ultrapassar é desvirtuar os factos que se encontram estabelecidos. Reportando-se ao romance que neste trabalho abordamos, a autora declara, quanto à relação entre D. Dinis e D. Isabel:

“D Dinis fue un rey admirable, pero un marido nefasto”.

---

<sup>35</sup> *Entrevista a María Pilar Queralt del Hierro realizada a 1 de abril de 2014* . [María Pilar Queralt del Hierro – RTP Arquivos](#) [María Pilar Queralt del Hierro – RTP Arquivos](#).

Isabel Stilwell<sup>36</sup> também em entrevista à RTP, defende que para se contar uma história, é preciso atualizar a linguagem, por forma a que o leitor consiga entrar no romance propriamente dito e incorporar a mensagem como se estivesse a assistir a um filme. A autora estava a ser questionada acerca da linguagem atual que utiliza nos seus romances, assegurando que tal era propositado. Por outro lado, Isabel Stilwell declara que o trabalho de investigação desenvolvido, que serve de base à sua escrita, permitiu-lhe constatar que os sentimentos e as emoções não mudam ao longo dos tempos e que, apesar dos códigos da sociedade de hoje serem diferentes, o que nos vai na alma é o mesmo.

Numa entrevista à plataforma digital Wook, quando questionada acerca do seu tipo de escrita Isabel Stilwell responde o seguinte:

“A minha abordagem é muito jornalística. A primeira parte é ter a certeza dos factos que são possíveis de apurar, perceber a história muito bem, ler os contratos, perceber os tratados, ou seja, fazer uma grelha e, depois, aplicar sobre isto, nos hiatos onde não há informação, a plausibilidade.

Eu posso ter uma carta ou um contrato e eu tenho sempre o meu leitor em mente. E tenho sempre, como jornalista, a ideia de que tenho de tornar a informação clara e acessível a quem me está a ler. Tenho de contar as histórias das pessoas, as personagens a três dimensões. Não podem ser umas figuras apagadas e monótonas que não se revelam e que não atraem.”

Questionada acerca da eventual incursão em erros históricos, uma vez que os seus romances se encontram repletos de factos, a autora é muito assertiva e concreta. Stilwell afirma que é muito rigorosa no trabalho e tem ao seu lado a editora e uma historiadora que a ajudam a rever o que escreve; contudo, por vezes acontece ocorrer algum erro. Até os seus leitores já lhe têm escrito, informando de alguma incongruência que corrige para edições futuras.

<sup>36</sup> Consulte-se, de 17 de janeiro de 2020 na Wook Acontece - [Isabel Stilwell: «A escrita é o meu talento, o meu contributo para mudar o mundo»](#) » [wookacontece](#) ; “Não é literatura porque estou a contar uma História”, Jornal Público, 1 de agosto de 2020 [Isabel Stilwell: “Não é literatura porque estou só a contar uma história” | Livros | PÚBLICO \(publico.pt\)](#) e a entrevista à RTP a 27 de janeiro de 2009. [Isabel Stilwell – RTP Arquivos](#)

Concluindo, segundo as suas próprias palavras, as duas romancistas fazem investigação, não desvirtuam os factos e consideram-se intermediárias entre a produção académica e o grande público, de forma que a mensagem chegue a todos.

## **PARTE I – D. Isabel na historiografia e na ficção: os primeiros anos em Aragão**

Vamos analisar algumas fases da vida de Isabel de Aragão, tal como são apresentadas na historiografia e na ficção. Ou seja, iremos articular o conhecimento historiográfico - sustentado em factos e interpretações credíveis e comportando silêncios - com o preenchimento desses mesmos silêncios pela ficção, que também cria factos novos e adultera outros.

### **1. Nascimento e escolha do nome Isabel**

Muito já foi escrito sobre o nascimento de D. Isabel, que terá ocorrido entre 1269 e 1270, em Saragoça<sup>37</sup> ou Barcelona. A professora Maria Filomena Andrade considera mais verosímil a cidade de Saragoça, por se encontrar aí uma lápide do século passado que denota esse acontecimento. Contudo, nem o tempo nem o espaço constituem o fator mais aliciante deste ato, envolto na excecionalidade.

Com efeito, no livro *Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal*, lê-se:

“(...) esta Dona Isabel, a qual, quando naceo, naceo envistida, envolta e cuberta de ua pele, que lhe nom parecia nombro algiúu, a qual pele ou teagem a rainha, sa madre, fez poer em ua coussella \* de prata, e tragia esta rainha aquela coussela em sas arcas.”<sup>38</sup>

A historiadora Maria Filomena Andrade é prudente na escolha das palavras ao referir-se a este fenómeno:

---

<sup>37</sup> ANDRADE - 2014, p. 81.

<sup>38</sup> *VIDA e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal. Texto do século XIV restituído á sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por José Joaquim Nunes.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, p. 19.

“Segundo a lenda, a princesa teria nascido de forma mais ou menos “miraculosa”,  
envolvida numa película húmida.”<sup>39</sup>

As duas autoras ficcionais não partilharam esta prudência historiográfica, antes acolheram, de forma acrítica, os dados transmitidos pela *Vita*.

María Pilar Queralt Del Hierro detém-se no nascimento de Isabel em forma de memória relatada na primeira pessoa, de acordo com informação que lhe fora transmitida pela sua aia. Assim, a infanta terá nascido num dia nebuloso e frio, que depois se transforma em soalheiro.

“Fosse pelo frio ou pelo banho desse sol ardente que iluminava a casa, asseguram que nasci envolta num finíssimo véu que cobria as minhas inocentes vergonhas. Uma donzela ao serviço da minha mãe, judia de condição, afirmou com espanto:

-lavé seja louvado! Esta menina nasceu envolta no véu dos privilegiados!”<sup>40</sup>

Isabel Stilwell coloca Jaime I a relatar à própria Isabel o episódio do seu nascimento:

“Nasceste sem romper o saco sagrado onde os bebés estão guardados do mundo. Estavas nas mãos do médico, mas simultaneamente numa realidade só tua, mais pura do que a nossa...”<sup>41</sup>

As duas obras de ficção analisadas apresentam o nascimento de Isabel de forma similar, associando-o ao sagrado, miraculoso ou mágico, procurando assim fantasiar e elevar Isabel ao plano do imaterial.

---

<sup>39</sup> ANDRADE - 2014, p. 84.

<sup>40</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp. 36.

<sup>41</sup> STILWELL - 2017, p. 28.

Atentemos, agora, à escolha do nome atribuído a Isabel, um ato que, tal como quase tudo o que cercava as vidas de elementos das famílias régias, vinha repleto de atenções e intenções.

Maria Filomena Andrade afirma que:

“O nome era visto como elemento integrador do novo membro na família onde nascia, independentemente de outro parente ainda vivo, ou muito próximo usar o mesmo. Neste caso, é óbvia a intenção de atribuir à recém-nascida o nome da sua tia-avó, Isabel da Hungria.”<sup>42</sup>

A tia-avó da futura rainha santa terá vivido uma vida caridosa e de entrega ao favorecimento dos mais pobres e de grande cariz espiritual. Muitos são os milagres que lhe foram atribuídos, nomeadamente o milagre das rosas.

María Pilar Del Hierro coloca Isabel a afirmar que o seu nome:

“Por vontade expressa do meu pai, chamaram-me Isabel, um nome de origem hebraica que significa “A que ama Deus”. Quis desta forma honrar a memória da sua irmã, esposa do rei Filipe III de França, falecida poucas semanas antes da minha chegada a este mundo, e, ao mesmo tempo, venerar a memória da sua tia materna, Isabel da Hungria, reconhecida santa desde 1235 pela sua exemplar vida e pelos muitos prodígios realizados depois da sua morte.”<sup>43</sup>

Isabel Stilwell, num diálogo entre o avô Jaime I e a neta, coloca o rei de Aragão a explicar que a escolha do nome foi imposta pela avó e que o mesmo traria a bênção e a proteção da sua tia Isabel.

---

<sup>42</sup> ANDRADE - 2014 p.82.

<sup>43</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p. 42.

“-É claro que eras única, eras a minha primeira neta, e estava ali para te ver batizar como Isabel. Aliás a tua avó nunca aceitaria outro nome, nem tinha eu ido tão longe para desobedecer à sua vontade.”<sup>44</sup>

Sabia bem que o Diabo não se chegaria perto de ti, abençoada no nascimento, protegida pela santidade da tua tia Isabel e ao cuidado do rei.<sup>45</sup>

Quanto à escolha do nome de Isabel, Queral Del Hierro e Stilwell ter-se-ão servido da sua imaginação e artifício literário para contar aos leitores pormenores situacionais acerca deste episódio – a expressão da vontade do pai ou da avó - mas o referente principal é o veiculado pela historiografia.

## **2. A infância de Isabel**

Se há fases da vida em que as biografias de rainhas medievais são sucintas, por falta de informação, a infância é talvez a mais característica, traduzindo-se num quase silêncio historiográfico. Abordaremos a forma como a professora Maria Filomena Andrade trata a infância de Isabel e, seguidamente, como cada uma das escritoras de ficção o faz.

### **2.1. Um avô gigante**

Começemos por mencionar a figura do avô de Isabel, e de que forma Jaime I é retratado na sua relação com a neta, no discurso historiográfico, bem como nos romances.

---

<sup>44</sup> STILWELL - 2017, p.28.

<sup>45</sup> STILWELL - 2017, p.29.

A professora Maria Filomena Andrade, ainda que se demarque da historiografia tradicional, não rejeita a eventual influência que a figura carismática de D. Jaime I possa ter tido na formação de Isabel. Atentemos o que refere a autora:

“A historiografia tradicional tem enfatizado o papel desempenhado pelo avô, bem como o amor de predileção que este lhe votaria. Embora estejamos perante um construto e um ideal hagiográfico, não podemos deixar de considerar esta influência, uma vez que Jaime era um homem com uma presença e uma consciência política muito especiais. No seu *Llibre dels Feits*, Jaime revela a sua profunda crença na providência divina que lhe concedeu o trono e mais ainda o ajudou na luta contra os mouros. Eleito por Deus para realizar um feito único na história de Aragão, sente-se sempre apoiado por Ele, especialmente na guerra.”<sup>46</sup>

Também refere a professora Maria Filomena Andrade que tradicionalmente é considerado que o nascimento de Isabel terá reconciliado D. Jaime I e seu filho, mas que, de facto, tal não terá ocorrido, pois ambos só terão sanado as suas desavenças mais tarde, em 1273. De qualquer modo, o avô terá acolhido a Isabel nos seus primeiros anos de vida.

“Quando o seu avô morreu, em 1276, e o seu corpo foi a enterrar na abadia de Poblet, em campà rasa, de acordo com o seu testamento, Isabel terá sentido um grande desgosto, e mesmo perplexidade pela pobreza da campà do avô e por ter perdido um importante mentor da sua vida futura.”<sup>47</sup>

No romance de María Pilar Del Hierro, a relação de Isabel e D. Jaime I também é referida. Como já mencionamos, a autora apresenta a personagem principal a recordar várias fases da sua vida e, no que ao avô diz respeito, lembra-se apenas de um avô “gigante” e de como ele e sua mãe lhe ensinaram as primeiras letras. Isabel não manifesta uma relação de extrema proximidade com o avô. Terá, ao

---

<sup>46</sup> ANDRADE - 2014, pp.85-86.

<sup>47</sup> ANDRADE - 2014, p.84.

longo da sua infância, construído uma memória do avô assente em conjeturas, suposições ou no que ela imaginou que Jaime I terá sido. Observemos as palavras de Queral Del Hierro:

“Pouco ou quase nada recordo dos meus anos de infância repartidos entre ambas as cidades. Apenas sensações: o toque das mãos, sempre frias, da minha mãe; o odor a mar que a brisa trazia ao entardecer e o respeito que me infundia o meu avô, o rei D.

Jaime, o qual me parecia um gigante devido à sua enorme estatura”<sup>48</sup>

(...)

“Daqueles anos, recordo apenas com clareza o empenho da minha mãe, apoiada pelo meu avô, o rei Jaime, com quem aprendera as primeiras letras e rezara o ofício divino; a música e as canções com que continuamente me deleitava, e a sua insistência em corrigir os meus erros quando misturava as línguas com que fui criada: o Castelhana, o Catalão e o Italiano.”<sup>49</sup>

Ainda assim, Jaime I muito considerava a sua neta:

“Evidentemente que, na altura da sua morte, eu ignorava tais circunstâncias. Para mim era apenas um homem amável e imponente, um gigante valente como os que apareciam nas histórias que me contava D. Betaza, que vencida dragões e malvados e que, nas escassas ocasiões que o via, tinha sempre para mim uma palavra amável, uma carícia e uma frase nos lábios que, invariavelmente, dirigia à minha mãe:

-Esta menina será a chave que irá abrir a porta a novos domínios da Coroa. Cuidai bem dela, D. Constança, que muito espero dela!”<sup>50</sup>

O recurso estilístico utilizado pela autora no anterior trecho, uma metáfora (Isabel como a chave que abrirá a porta), reforça e coloca em evidência a importância que Isabel tem para o seu avô e como a ela se distingue das demais.

---

<sup>48</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.43.

<sup>49</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.44-45.

<sup>50</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.47-48.

Na obra de Isabel Stilwell, a relação que Isabel desenvolve com o seu avô Jaime I é retratada com bastante pormenor. Assim, a infanta aragonesa é muito próxima do avô, valorizando sobremaneira os seus ensinamentos. Por seu lado, Jaime I tem verdadeiro fascínio pela neta, apelidando-a de “Rosinha de Aragão” e caracterizando-a como a melhor mulher que saiu da Casa aragonesa. Verificamos no uso do diminutivo “Rosinha” um significado carinhoso e de ternura. Com ele, a autora pretendeu reforçar este sentimento que os une e, talvez, remeter para as flores que a memória coletiva associa à rainha santa. Para Jaime I, Isabel era um prolongamento da sua pessoa, até fisicamente ambos eram muito parecidos e o avô valoriza as semelhanças físicas que partilham.

Stilwell dá a conhecer ao leitor uma criança que priva com o avô, pedindo-lhe, de forma reiterada, para que ele lhe lesse *o seu Livro de Feitos*, ressaltando as aventuras heroicas do rei. A infanta chega a questionar se o avô terá escrito no seu livro algo sobre ela. É também com Jaime I que D. Isabel aprende a ser caridosa e preocupada com os doentes e desvalidos.

A primeira parte da obra inicia-se com um diálogo entre avô e neta, em que os dois conversam de forma muito próxima, enquanto D. Isabel observa o avô a ser barbeado por um serviçal. Encontramos nesta passagem, mais uma vez a imaginação da autora a completar o natural silêncio do discurso historiográfico. Observemos como Isabel Stilwell nos conta esse momento:

“ -Avô, e se o meu pai contratou um desses criados para lhe cortar a garganta?- perguntou Isabel, sentada no banco alto onde, todos os dias, desde que se lembrava de si, assistia às abluções matinais do rei.

A voz suave de menina de cinco anos não estremeceu, apesar da enormidade da pergunta, nem uma sobrancelha subiu mais alta do que a outra, nem se alterou a respiração.

Impávida ela, porque as mãos do pobre criado tremeram tanto que quase entornou a taça de prata com água aquecida que segurava junto da cara do senhor seu rei, e agitado, o barbeiro afastou a navalha afiada da pele do seu senhor, gaguejando um

protesto. Mas, foi a gargalhada de Jaime I, rei de Aragão, que, como um sopro de vento, agitou a tapeçaria que cobria as paredes, fazendo tremelicar as chamas das velas que iluminavam o quarto, a esta hora da manhã ainda escura.

-Não me admirava nada- retorquiu divertido, puxando para o lado o mandil que tinha ao pescoço, um avental de linho e seda, fechado no decote com cinco botões de ouro.

-Também foi raptado como eu, não foi, avô? Mas deus Nosso Senhor salvou-o. Lê-me outra vez a sua história?

Jaime sorriu-lhe, sorria-lhe sempre, fascinava-o aquela neta de olhos tão verdes como os seus, que preferia ficar sentada a conversar, ou a ouvir filósofos e teólogos, do que a brincar com as bonecas que lhe trazia de cada viagem.”<sup>51</sup>

Nos últimos momentos de vida de D. Jaime, a infanta aragonesa não quer compreender e aceitar que o avô a vai deixar. Isabel não consegue preencher o vazio que o avô deixa com a sua partida. Aliás, ao longo da obra, vamos observando que muitas vezes D. Isabel se lembra do avô, recordando-o com estima e saudade.

É desta forma que a autora nos descreve este momento:

“Só deixou que a levassem quando entraram para amortilhar o corpo do Conquistador, preparando-o para a viagem final. Na antecâmara, inspirou o perfume da resina, da sílica e das ervas aromáticas com que o embalsamavam e pensou que o avô teria gostado que lhe juntassem óleo de rosas, mas nada disse.

Não se mexeu quando entraram os criados e vestiram o rei com o hábito de Cister, como era de sua vontade.

O choro das mulheres já ecoava em todos os cantos do paço, estendendo-se pelas ruelas da medina. Mas os olhos de Isabel estavam abertos e secos.

E da sua boca não saía uma palavra.

Como era possível que o avô tivesse partido sem ela?”<sup>52</sup>

Na análise comparativista que fizemos entre os dois romances que integram o

---

<sup>51</sup> STILWELL - 2017, p.23.

<sup>52</sup> STILWELL - 2017, p.57.

*corpus* do nosso trabalho, verifica-se que os silêncios da historiografia são tratados de forma divergente. Tal sucede, talvez, porque as duas autoras têm uma diferente formação e escolhem distintas perspectivas de abordar a história da Rainha Santa.

Enquanto na obra de Isabel Stilwell observamos um texto de cariz e estrutura jornalística, em que cada episódio é relatado muitas vezes ao pormenor, como se de uma reportagem se tratasse, onde não podem ocorrer lacunas de informação, Queral Del Hierro constrói a sua narrativa de forma diferenciada. A autora parece não esquecer a sua formação em História, mostrando ao leitor que há informação que não encontramos, ou porque se perdeu, ou porque a sua relevância para se fazer notar é diminuta. Assim, talvez por isso, por exemplo, a relação de D. Isabel com o seu avô não se afasta muito do que conhecemos dos textos historiográficos.

## **2.2. O irmão Jaime e Vataça**

Outro aspeto que nos pareceu relevante abordar no nosso trabalho foi a relação que Isabel manteve com os seus irmãos, sobretudo a sua proximidade com o futuro Jaime II, antes da vinda para Portugal.

A professora Maria Filomena Andrade adianta que Isabel:

“Com os irmãos terá tido uma infância de alguma cumplicidade, pois conhece-se bem a que existe, já na vida adulta. Com Jaime II, o irmão que nasceu cerca de quatro anos antes dela, mantém já na adultez um laço de confiança política simultaneamente alicerçado no afeto. E este só pode ter sido construído nos anos

em que viveram na infância. Tempo de construção da personalidade, este foi também um momento fundamental para Isabel perceber o que se esperava dela e aprender com os seus maiores o “bom” e fiel comportamento de um monarca e de uma rainha consorte.”<sup>53</sup>

Analisemos como a relação de Isabel com os irmãos é retratada na obra de María Pilar Del Hierro, durante a infância.

Isabel, sempre na primeira pessoa, e nos últimos momentos de vida, transmite ao leitor imagens vagas e difusas referentes a esse período tão longínquo. Talvez seja um artifício utilizado pela autora para tornar verosímil, apelando aos limites da memória pessoal, este quase silêncio sobre a infância. As cenas que encontramos referenciadas na obra, e que envolvem a presença de Isabel com os irmãos, são, por exemplo, a coroação dos pais enquanto reis de Aragão. Nestes momentos as crianças são observadoras passivas, assistindo com espanto e fascínio e na presença das respectivas amas<sup>54</sup>. Ainda assim D. Isabel é retratada como próxima dos irmãos, servindo de exemplo aos mais novos e exercendo autoridade, algo que lhe era aprazível. Observemos como a autora refere essa proximidade, até se decidir o seu casamento com D. Dinis.

“Naquela altura, tinha acabado de fazer dez anos e era uma menina alta e loira. O meu dia passava-se entre livros e orações, tapeçarias e bordados. Começava a deixar para trás as brincadeiras da infância e só esporadicamente me juntava aos meus irmãos Frederico, Violante e Pedro. Quando o fazia era para desfrutar da minha condição de irmã mais velha. Essa situação conferia-me uma indiscutível autoridade sobre aquela pequena tropa. Contava-lhes histórias, relatos fantásticos que, embora já os tivéssemos ouvido da boca de D. Betaza, eu adornava com novos detalhes que conseguiam intrigar a minha audiência. Sentia-me importante, quase tanto como os meus dois irmãos mais

---

<sup>53</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.88.

<sup>54</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.52-53.

velhos, Afonso e Jaime, que, com vinte e catorze anos respectivamente, já estavam plenamente integrados no mundo dos adultos. Um universo que eu sabia que me esperava.”<sup>55</sup>

Outra personagem da infância de Isabel foi Vataça, que é designada nesta obra por sua ama:

“Dona Betaza, ainda jovem, mas mais experiente do que eu - dizia-se que era viúva-, mas parecia mais compreensiva com a inquietude que me abalava e acreditava tranquilizar-me ao dizer:

-A vossa entrega será correspondida, menina Isabel, com os filhos que Deus vos enviará. Pensai como eles vos encherão de amor (como vós amais a vossa mãe) e como também tornarão mais sólida a vossa posição no trono.”<sup>56</sup>

O uso da palavra “menina”, mostra algum distanciamento entre a infanta e Vataça, podendo relacionar-se com a diferença de idades entre ambas e com o papel de responsabilidade que a ama tem para com a infanta.

Stilwell retrata, no seu romance, a relação entre Isabel e os irmãos, principalmente com Jaime. Ao leitor é dado a conhecer o triângulo afetivo entre Isabel, Jaime e Vataça. Os dois últimos, por sua vez, desenvolvem uma relação de amor romântico o que vai provocar o ciúme de Isabel que só mais tarde, já no final da vida de Vataça, compreende e aceita os sentimentos entre ambos. Isabel só priva com Jaime após a morte do avô, mas, aquando do reencontro entre ambos, o vínculo entre os irmãos vai sendo construído. O posicionamento político de Isabel, enquanto rainha consorte, é também ele fruto da proximidade que ela constrói na infância, quer com Jaime II, quer com Vataça que será a sua principal aliada, confidente e uma importante peça de xadrez político.

---

<sup>55</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.59.

<sup>56</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.74-75.

Na obra de Stilwell, os cenários, diálogos e pequenos momentos entre irmãos resultam da sua criação literária, aproximando o leitor às personagens, relatando a vida dos infantes como crianças dos nossos tempos, com as suas fragilidades, imaginário e memórias sensoriais. Observemos como Stilwell nos descreve esses momentos:

“Isabel, pela primeira vez desde que o avô a deixara, sentiu que um peso lhe saía do peito. Ia rezar com todas as forças para que o avô se transformasse depressa numa borboleta.

Jaime deu-lhe a mão, apertando-a entre a sua, e por instantes ficaram calados, até que Isabel inesperadamente perguntou:

-O avô contava-me que foste o único que choraste quando me trouxe de Saragoça, é verdade?

Jaime entusiasmou-se:

-Podes não acreditar, mas lembro-me dos murros que dei nas pernas do avô para que te largasse. E ele nem vacilou um bocadinho. Riu-se lá de cima e disse-me que não valia a pena mais fitas, porque a Rosa de Aragão ia com ele. A mim passou-me depressa, mas a mãe chorou durante dias e dias e dias...”<sup>57</sup>

Na anterior citação, a autora mostra Jaime quase como uma figura de substituição do avô em termos afetivos e emocionais. Tendo perdido a sua grande figura de referência, a infanta encontra neste irmão um apoio que sentirá ao longo da vida.

É desta forma que Stilwell nos dá a conhecer o triângulo de amizade entre Isabel, Jaime e Vataça:

“Mas a falta de insistência da princesa espicou-lhe a curiosidade: -O que é que vais discutir com o teu pai a uma hora destas? -quis saber e, antes que Isabel lhe pudesse responder, perguntou ansiosamente:

-O Jaime vai lá estar? -Atirando a colcha para trás, de seguida perguntou:

---

<sup>57</sup> STILWELL - 2017, p.64.

- Posso ir contigo?

Isabel nunca recusava a sua companhia, mas desta vez, para seu espanto, respondeu com uma autoridade que raramente usava com ela.

-Tu não vens! Ninguém te convocou, o rei pode não gostar.

E saiu do quarto, zangada. Porque é que Vataça queria estar sempre onde Jaime estava?

Admirava Afonso, piedoso e circunspecto, mas via-o pouco, lutava já nos exércitos do pai, e Frederico, mais novo do que ela por pouco mais de um ano, era apenas um rapazinho de caracóis dourados, mais interessado em aprender a manejar a espada e a montar a cavalo do que em conversar com uma rapariga. Quanto à pequenina Violante, andava ainda atrelada às pernas da ama, e demasiado ao colo da mãe, para o seu gosto.

Mas Jaime era Jaime.”<sup>58</sup>

Observamos também, nesta passagem do texto, como Isabel refere o seu posicionamento face aos restantes irmãos, e como a sua preferência por Jaime é visível, razão pela qual sente que Vataça é uma intrusa neste vínculo afetivo que tem como irmão.

Na obra de Stilwell, a relação amorosa entre o futuro D. Jaime II e Vataça é ficcionada, tal como a autora assume no *Dramatis Personae*. Esta criação literária ocorrerá não só para envolver os leitores na construção discursiva romântica, mas também para funcionar como um fio condutor da ação na história da obra propriamente dita. A figura de Vataça vai ser quem mostra, em primeira análise, à futura rainha o que se entende por amor romântico, vai ser também a sua confidente e figura central na intriga e posicionamento político quer de Jaime, quer de Isabel.

Este amor romântico, surgido na infância, vai-se mantendo ao longo de toda a vida das personagens: amor correspondido e consumado, mas impossível, face ao estatuto do futuro rei de Aragão. Acresce que se produzirá um afastamento físico entre ambos, pelas funções que Vataça vai desempenhar junto à esposa de

---

<sup>58</sup> STILWELL - 2017, pp.82-83.

D. Dinis e depois à filha do casal, em Castela.

Antes de partir para Portugal junto a Isabel, Vataça e Jaime entregam-se um ao outro, jurando promessas de amor, mas logo essas promessas não são cumpridas, quando Jaime tem de assumir o trono e casar-se com outra mulher. Ainda assim, ao longo da vida das personagens, esse amor permanece e, mesmo na morte de Vataça, é possível verificar que os dois amantes ainda não esqueceram o amor que os junta desde a infância. D. Jaime é retratado como tendo amado a sua primeira esposa Branca, de quem se revela extremamente apaixonado e devoto, não deixando, contudo, de amar Vataça. Verifiquemos como na obra de Stilwell esse amor é apresentado:

“-Esperar, mas esperar com que garantia? Sei bem como os homens são, sei bem como  
o meu pai se comportou com a minha  
mãe. Envelheço à tua espera e se mudas de ideia fico sem nada? E, sem lhe dar tempo  
de responder, soltou a mão e, furando caminho entre os convidados, desapareceu.  
Mas Jaime correu atrás dela, perseguindo-a pelas salas interiores, que permaneciam às  
escuras, correndo pelos degraus acima até à porta para as arcadas, que ouviu fechar  
com estrondo.

(...)

-Fui covarde, Vataça. Antes de partires, vou dar-te a garantia de que precisas, confia em  
mim.

A princesa encostou a cabeça ao seu ombro, inspirando o ar frio desta noite de inverno  
que tornava as estrelas ainda mais cintilantes.

-Prometeste amar-me para sempre, basta-me isso -disse-lhe. E Jaime prometeu.”<sup>59</sup>

Nos últimos dias de vida de Vataça, após a morte de Jaime, ela regressa da última viagem que fez para ver o seu amor maior e, em diálogo com Isabel, reflete acerca da sua vida, dos amores e desamores:

“- (...) Quando voltei a ver Jaime, o rosto branco contra o linho das almofadas, e ele me

---

<sup>59</sup> STILWELL, 2017, p.110.

sorriu e me estendeu a mão, num gesto de amor e confiança, percebi que me limitei a usar Pedro para sossegar a minha solidão. Nunca o amei como amei Jaime. E nunca, Isabel, seria capaz de por causa dele te perder a ti.”<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> STILWELL - 2017, pp.478-479.

## **PARTE II – Isabel na historiografia e na ficção: a vida em Portugal**

Centremo-nos, a partir de agora, na estadia de D. Isabel em Portugal.

Como é sabido, os casamentos nas famílias reais eram contratos políticos e diplomáticos alheios à vontade dos contraentes. Os costumes, a educação e as “razões de estado” não davam lugar à perceção do matrimónio vinculado ao amor romântico. Os papéis do casal estavam muito bem definidos, cabendo à mulher a submissão e obediência ao seu marido, deixando este, muitas vezes, questões românticas e de intimidade para a barregania.<sup>61</sup> O casamento de D. Isabel e D. Dinis não constitui uma exceção, como veremos.

Resolvemos abordar a receção da rainha na corte portuguesa, deter-nos em algumas mulheres que integravam a comitiva que a acompanhava, bem como o primeiro encontro entre D. Dinis e D. Isabel e as vicissitudes do seu matrimónio. Sendo a historiografia lacónica quanto a estes episódios, as versões apresentadas nas obras de ficção divergem entre si.

### **1. A chegada de D. Isabel a Portugal. A receção da corte e a comitiva**

Comecemos, para já, por analisar a forma como a historiografia e os dois romances abordam as circunstâncias da chegada da rainha a Portugal.

Escreve a professora Maria Filomena Andrade:

---

<sup>61</sup> PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor – “A nobreza portuguesa no período dionisino, contextos e estratégias (1279-1325)”. *En la Españã medieval* 22 (1999), pp. 61-176.

“Isabel não encontra na corte portuguesa um grande apoio familiar. A sogra, Beatriz (rainha-mãe de 1279 a 1303, possivelmente regente entre fevereiro de 1279 e outubro de 1280), encontrava-se desavinda com o filho. Com efeito quando o filho toma posse do reino, Beatriz retira-se para as suas vilas de Alenquer, Torres Novas e Torres Vedras. Seguramente não acompanhou a corte a Trancoso na receção à princesa, uma vez que está junto do pai Afonso X até aos últimos instantes da vida deste, dele recebendo o reconhecimento expresso nas doações que ele faz e na confiança que nela deposita ao confiar-lhe a execução do seu testamento, em janeiro de 1284. Pouco depois regressa a Portugal para ir viver nos seus paços em Torres Vedras, pelo que não acompanha de perto a nora. Este distanciamento não ajuda Isabel, mas por outro lado deve propiciar a rápida introdução na corte de uma influência aragonesa favorecida e mantida pela presença da nova rainha.”<sup>62</sup>

Isabel Stilwell, indo ao encontro da mensagem transmitida no anterior extrato historiográfico, dramatiza as circunstâncias da chegada de D. Isabel a Portugal, num diálogo entre as personagens Berengária, a ama da rainha, e Vataça, a aia:

“-Onde já se viu não estar nem sogra nem cunhada à espera de uma nova rainha, nem tão-pouco uma camareira-mor-protestou, contristada.

Vataça que pintava os olhos com uma mão, procurando manter firme um pequenino espelho na outra riu:

-Tu fugiste da mãe do teu marido, Berengária, estás sempre a falar nisso! Ao menos a da senhora Isabel está sitiada com as cunhadas em Sevilha. Menos uma preocupação!”<sup>63</sup>

Já María Pilar Queralt Del Hierro, relativamente às primeiras impressões da rainha ao chegar a Portugal, limita-se a colocar em evidência a sua perceção das diferenças entre a corte portuguesa e a aragonesa:

---

<sup>62</sup> ANDRADE - 2014, p.108.

<sup>63</sup> STILWELL- 2017, p.121.

“Naquela altura, tudo era novo para mim. A corte de Portugal era muito diferente da aragonesa, eu tinha poucos anos e ainda menos experiência. Em Aragão, por causa da minha idade, tinha permanecido à margem de muitos acontecimentos sociais e agora custava-me assumir o meu novo papel. Quando estava sozinha, o desalento invadia-me e, nos actos da corte, sentia-me permanentemente observada. Todos os meus movimentos eram analisados, todas as minhas palavras questionadas... E, possivelmente, pelo menos assim acreditava, o meu comportamento não era aprovado: sempre calada, sempre retirada, como que alheia a tudo o que me rodeava.”<sup>64</sup>

Isabel estranhava o reino e os costumes da corte, mas era acompanhada por pessoas de confiança que permaneceriam junto dela tanto nesta fase de transição como ao longo da sua vida.

Isabel Stilwell menciona assim a comitiva que Isabel traz de Aragão para Portugal:

“Duzentas pessoas eram quantas já estavam comprometidas. O bispo de Tarragona prestava toda a solenidade à ocasião, rezaria missas pelo caminho, oficiaria cerimónias, serviria de garante a acordos que fosse necessário estabelecer. Das suas damas, Isabel levaria um pequenino grupo das que lhe eram mais próximas, Beatriz de Cardona e, claro Vataça e Berengária, sem as quais se sentiria perdida. Isabel fizera também questão de que João Sens a acompanhasse, na certeza de que em Portugal o seu criado mais dedicado a ajudaria a continuar as suas obras. Precisava de alguém de confiança que lhe vendesse as joias, levasse dinheiro aos que escolhia ajudar e não tivesse medo de entrar numa gafaria para fazer um recado. Sim, João Sens era indispensável. E à última hora solicitara mais uma inclusão: “Quero levar comigo Frei Pedro Mercedário, porque de Portugal seguirá para Marrocos, mas até lá será meu confessor.” “Para confessar que pecados, senhora?”, perguntara-lhe quando lhe contara o plano para o ajudar e a infanta sorria: “ O da vaidade, que pelo menos, se continuar a dizer essas coisas.”<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.91.

<sup>65</sup> STILWELL, 2017, p.113.

Alguns membros da sua comitiva faziam parte da Casa da Rainha, uma estrutura constituída por homens e mulheres de diferentes estratos, rendimentos e jurisdições sobre territórios<sup>66</sup>. Uma estrutura na qual a professora Maria Filomena Andrade se deteve, na sua biografia, mas que foi ignorada nos dois discursos ficcionais. Mencionámo-la por dois motivos. Em primeiro lugar, para evidenciar esta omissão nos romances – uma matéria amplamente tratada nas biografias de rainhas. Por outro lado, utilizámo-la como prelúdio para nos determos em algumas figuras femininas que dela faziam parte<sup>67</sup>.

De facto, quando uma rainha chegava de outro reino, vinha acompanhada de um conjunto de mulheres de idades diferentes, nomeadamente de uma dama que a tivesse seguido desde o seu nascimento e durante toda a sua infância. Esta situação iria permitir à rainha a transição para o novo reino com alguma tranquilidade, mantendo assim muitos dos seus costumes e fazendo também com que esses se fossem interiorizando na corte de destino. Posteriormente, já no reino enquanto rainha consorte muitas outras mulheres se juntavam a este séquito, muitas delas procurando prestígio para as suas famílias. Neste sentido, a rainha era cercada de um universo feminino, funcionando como a figura primordial e unificadora de todo este núcleo. Também estas mulheres funcionavam como suporte à rainha, para a ajudar a inteirar-se acerca dos usos e costumes do seu reino.

No caso de Isabel de Aragão, sabemos que ela foi acompanhada por um séquito no qual se entregavam várias mulheres, entre outras, Vataça Láscaris, Marquesa Rodrigues e Joana Gonçalves Redonda<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> SILVA, Mariana Raquel Faria- As mulheres que acompanharam as rainhas de Portugal. Os séquitos femininos de Leonor Teles, Filipa de Lencastre e Leonor de Aragão (1371-1445), Universidade do Porto, Porto.

<sup>67</sup> ANDRADE - 2014, pp.125-127.

<sup>68</sup> ANDRADE - 2014, p.133.

Destacamos a figura de Vataça, já anteriormente referida: infanta grega, filha de Eudóxia Lascaris, tinha sido acolhida na corte aragonesa juntamente com sua mãe, beneficiando ambas da proteção desta coroa. Assim que chega à corte de Aragão Vataça é logo figura central para Isabel, crescendo a lado e ao serviço de Isabel. Acompanha a rainha para Portugal aquando do casamento com D. Dinis e aí contrai matrimónio com Martim Anes Soverosa, um nobre da corte, herdeiro de vasto património e bastante mais velho que ela. Este casamento, do qual não resultam filhos, durará dez anos. Não se lhe conhecem outras relações ou descendentes diretos. Será Vataça a aia da infanta Constança na sua deslocação para Castela. Nesta fase da sua vida, D. Fernando IV vai conceder-lhe benesses como agradecimento da sua intervenção na criação dos filhos com D. Constança e, também, para conseguir apoio junto da corte de Aragão. Na viuvez da rainha, Vataça fará parte da sua corte no paço do mosteiro de Santa Clara em Coimbra.<sup>69</sup> Também a questão da morte e do jacente destas duas mulheres é um sinal da proximidade entre as duas. O túmulo de Vataça, tal como o de D. Isabel, foram construídos por mestre Pêro.<sup>70</sup>

Observemos, agora, como as duas obras literárias retrataram o universo feminino que rodeava a rainha e como as personagens invocadas (umas reais e outras ficcionadas) ajudariam na construção da sua imagem: como poderiam influenciar a sua personalidade e decisões ou como ajudavam a preencher o enredo que completaria a informação que historicamente já conhecemos

Na obra de Maria Pilar Del Hierro referem-se mulheres que tiveram importância para Isabel e, sobretudo, uma.

Vataça é retratada como ama da rainha<sup>71</sup>. Esta personagem acompanha Isabel

---

<sup>69</sup> ANDRADE - 2014, p.137.

<sup>70</sup> ANDRADE - 2014, p.39.

desde o seu nascimento e vai ser o seu apoio do desempenho dos papéis de rainha consorte e mãe. Seria mais velha que a D. Isabel e, na corte de Aragão, como escrevemos, já se dizia que seria viúva, não havendo referência a mais dados sobre esse casamento. É mencionada como alguém que detém conhecimentos sobre astrologia, algo que é objeto de referências ao longo da obra e, também, de alguém que conhece o poder das ervas curativas. Isabel considera-a o “narrador” das memórias da sua infância. Atentemos então como é apresentada aos leitores pelas palavras de D. Isabel:

“No meu caso, o meu melhor narrador sempre foi D. Betaza. Ela explicava o “como” e o “quando” do meu nascimento, um acontecimento que viveu na primeira pessoa, e foi ela que me descreveu uma Saragoça exultante em festas onde repicavam os sinos e ressoavam os cânticos daqueles que, alertados pelos emissários do meu avô el-rei, assaltaram pacificamente as muralhas e, depois de atravessar o Ebro eram barcaças improvisadas, deixaram para trás aldeias e casarios para celebrar com alegria o meu batismo.”<sup>72</sup>

“Dona Betaza, ainda jovem, mas mais experiente do que eu -dizia-se que era viúva-, mas parecia mais compreensiva com a inquietude que me abalava e acreditava tranquilizar-me ao dizer:

- A vossa entrega será correspondida, menina Isabel, com os filhos que Deus vos enviará.”<sup>73</sup>

Neste romance, encontramos retratada a personagem Vataça como uma mulher recatada e que não dedica muita importância ou tempo a questões do amor físico e carnal. Ela desempenha o papel de conselheira e de ama dedicada que deve prover o bem-estar da sua rainha, coadjuvando-a no seu dia-a-dia. Ela é encarregue não só da educação da rainha na sua infância, como posteriormente

---

<sup>71</sup> Quando, como já vimos, no livro de Stilwell a ama era Berengária.

<sup>72</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.40.

<sup>73</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.74-75.

irá também ter a seu cargo a educação de Constança, quando a acompanha na ida e permanência da infanta em Castela. Vataça irá ainda ser o suporte emocional de Isabel no desencanto amoroso que esta irá sofrer na relação com D. Dinis e será também cúmplice na dinâmica da rainha com as barregãs de seu marido. Em termos das suas relações afetivas, além do rumor de ter sido casada antes de ficar com D. Isabel a seu cargo, também nesta obra é referido o seu casamento em Portugal com o fidalgo Castelhana Martim Anes e é-lhe atribuída uma filha deste casamento que posteriormente morrerá. Na viuvez da rainha, Vataça retorna para junto dela, acompanhando-a no paço de Santa Clara em Coimbra.

Na obra de Stilwell, a personagem de Vataça tem um papel fundamental para D. Isabel e também para o enredo associado às mulheres que acompanham a rainha consorte<sup>74</sup>. Como já foi referido, Stilwell atribui a Vataça um romance com o irmão de D. Isabel, D. Jaime II. Encontramos nesta obra referência a um outro amor de Vataça, Pedro de Urries, que será um embaixador da coroa aragonesa e que, ao se associar a Vataça, irá permitir-lhe ser muitas vezes um mensageiro que atua em seu nome e tem um papel fundamental na acção diplomática em favor da rainha D. Isabel.

Podemos então concluir que, nesta obra, Vataça seria o outro lado da moeda face a D. Isabel, no que diz respeito às vivências do amor. Enquanto D. Isabel é apresentada como recatada e mais vocacionada para a dedicação ao reino e aos filhos que tem com D. Dinis, Vataça é uma mulher que vive a paixão com encantamento, considerando o amor romântico fundamental para a sua vivência enquanto pessoa. Vataça é construída no romance quase como uma mulher dos nossos dias, ignorando convenções sociais ou preconceitos.

---

<sup>74</sup> Nesta obra, a personagem de Berengária é apresentada como a sua ama, sendo a mesma ficcionada. A autora também refere que da comitiva de Isabel fazia parte uma irmã colaça e outros criados que lhe eram próximos (Stilwell - 2017, p. 521).

Conclui-se que os dois romances retratam, de forma muito diferente Vataça, esta mulher que terá correspondido a um suporte da vida de D. Isabel.

## **2. Vicissitudes da vida conjugal**

Maria Filomena Andrade refere o encontro entre o casal, localizando-o no tempo e no espaço, inibindo-se, como seria expetável, de menções a sentimentos ou aspirações por parte dos intervenientes:

“Encontra-se finalmente com Isabel em Trancoso, em 1282, vila que ele lhe doou a 26 de junho. Aí estanciaram até ao fim de julho, realizando-se na vila os festejos da boda. Também aí Isabel pôde descansar e retemperar forças depois de tão longa jornada.”<sup>75</sup>

Os dois romances fantasiam sobre esse momento, relatando-o com riqueza de pormenores e descrição de emoções.

María Pilar Queralt Del Hierro detém-se a descrever os sentimentos de D. Isabel ao conhecer o marido; como ficou verdadeiramente encantada por ele, como estava nervosa e apreensiva com o momento e, mais tarde, deixa o leitor antever que esta paixão a vai desiludir. Nesta obra encontramos Isabel retratada como uma mulher que sente como uma mulher dos tempos atuais, que ama, sofre e anseia pelo ser amado; uma mulher que experimenta e verbaliza os episódios da sua intimidade e que se desilude com as infidelidades do marido. Retenhamos, para já, que a autora faz o retrato físico do rei, descrevendo-o como alto:

“Quando Dinis se aproximou, acreditei ver um deus. Alto, de pele escura e cabelos negros, os seus grandes olhos olharam-me com tal intensidade que a sua expressão

---

<sup>75</sup> ANDRADE - 2014, pp.107-108.

contradisse os seus modos discretos e cortesia. Contra o que manda o protocolo,  
ajoelhou-se no chão e disse:

-Sede bem-vinda ao vosso Reino, senhora. Consumia-nos a impaciência de vos ter entre  
nós.

Não me atrevi a olhar para ele. Com um fio de voz, respondi:

-Levantai-vos, meu senhor. Que não sou eu tão nobre dama para que um rei se prostre a  
meus pés.

-Sois mais do que uma dama, sois a minha rainha, senhora.

E, ao sentir o tremor que me agitava, acrescentou:

-Mas não vos perturbais pequena. Estais entre gentes que vos querem bem. Aquele  
“pequena” desconcertou-me. Algo dentro de mim dizia que o que me inspirava naquele  
homem forte e bonito que tinha perante mim não era um sentimento infantil. O meu  
nervosismo não se devia à timidez nem à ingenuidade. Não. Era um sentimento novo,  
desconhecido para mim, que me fazia sentir tremendamente perturbada e orgulhosa de  
que, de alguma forma, aquele homem, que não o soberano, me pertencia.”<sup>76</sup>

Também Isabel Stilwell se detém nos sentimentos que assolam D. Isabel, neste primeiro encontro, mencionando ainda a preocupação que D. Dinis experienciou, quando confrontado com a altura da sua esposa:

“ O estalido da portinhola trouxe-a de volta à realidade.

-Bom dia, Rosa de Aragão -disse-lhe aquele que não podia deixar de ser o rei de  
Portugal, entregando-lhe uma rosa cor de sangue, o perfume intenso.

Isabel gostou do que viu. O rosto que a observava sorria, os olhos grandes de um  
castanho-esverdeado pareciam tranquilos, o nariz aquilino era proporcionado. Mas o que  
mais a atraiu foi a barba arruivada, contrastando com a pele clara coberta de sardas.

Mais do que conhecê-lo, sentiu que o reconhecia.

-Bom dia- respondeu em português, procurando imitar o sotaque do rei.

-E bom dia será – acrescentou Dinis, dando-lhe o braço para que descesse o degrau,  
escondendo com dificuldade o espanto por vê-la da sua altura.

---

<sup>76</sup> QUERAL DEL HIERRO, 2009, p.88.

Tinham-lhe dito que era alta, e sabia como era alto o senhor D. Pedro, mas se Isabel já era da sua altura aos doze anos, viria certamente a ser bem mais alta do que ele.”<sup>77</sup>

Sobre a altura da rainha, encontramos na obra de Helena Sacadura Cabral *As Nove Magníficas* a seguinte passagem:

“O que se sabe da sua formosura vem, sobretudo, da descrição feita por António de Vasconcelos (1860-1941), nos livros que dedicou à rainha Santa Isabel. Na verdade, tendo assistido a três aberturas do seu túmulo, revelará: “De estatura superior ao normal pois tinha 1,76m de altura, ela era robusta, cheia, formosa de rosto, e cabelos louros enquanto nova, os quais depois se tornaram castanhos, e não chegaram a embranquecer com a idade, pois ao morrer ainda não tinha cãs. Eis as notícias certas que há.”<sup>78</sup>

Por outro lado, a comparação das características físicas atribuídas nos dois romances a D. Dinis, porque antagónicas, permite avaliar a liberdade criativa das autoras.

A historiografia não elabora muito sobre a vida conjugal de D. Dinis e D. Isabel. É certo que a filha mais velha do casal nasceu apenas oito anos após a boda. Maria Filomena Andrade apenas afirma que a rainha quando casou ainda não tinha catorze anos, o que não lhe permitiu logo consumir o casamento e assegurar a sucessão do trono<sup>79</sup>. Pese embora a maioridade na idade média ser doze anos para as raparigas e catorze para os rapazes, encontramos também, nas palavras de José Augusto Pizarro, que a vida sexual e marital começaria pelos catorze anos<sup>80</sup>:

---

<sup>77</sup> STILWELL - 2017, p.123

<sup>78</sup> CABRAL, Helena Sacadura - *As nove magníficas, O Fascínio do poder*. Lisboa:A esfera dos livros, 2011.

<sup>79</sup> ANDRADE - 2014, p.109. Refira-se que, na versão do romance de QUERAL DEL HIERRO, o casamento foi consumado quando se celebrou (pp. 92-93).

<sup>80</sup> Não descartando que o autor faça esta afirmação sob o ponto de vista dos homens.

“(…) tinha então 20 anos e D. Isabel completara poucos meses antes os 12 anos. Uma diferença considerável ainda hoje, sobretudo nestas idades, e mais ainda naquele tempo, quando é sabido que a vida sexual e mesmo marital começava a partir dos 14 anos.”<sup>81</sup>

Em termos ficcionais, este hiato entre a celebração do casamento e o nascimento dos filhos reunia todas as condições para ser bem aproveitado.

Na obra de Isabel Stilwell encontramos duas referências acerca da concepção dos filhos que merecem ser referidas. De acordo com a primeira, Isabel, já casada com o rei e aos catorze anos, ainda não era menstruada, temendo por isso ser repudiada pelo marido por não poder consumir o casamento<sup>82</sup>.

““Dinis aceitara esperar dois anos pela consumação do casamento, mas já fizera 14 anos há dois meses e ainda nada. E se a repudiasse, imaginando-a incapaz de lhe dar filhos? Atrevera-se a escrever a Arnaldo Vilanova, expondo-lhe com ousadia a questão, e dele recebera o livro de Pedro Hispano, pedindo-lhe que seguisse as palavras do grande médico e antigo papa português. Corara quando vira o título do capítulo assinalado –“Provocação da Menstruação”-, mas, depois de o ler com cuidado, pedira a Berengária que no máximo segredo lhe fizesse a poção indicada: raiz de açucena triturada com azeite e cozida nas brasas. Ingerira a mistela sem um protesto, mas ainda nada!”<sup>83</sup>

Isabel pretendia ser menstruada para evitar o repúdio do rei e, no futuro, dar-lhe um filho varão. De facto, novamente com a ajuda de mezinhas do seu mestre Vilanova, conseguiu evitar a gravidez nos primeiros tempos, uma vez que o reino

---

<sup>81</sup> PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor - *D. Dinis*. Porto, Círculo de leitores, 2005 (Col. Reis de Portugal, VI), p. 20.

<sup>82</sup> Esta afirmação é contrária à referência de Queral Del Hierro, que relata que aos doze anos e ainda em Aragão, a rainha já é menstruada (p. 68)

<sup>83</sup> STILWELL, 2017, p.131.

estava excomungado e, como tal, Isabel queria salvaguardar a legitimidade dos futuros filhos. Ou seja, a rainha estava a gerir a conceção dos seus filhos, definindo o momento em que eles deviam nascer<sup>84</sup>.

Mas a explicação mais apetecida pelos dois romances para a ausência de filhos nos primeiros anos do casamento é a da infidelidade de D. Dinis.

De facto, também na obra de Stilwell, mas numa fase da vida de Isabel mais tardia, encontramos a rainha novamente a pedir os conselhos do Mestre Vilanova, pois apenas tivera dois filhos.

“Tenho vinte e três anos e sou saudável, porque não cresce em mim uma nova vida?

“Será que a senhora D. Isabel pratica de menos e o senhor D. Dinis demais?”,

respondera-lhe ele de imediato, levando a que até Vataça, invulgarmente calada, se sobressaltasse. Vilanova entusiasmara-se nas explicações, andando de um lado para o outro, como se estivesse em Montpellier perante uma sala cheia de alunos. (...)

É preciso desejo para que o coito se realize, e a saúde obriga a que o sémen feminino, produzido nos ovários, e o sémen masculino, que se fabrica nos testículos, sejam eliminados, naquilo que os antigos explicam como os resíduos da terceira digestão (...)

Vataça fora a primeira a falar, uma hipótese murmurada num sussurro:

-Isabel, há muito tempo que não há notícias de mais bastardos.”<sup>85</sup>

María Pilar Queralt Del Hierro atribui os momentos de afastamento do rei, principalmente na fase inicial do casamento. à diferença de idades entre ambos e como D. Dinis considerava Isabel uma menina. Esta situação abria espaço a que o rei tivesse inúmeras barregãs. Observemos, então, como é retratada a vida conjugal dos reis e como esta é colocada em evidência ao longo do romance.

---

<sup>84</sup> STILWELL - 2017, p.156.

<sup>85</sup> STILWELL - 2017, p.209.

“Restava-me então perguntar ao meu esposo, o que se me afigurava uma difícil missão, uma vez que raramente o via. Diziam-me que as suas muitas ocupações o mantinham afastado de mim, mas aquele “pequena” com o qual me saudou era uma espada que dilacerava o meu coração. Embora não tivesse tido outro contacto carnal com ele para além do dia da nossa boda e, embora D. Betaza me assegurasse de que eram apenas os grandes negócios que o mantinham afastado de mim, estava convencida de que o seu desafeto se devia ao facto de, aos seus olhos, eu ser uma menina. Em qualquer caso, o seu distanciamento era motivo de murmurinhos na corte”.<sup>86</sup>

No romance de Queral Del Hierro, num diálogo entre o casal, D. Dinis, num momento de cólera com a esposa, por esta não aceitar a sua relação com barregãs, acusa-a de ainda não lhe ter dado filhos e ameaça devolvê-la a Aragão.

“Apareceu uma tarde à cabeceira da minha cama. Quando o vi, senti um enorme alívio. De tal forma que parecia que a tenaz que perpetuamente me oprimia o peito se aliviava.

Mas quando esperava carícias ou atenções, recebi apenas ordens.

Não me devia ter iludido. A expressão da sua cara falava por si. Com o sobrolho franzido, um esgar de desprezo selando os seus lábios e um olhar tremendamente frio, aproximou-se, decidido, da minha cama e sentou-se ao meu lado. Como se de um estranho se tratasse, distante e sem qualquer preâmbulo, disse-me:

-Sabei, senhora, que sois a rainha e, como tal, deveis dar o exemplo-fez uma pausa e continuou:

-Exemplo e algo mais: um herdeiro ao trono. Se continuais com essa atitude, conseguireis apenas que vos devolva a Aragão de onde, bem o lamento, começo a pensar que nunca deveríeis ter saído...”<sup>87</sup>

D. Isabel devolvia a acusação declarando que o rei não passava tempo com sua esposa, pois estava ocupado e encantado com as barregãs. Aliás, numa parte da obra, é referido que a razão para a corte se estabelecer em Lisboa tinha que ver

---

<sup>86</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.97.

<sup>87</sup> QUERAL DEL HIERRO,2009, p.113.

com o interesse do rei pela barregã Aldonça e não por ter aí instalado os Estudos Gerais.

Claro que a corte era itinerante, o que a autora ficcionalmente ignora, associando a sua pretensa localização ao tipo de vida mundana do rei.

Atentemos nessa passagem:

“ (...) não obstante os meus esforços, o meu esposo continuava longe de mim. É certo que tínhamos recuperado algum afecto e alguma cordialidade, mas não seria possível conceber um filho se, como acontecia, as suas visitas aos meus aposentos continuassem tão espaçadas. O mesmo não podia dizer D. Aldonsa, que o rei tinha instalado nos arredores de Lisboa e quem, segundo diziam, frequentemente visitava ainda que à custa de um percurso de várias léguas.

Talvez fosse essa a razão-e não o seu propósito de ali estabelecer os Estudos Gerais, como dizia- de, no início de 1289, o rei decidir instalar a corte em Lisboa por uma longa temporada.<sup>88</sup>

Queral Del Hierro faz mesmo referência à lenda da formação de Odivelas, num diálogo entre D. Isabel e o rei seu marido:

“-Não me enganeis. Sei que ides em busca de certa dama que, pelo que dizem, ali reside e tem a sorte de gozar da vossa companhia mais do que eu...-disse-lhe, delicadamente, aproximando-me.

Apertou-me com suavidade e, beijando-me a mão, respondeu:

-Podeis ficar tranquila, senhora. Seja ou não essa dama quem me espera, vós sereis sempre a minha rainha.

E, inclinando-se, saiu dos aposentos enquanto eu sussurrava:

-Ide vê-la, senhor. Ide vê-la, que também eu encontrarei forma de o fazer.”<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> QUERAL DEL HIERRO, 2009, p.117.

<sup>89</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.119.

Na página oficial do município de Odivelas<sup>90</sup>, encontramos a referência a esta frase que D. Isabel terá proferido a D. Dinis; com efeito, a expressão *ide vê-las* terá evoluído para o topónimo Odivelas. Trata-se de uma das lendas encontradas para a formação do topónimo desta localidade; segundo ela, o rei fazia o caminho desde o lumiar para Odivelas para se encontrar com várias mulheres, sem a específica menção a Aldonça. Na obra a expressão utilizada é “-Ide vê-la, senhor.”

Em termos gerais, pode afirmar-se que, na obra de María Pilar Queral Del Hierro, a figura de Isabel é retratada como uma heroína romântica, que não tem pejo de mostrar os seus sentimentos pelo rei e que se deixa levar pelas emoções, articulando a sua conduta entre a harmonia e a cólera. A faceta apaixonada e apaixonante de Isabel é posta em evidência, talvez como estratégia de identificação e de apropriação por parte do leitor. O cariz piedoso da rainha também é referido, mas aparece desenvolvido em segundo plano. Encontramos uma intenção clara da escritora em associar o carácter da personagem principal a um plano mais terreno e até mesmo por vezes profano, em que o amor pode levar à perdição ou, em oposição à redenção da mulher. Da mesma forma, a D. Dinis são atribuídos sentimentos e atitudes, no âmbito conjugal.

A figura de Isabel que Queral Del Hierro nos dá a conhecer é uma mulher que não vive pacificada com as infidelidades do marido, não as aceita nem compreende.

“No fim de contas, a minha mãe, a minha avó e tantas outras ilustres senhoras tiveram de assumir a mesma situação, mas torturava-me saber que era vítima de um engano. Por que me dedicou tão doces palavras se não as sentia? Por que me tinha deixado crer que era delicadeza o que apenas era indiferença? Se eu tinha gosto em que nada faltasse ao seu pequeno Pedro Afonso, que necessidade tinha ele que a sua mãe tivesse debaixo do mesmo tecto? Mas, por mais perguntas que fizesse, não encontrava resposta

---

<sup>90</sup> Consultar <https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/historia> [História | CM Odivelas \(cm-odivelas.pt\)](#)

para tanta humilhação e o meu dia-a-dia tinha-se convertido num longo e eterno sofrimento.”<sup>91</sup>

Para finalizar esta parte da análise da obra de Queral Del Hierro, parece-nos também pertinente referir a passagem em que é relatada a conceção do filho varão dos reis, Afonso. Este episódio desenvolve-se com um diálogo entre o rei D. Dinis e D. Isabel, nos aposentos da rainha, após uma tentativa de encontro frustrada entre o rei e a sua barregã Marina Gomes. A rainha, sabendo que esta tinha outras relações com outros homens que não o D. Dinis, confronta o marido com essa situação e o mesmo, furioso, esbofeteia-a. Em seguida pede-lhe desculpa e a rainha deixa-se envolver neste pedido e nessa ocasião o filho é concebido.

“Aborrecida pela forma como tinha irrompido na minha intimidade, não pude evitar insistir no tema:

-E a isso se deve o vosso mau humor? Ou talvez a causa seja o facto de não terdes encontrado o esperado do outro lado do rio...

-Já vos disse que a chuva alagou os campos e tornou impossível chegar até onde será construído o novo mosteiro...

- Ou será melhor dizer que D. Marina estava ocupada com outros afazeres e não vos pôde receber? - Contestei, mal-humorada.

Agarrou-me bruscamente no braço e, olhando-me nos olhos, disse:

-Também vós tendes de falar de D. Marina? O que sabeis, o que vos contaram? O que se passa nesta corte que todos parecem saber mais do que o rei?

- Soltai-me!-gritei. -E o que se passa com este rei que não se importa de andar na boca de todos os seus cortesãos? Se não vos deixardes arrastar por essas mulherzinhas...

Uma sonora bofetada interrompeu a minha alegação. A surpresa fez-me cambalear e apenas consegui murmurar:

- Que Deus vos perdoe... e me ajude a mim a fazê-lo. Estava ofendida como mulher e como rainha. Mais do que o meu rosto avermelhado, dóia-me a alma.

Apoiei-me na parede para não cair.

---

<sup>91</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.111.

Dinis olhava para mim atônito como se não compreendesse o que se tinha passado.

Imóvel, convertido em estátua de sal como a mulher de Lot, olhava-me com uma expressão de horror, incapaz de dizer uma palavra. Por fim, ajoelhou-se diante de mim, abraçou as minhas pernas e desatou a chorar enquanto me pedia perdão sem parar.

(...)

Quando o consegui levantar, ele abraçou-me e, por entre carícia, tentámos sarar com amor as feridas de uma situação que jamais deveria ter acontecido.

Nove meses depois nasceu o meu filho Afonso.”<sup>92</sup>

Esta agressão de D. Dinis a D. Isabel, mencionada por Queral Del Hierro, que associa a conceção do filho a um episódio de violência parece remeter para problemas que são discutidos na contemporaneidade.

### **3. Mãe de dois filhos e educadora de vários**

Sendo que gerar os filhos do rei e assegurar a sucessão ao trono era o papel fundamental para a rainha, achamos por bem dedicar uma parte do trabalho a perceber como esta função foi retratada ficcionalmente nos romances que estamos a analisar. De que forma a relação de D. Isabel com os dois filhos nos é apresentada, como reage o seu marido a estes nascimentos e, ainda, como a personalidade da rainha pode ou não mudar, ao longo dos anos, influenciada pelas vivências que vai absorvendo através do contacto com os filhos.

Ainda que com a filha Constança, por esta ter ido muito jovem para Castela aos cuidados de Maria de Molina, Isabel não pôde experienciar ao longo do tempo a ligação do amor materno<sup>93</sup>, consegue cumpri-lo na figura de seu filho Afonso. A

---

<sup>92</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.157-158.

<sup>93</sup> ANDRADE - 2014, pp.110-115.

pequena Constança, tal como D. Isabel, estava destinada desde o nascimento a ser esposa e rainha consorte. Afonso, em contrapartida, seria o herdeiro do trono e, como tal, Isabel teria também ela que o preparar para o seu destino, tendo participado no fomento de alianças matrimoniais políticas.<sup>94</sup>

Vejamos como a historiadora Maria Filomena Andrade refere o papel de mãe desempenhado por D. Isabel.

“Isabel parece ter cumprido assim o seu destino como geradora de filhos e herdeiros do trono português. Casando-os com príncipes castelhanos, estava assegurada uma paz e uma aliança que unia direta e indiretamente toda a Península”

(...)

Isabel procura dar uma educação esmerada aos seus filhos, passando com eles grande parte do seu tempo, até porque, como mãe, era a depositária da tradição familiar e encarregava-se do ensino da fé cristã pelo exemplo e pela correção.”<sup>95</sup>

María Pilar Queralt Del Hierro trata a questão da maternidade de uma forma peculiar. Para a autora, a gestação de um varão e herdeiro do trono vai ser apresentada como uma imposição de D. Dinis, bem como uma ameaça de que se tal não se verificar, deverá repudiar Isabel e devolvê-la a Aragão. Este tema será também motivo para o afastamento e posterior proximidade do monarca e manifestação por parte deste de amor e paixão por Isabel.

“-Sabei, senhora, que sois a rainha e, como tal, deveis dar o exemplo-fez uma pausa e continuou: -Exemplo e algo mais: um herdeiro ao trono. Se continuais com esta atitude, conseguireis apenas que vos devolva a Aragão de onde, bem o lamento, começo a pensar que nunca deveríeis ter saído... (...)

---

<sup>94</sup> GIMENEZ, José Carlos - *O papel político da rainha Isabel de Portugal na Península Ibérica:1280-1336*. Universidade Federal do Paraná,2005.

<sup>95</sup> ANDRADE - 2014, pp.113-114.

Decidi que, a partir daí, iria ser a soberana de Portugal e, como tal, mãe de todos os que estão sob a minha coroa”<sup>96</sup>

Como já mencionámos, a escritora dá voz a Isabel, a qual, no final da vida, faz um balanço sobre a sua relação com o filho e como o criou. Afirmando que Afonso foi quem mais amou na vida, a rainha reflete e assume a culpa que tem no temperamento do filho e nas ações preconizadas por ele:

“O meu filho...Vou atrasando, neste relato das minhas muitas culpas, tudo o que tenha a ver com ele. Porque Afonso foi e é o ser que mais amei no mundo, mas foi também ele quem me causou as maiores dores. Tudo o que está relacionado com ele foi sempre extremo. Procurou-me tanto na felicidade como na amargura, mas nunca me deixou indiferente.”<sup>97</sup>

É mais uma vez visível o retrato de Isabel como uma mulher que sente e se deixa influenciar pelos sentimentos e não tem medo de os exprimir. Este discurso na primeira pessoa, com carácter emotivo e quase catártico, leva o leitor a identificar-se com a protagonista da história e a posicionar-se quanto às personagens da narrativa, podendo até fazer juízos de valor acerca das suas atitudes e pensamentos.

Isabel Stilwell faz várias vezes referência à educação que Isabel transmitia aos filhos, como esta era próxima e como velava por eles, vigiando de perto as suas amas, como os aspetos religiosos lhes eram transmitidos e como muitas vezes os filhos acompanhavam as viagens que os reis efetuavam.

“A voz da pequenina Constança num tagarelar sem fim, brincando com a meiga Bé de Cardona, a filha de Beatriz e Raimundo, trouxe-a de volta a Santarém. À medida que os

---

<sup>96</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.113-115.

<sup>97</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.154.

infantes cresciam, rodeados das pessoas que ia escolhendo e que tornava seus aliados, Portugal tornava-se cada vez mais a sua casa. Tratava as amas de Constança e de Afonso como vira sempre Berengária ser tratada, valorizando o afeto que sentiam pelos príncipes a quem davam o seu leite, fazendo questão em acolher com elas os coloços dos seus filhos para que não crescessem longe das mães, tal como vira fazer em Aragão.”<sup>98</sup>

Esta autora retrata Isabel também como uma mãe muito protetora dos seus filhos, especialmente de Afonso, que o educa à sua imagem. A rainha demonstra muitas vezes ter orgulho no filho e nas suas ações e posicionamento. D. Isabel refere várias vezes que Afonso é um homem educado na fé cristã e que, ao contrário de seu pai, não pratica a barregania, respeitando assim a sua esposa. Muitas vezes D. Dinis a acusa de não ter dado uma educação adequada aos filhos e daí advir a má relação que Afonso tem com o monarca.

Neste posicionamento de Isabel face ao filho, podemos encontrar um prolongamento da relação que tinha criado com o irmão Jaime. A família de sangue representa o papel primordial na vida da rainha.

“Isabel olhou o filho com orgulho. Era a primeira grande viagem de Afonso, que aos 13 anos prometia ser mais alto do que o pai, mais alto mesmo do que a mãe- os cabelos subitamente ondulados, a voz a engrossar. Nos últimos dias assinalara no mapa os lugares de que falava o Livro dos feitos de Jaime I, o conquistador, na ânsia de confirmar se passariam por lá. “Já só sonho com todos os sítios de que a mãe fala”, repetia incansavelmente”<sup>99</sup>

(...)

”A rainha agitou-se: -Afonso não é desses. Afonso acredita na castidade, nos votos do matrimónio e tem todas as intenções de os cumprir. Afonso não é ...

-Como Dinis- completou Vataça, mas Isabel corrigiu-a:

---

<sup>98</sup> STILWELL - 2017, p.195.

<sup>99</sup> STILWELL - 2017, p.299.

-Como tantos homens, era o que eu ia dizer.”<sup>100</sup>

D. Isabel irá assumir também o papel de educadora dos filhos ilegítimos do marido, que são criados na corte, como era costume à época.<sup>101</sup> Também desempenhará uma função fundamental na educação da sua futura nora que vem para a corte portuguesa aos quatro anos de idade.

Com efeito, Maria Filomena Andrade refere o seguinte:

“Neste sentido, Isabel providenciou aos infantes e aos bastardos do seu marido, bem como à futura nora (que veio para Portugal com cerca de 4 anos de idade), uma educação que proporcionasse às crianças a aprendizagem dos gestos e orações rituais, bem como do comportamento a ter na igreja e nos seus rituais e celebrações.

(...)

“Mas, no que respeitava às filhas, a educação materna era mais preponderante, em especial no que concerne às lides domésticas, necessárias ao seu futuro desempenho do papel de esposas e mães, treinando as artes do bordado e da tecelagem, tão caras à mulher nobre de então. Importante era ainda a educação moral das jovens, fiscalizando-se os seus comportamentos e velando-se pela sua castidade.”<sup>102</sup>

No que à educação dos filhos bastardos diz respeito, Isabel Stilwell refere que o próprio D. Dinis pede a D. Isabel que fique com a responsabilidade dos seus filhos ilegítimos, caso lhe aconteça alguma coisa. Pede que ela fique responsável e sua tutora e que possa administrar os seus bens na melhor forma que lhe aprover. D. Isabel aceita proteger os seus filhos, que refere já frequentarem a corte e receberem lições e cuidados, desde que estes não ponham em perigo os direitos dos seus próprios filhos.

---

<sup>100</sup> STILWELL - 2017, p.342.

<sup>101</sup> ANDRADE - 2014, p.117.

<sup>102</sup> ANDRADE - 2014, pp.114-115.

“-Quer que fique também com a guarda dos seus filhos, que, de qualquer forma, já frequentam esta corte e nela recebem lições e cuidados?

(...)

-Dinis, fica claro que protejo os seus filhos desde que, evidentemente, não ponham em risco, seja de que forma for, os direitos do nosso filho Afonso.”<sup>103</sup>

Neste sentido, podemos referir que na obra de Isabel Stilwell se infere que Isabel aceita como comum a situação dos filhos ilegítimos do rei na corte e que é a sua principal provedora da educação. Ainda assim, tendo por principal objetivo a garantia de que os direitos dos seus filhos nunca são postos em causa e pensando sempre no vínculo que D. Dinis teria com as amantes.

(...)

“Isabel hesitara em trazer os filhos, sobretudo durante um verão tão seco como este e em que, por excesso de calor e falta de água, as doenças se transformavam em epidemias.

Mas Dinis fora a favor. Tão a favor em levar as crianças, pensou Isabel, que juntou à embaixada os seus dois bastardos mais velhos. E se podia perceber o sentido de trazer consigo Pedro Afonso, que aos oito anos já montava sozinho, não entendia porque insistira em que viesse também Afonso Sanches, ainda menino. Certamente pressão de Aldonça, que ou se enganava muito ou estaria em alguma das terras onde pernoitassem.”<sup>104</sup>

María Pillar Queralt Del Hierro, coloca D. Isabel a utilizar os filhos bastardos do rei para castigar as suas mães pela prática da barregania. Com efeito, a rainha é muitas vezes retratada nas suas próprias memórias como uma mulher vingativa e ardilosa e que dispõe as peças do xadrez conjugal de forma intencional, jogando as peças certas que, neste caso, são os filhos ilegítimos do rei, para castigá-lo e, em última instância, atingir os objetivos que inicialmente traçou.

<sup>103</sup> STILWELL - 2017, p.258.

<sup>104</sup> STILWELL - 2017, p.221.

De novo reconhecemos sentimentos atuais na pessoa de Isabel de Aragão, apropriando-se a autora de fantasias para vincular o leitor à personagem principal, aproximando a rainha a uma mulher “normal”, com sentimentos por vezes contraditórios e cuja personalidade é também ela influenciada por emoções e vivências pelas quais vai passando ao longo da sua vida.

Como exemplo dessa situação podemos referir dois episódios da obra. O primeiro quando D. Isabel toma conhecimento que Aldonça tinha dado ao rei o filho Afonso Sanches e resolve ir buscá-lo para, de alguma forma, castigar a mãe. O segundo, quando pretende levar a filha do rei com Marinha Gomes para Castela, sob o pretexto também de que esta fique sem a sua filha, tal como ela ficará sem Constança.

“E, em qualquer caso, será justo que seja educado longe do mau exemplo da sua mãe que, afinal de contas, não é mais do que a concubina do rei... Aldonsa correu para junto do berço.

-Não mo tireis, senhora-gritou.

-Como vos atreveis a levantar-me a voz? Escutai-me, Aldonsa, não duvido que ameis o vosso filho, mas como bem dizeis, a coroa ainda não tem herdeiro que lhe corresponde. Talvez, se for essa a vontade de Deus, chegue algum dia. Mas, em qualquer caso, como rainha e como cristã, não posso deixar que uma criatura de Deus seja criada por uma mulher como vós, leviana e desencaminhada...

E sem lhe dar tempo para responder, ordenei:

-Betaza, pegai na criança para regressarmos ao palácio. Lá-acrescentei contundentemente-receberá a educação e os cuidados que lhe correspondem como filho do rei. E eu encarregar-me-ei de o ensinar a ser um bom cristão.

(...)

Nem sei se realmente procurei o bem da criança ou se queria apenas tirar a Aldonsa o único papel que podia desempenhar: o de mãe do filho do rei.”<sup>105</sup>

“Depois, já sem lágrimas, acrescentei:

---

<sup>105</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.122.

-E reuni também os pertences de D. Maria, a filha de Marina Gomes. Tiraram-me a minha filha, mas ela também ficará sem a sua.”<sup>106</sup>

#### **4. A ação diplomática e política de D. Isabel**

A professora Maria Filomena Andrade considera que a atuação política de D. Isabel atravessa quatro momentos distintos, desde que a ela chega a Portugal enquanto rainha até que o seu papel enquanto consorte termina e ela se torna rainha-mãe e viúva. Esses momentos são: o período de adaptação entre 1282 e 1291; a primeira afirmação de influência entre 1291 e 1300; os anos de intervenção e da paz entre 1300 e 1311 e um último momento que apelida de os anos de grande conflito<sup>107</sup>.

O primeiro momento referido pela professora Maria Filomena Andrade inclui a chegada de Isabel a Portugal e a sua adaptação ao reino e ao papel que a esperava de gerar o filho varão e, assim, assegurar a descendência da família real. Pouco se sabe acerca da sua intervenção política nas decisões do reino. Isabel encontrará uma corte portuguesa algo diferente da aragonesa e aproveita este período para se inteirar acerca dos costumes do reino que a acolhe.

No segundo momento, e com o adensar das lutas políticas e territoriais entre Castela e Aragão, encontra-se a primeira influência e ação notória da rainha, aproveitando as relações privilegiadas que mantém com o seu reino de origem. Isabel irá usar da sua influência, também para controlar o que acontece em Castela.<sup>108</sup> Devido à sua proximidade com o irmão Jaime II, algo que mantém ao longo da sua vida, a rainha tem uma palavra a dizer nas decisões de D. Dinis face

<sup>106</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.144.

<sup>107</sup> ANDRADE - 2014, p.142.

à sua posição acerca de Castela e da sua relação com Maria de Molina. Para o monarca português, o facto de ter desposado uma infanta de Aragão vai trazer-lhe prestígio, permitindo ser árbitro peninsular, nas questões políticas dos territórios<sup>109</sup>. Também é referido que Isabel não terá pejo de ir contra o marido na questão da legitimação dos filhos de D. Afonso, irmão de D. Dinis.<sup>110</sup>

O terceiro momento coincide com as várias ações de diplomacia entre D. Dinis e D. Jaime II, permitindo a D. Isabel mostrar o papel fundamental que vai exercer nos contactos por ela efetuados, junto do irmão na busca de paz. D. Isabel e D. Dinis vão ser de extrema importância para a ação pacificadora que se impunha. É mesmo referido o agradecimento que Jaime II faz à irmã e ao monarca português neste sentido. São várias as cartas e mensageiros enviados por Isabel, em que direta ou indiretamente reforça a sua ação<sup>111</sup>. A professora Maria Filomena Andrade refere que, é neste período, que se revela o levantamento de algumas vozes contra D. Isabel, por alguns fidalgos fiéis a D. Dinis, descontentes com a intervenção da rainha nos assuntos do reino, uma vez que a associam a uma ingerência de Aragão, por via da relação de proximidade que mantém com o irmão. Esta questão vai provocar também alguma erosão na relação entre os membros do casal<sup>112</sup>.

Num quarto momento, o reino vai atravessar internamente uma situação difícil, com o descontentamento da nobreza e também da relação de tensão entre D.

---

<sup>108</sup> ANDRADE - 2014, p.151.

<sup>109</sup> ANDRADE - 2014, p.157.

<sup>110</sup> D. Isabel vai opor-se claramente ao pedido de D. Afonso de Portugal para que o rei legitime os seus filhos e reconheça a sua progenitura, uma vez que tal poderá em última instância a posição dos filhos de D. Dinis e D. Isabel enquanto herdeiros legítimos ao trono. Leia-se ANDRADE - 2014, p.157.

<sup>111</sup> ANDRADE -2014, pp.159-161.

<sup>112</sup> ANDRADE -2014, p.166.

Dinis e o seu filho Afonso. Este avançará várias vezes contra o pai por questões de governação do território e pretensão ao trono, bem como pela relação com os irmãos bastardos e também por via da relação destes com o pai. É referido o apoio de D. Dinis ao filho ilegítimo Afonso Sanches, bem como aos outros filhos que mantêm fora do casamento<sup>113</sup>.

Também a questão da pretensão da filha dos reis portugueses, D. Constança, na tutela de seu filho quando fica viúva, vai revelar a intervenção de Isabel nas várias decisões importantes que atravessa ao longo da sua vida. Numa primeira fase, a rainha contribui para que a filha aceite o apoio do tio Jaime em vez do que lhe oferece o pai, o que vai gerar que o casal fique mais uma vez algo desavindo<sup>114</sup>.

São ainda referidas as várias intervenções que Isabel faz junto do papa, na tentativa de apaziguamento e mediação na relação de D. Dinis e o filho D. Afonso. A professora Maria Filomena Andrade considera mesmo que Isabel, na sua posição enquanto rainha consorte, vai intervir nas várias situações de decisão do reino, sendo sempre fiel aos laços familiares. Essa relação familiar inclui a sua família de origem, bem como a que constrói com os filhos<sup>115</sup>.

“Desde as primeiras intervenções, que culminam em Alcanises, até à última, que termina com a paz familiar estabelecida, Isabel tem uma presença simples, mas eficaz.”<sup>116</sup>

Tentaremos aprofundar como esses vários episódios de intervenção Isabelina ocorrem nos dois romances históricos que compõem a análise do presente trabalho.

---

<sup>113</sup> ANDRADE -2014, pp.167-168.

<sup>114</sup> ANDRADE -2014, pp.169-171.

<sup>115</sup> ANDRADE -2014, pp.182-183.

<sup>116</sup> ANDRADE - 2014, p.183.

Observemos como o posicionamento diplomático e político é tratado no livro *Memórias da Rainha Santa* de María Pilar del Hierro. Nesta obra, D. Isabel nem sempre é referenciada como tendo um papel muito interventivo ao nível das decisões do reino, nem tampouco o rei lhe pede e valoriza os seus conselhos. Ainda assim, Isabel considera-se uma mulher preparada para ter uma palavra a dizer nos assuntos políticos.

A rainha consorte é retratada como uma mulher muitas vezes submissa ao rei e que após as desilusões amorosas que sofre se vai gradualmente afastando do marido e do cenário decisório, passando a concentrar as suas ações na educação dos filhos e também os bastardos que, entretanto, vai acolhendo na corte. Isabel procura assumir a sua posição enquanto mãe e garante dos interesses dos seus filhos, mas, sempre que encontra a oportunidade certa tenta, influencia as decisões do rei, fazendo-o acreditar que as decisões que toma são suas somente.

Atentemos como, na obra de Queral Del Hierro, Isabel refere os confrontos entre D. Dinis e o seu Irmão D. Afonso:

“Betaza, Para me animar, assegurava-me de que o rei estava empenhado em chegar a acordo com o seu irmão Afonso. Este, apoiado por um sector da nobreza, pretendia usurpar o trono sob o argumento de que, embora fosse mais novo, foi o primeiro filho legítimo do matrimónio dos meus sogros já que, quando nasceu Dinis, a igreja de Roma ainda não tinha anulado o primeiro matrimónio do seu pai. Certo é que a situação era delicada. Já tinha produzido diversos confrontos e desentendimentos em muitas cidades lusas e o que era pior é que o confronto dava lugar a uma guerra entre irmãos, algo que me horrorizava e me parecia impensável, dado o meu bom entendimento com a minha família aragonesa.”<sup>117</sup>

Encontramos neste relato uma rainha que se afasta do posicionamento face ao confronto entre os dois irmãos, uma vez que não o compreende. Isabel compara a

<sup>117</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.111-112.

relação familiar de D. Dinis com os vínculos que esta tem com a sua própria família, revelando a proximidade que mantém com os irmãos, nomeadamente com D. Jaime II.

Isabel de Aragão, nos primeiros tempos de casamento, tem muita dificuldade em deixar de sentir Infanta de Aragão e passar a ser a rainha consorte de Portugal. Contudo, essa questão vai alterar-se quando o próprio D. Dinis a chama a atenção de que a rainha é agora consorte em Portugal. É a partir daí visível uma alteração na sua atitude, passando a dedicar-se aos problemas sociais do reino e a tratar de acolher os necessitados. A rainha percebe também que o seu papel fundamental é o de assegurar a descendência do reino e ter por isso um filho varão. Observemos como essa situação é relatada:

“Uma mulher. Precisamente o que pedia o meu esposo. Tinha acrescentado “e uma rainha”. “Pois bem, isso tereis, Dinis”, disse para mim. “Sobretudo uma rainha”.

Porque, a partir desse momento, prometi a mim própria que, acima de todas as coisas, iria ser a soberana que Portugal esperava que fosse.

Aquele dia, com os meus recentes dezasseis anos, mudou o rumo da minha vida. Disse definitivamente adeus aos meus sonhos e concentrei-me nas minhas obrigações. Decidi que, a partir daí, iria ser a soberana de Portugal e, como tal, mãe de todos os que estão sob a minha coroa. Quantas vezes tinha dito a mim própria que devia despedir-me definitivamente da infanta aragonesa? Infinitas. No entanto não o tinha levado a cabo. Agora sim, a partir desse momento não haveria mais interesse para mim do que o meu Reino, nem motivação do que a herdada de meus pais. E, se um dia recuperasse o meu esposo e o nosso amor desse frutos, tinha cumprido a primeira das obrigações de uma rainha: dar um herdeiro à Coroa portuguesa e com ele perpetuar a dinastia.”<sup>118</sup>

Uma situação que é contada de forma muito diferente da outra obra de ficção, como veremos, é a relação que D. Isabel de Aragão mantém com Maria de Molina.

Nesta obra, Maria de Molina é retratada como uma mulher forte e poderosa, mas

---

<sup>118</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.114 -115.

que valoriza e reconhece a importância de Isabel enquanto decisora política. A rainha de Castela é quase como uma representante da figura feminina emancipada dos tempos modernos. Ela quer trazer para o xadrez político a consorte portuguesa, não aceitando que D. Dinis arrede a mulher das decisões importantes que dizem respeito aos dois reinos de Castela e Portugal. Atentemos como na assinatura do tratado de Alcanizes, Maria de Molina convida Isabel para as negociações na assinatura do contrato, não permitindo que D. Dinis a deixe de fora na decisão:

“Dona Maria pareceu-me uma mulher peculiar. De figura imponente, a sua estatura ultrapassava a média e a sua atitude ativa e modos de rainha contrastavam com a doçura da sua voz. Agradou-me sobremaneira que, no momento de se retirar para deliberar com D. Dinis e os delegados sobre os termos do tratado que a história conhecerá como de Alcanizes, me tenha convidado a acompanhá-los. É verdade que a única coisa que desejava era estar os últimos momentos com Constança e Betaza, mas não deixei passar essa ocasião.

Desde que tive de enfrentar a combinação do matrimónio da minha filha, começou a nascer em mim uma inevitável rebeldia pelo facto de, só por ser mulher, ser considerada pouco mais do que uma moeda de troca.<sup>119</sup>

Na anterior citação, utiliza-se o adjetivo *peculiar* para descrever a rainha de Castela. Ou seja, Maria de Molina era, aos olhos de Isabel, uma mulher especial, invulgar, diferente das demais, mesmo ao nível do retrato físico que é apresentado ao leitor: a figura imponente, a estatura acima da média, a altivez que contrastava com a doçura da sua voz, tudo isso descreve uma mulher empoderada, que não deixa para outros as suas decisões. Esta descrição da personagem, bem como o acontecimento em si, mostram, mais uma vez, a arte da criação literária.

D. Dinis, nesta situação em particular, é apresentado como um homem rude e que não reconhece a valia ou talento político da mulher nas decisões do reino. O

<sup>119</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.145.

monarca usa do seu charme e lisonja para tentar que Maria de Molina siga os seus intentos. Observemos então como esse episódio é contado:

“Assim, aceitei o convite de María de Molina. Talvez se visse que a mãe de Constança era uma mulher forte e preparada, tivesse mais consideração por aquela que iria ser a sua nora. Nem tenho de dizer que Dinis se mostrou bastante contrariado, mas, ainda assim, não se pronunciou e provavelmente os restantes participantes na reunião nem o notaram. Mas eu conhecia-o demasiado bem para não me aperceber do que se escondia por detrás da sua atitude austera.

Agradou-me igualmente ver como María de Molina lidava com as lisonjas do meu esposo.

Assim que começaram as conversações, Dinis-não conseguia evitá-lo! -dirigiu-se a ela como se fosse uma das muitas damas que ele galanteava:

- Agrada-me, senhora, poder tratar com uma mulher como vós a cujas qualidades se junta um talento político que seria mais próprio de um varão insigne.

-Não vos equivoqueis, D. Dinis-respondeu. -O talento não é património exclusivo do homem. Além de rainha viúva de Castela, sou senhora das minhas terras de Molina e conheço as questões da governação tanto como vós.”<sup>120</sup>

A relação diplomática que Isabel exerce junto de seu irmão é também referida nesta obra, ainda que não com a incidência do romance analisado anteriormente. A rainha recorre à ajuda de Jaime II, bem como de Maria de Molina, para que defendam os interesses de seu filho D. Afonso, face à eventual pretensão ao trono de Afonso Sanches, filho ilegítimo do rei. O episódio é relatado por D. Afonso a sua mãe, dizendo que circulam rumores de que D. Dinis teria feito diligências junto do Papa para que fosse retirada a ilegitimidade ao irmão bastardo:

“-Mas isso não é tudo, mãe. Além disso, diz-se que, visto que o bastardo já tem um filho varão do seu casamento com D. Teresa Martins, o rei-não disse “meu pai”- está a fazer diligências junto da Santa Sé para que o papa João XXII retire

---

<sup>120</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, p.146.

a ilegitimidade a Afonso Sanches e assim nada impeça que seja nomeado herdeiro de Portugal.

-Mas, a Beatriz é jovem. Pode dar-vos um herdeiro interrompi-o. Como se não me tivesse ouvido, continuou:

-...E mais, insiste que tomou a decisão quando morreu o pequeno Dinis, na suposição de que Beatriz e eu não teremos mais filhos além de Maria.

-Não creio que o pontífice aplauda essa decisão-insisti-, mas isso não impede que tomemos também as nossas medidas. Escreverei a meu irmão, D. Jaime de Aragão e a D. María de Molina, como minha consogra e mãe da vossa esposa, mas, sobretudo, como regente de Castela. Sem dúvida, apoiarão a nossa causa. Garanto-vos, filho, que nada nem ninguém tirará os direitos, que, por desígnio divino e como filho de santo matrimónio, vos correspondem.”<sup>121</sup>

No que concerne à questão do desterro da rainha em Alenquer, vemos descrita por Queral Del Hierro essa situação como um “castigo” imposto pelo rei à sua esposa, por ela ter condicionado de forma desfavorável a relação pai-filho e por ter protegido desmesuradamente D. Afonso. D. Dinis considera que a contenda e revolta do filho para consigo terá sido culpa da rainha. Vejamos como tal é relatado na obra:

“Sois injusto, senhor...-balbuciei.-Nunca poria o meu filho contra vós.

-Mas, insisto, foi o que aconteceu. Além disso, ficai sabendo que D. Afonso se fortificou no vosso feudo de Leiria, converteu-o no seu quartel-general e declarou-se em franca rebeldia.

-Não posso acreditar em vós.

-Mas deveríeis. Sobretudo porque suspeito de que o haveis autorizado a tomar posse do vosso domínio. Assim, comunico-vos, e acreditai que o lamento, que sereis enviada para o castelo de Alenquer, onde permanecereis confinada até que o “vosso” -acentuou a palavra-filho volte à razão.

---

<sup>121</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.163-164.

O coração começou a bater com força e um suor frio banhou-me as fontes. Tentei manter-me o mais calma possível, mas as últimas palavras de Dinis não me permitiam

fazê-lo:

-A! E ficai sabendo, senhora, que esse modelo de virtudes que julgais ter por filho teve, faz agora três anos, uma filha, outra Maria, nascida fora do casamento. Bem faríeis em preocupar-vos com a vossa neta, em lugar de vos intrometerdes nos negócios do

Reino...”<sup>122</sup>

Na obra de Queral Del Hierro encontramos também a última intervenção que a rainha faz junto do marido e do filho D. Afonso, para promover a paz entre eles. Verificamos que, neste episódio, Isabel tem a ajuda do conde de Barcelos, que toma a iniciativa de mediar as relações entre o pai e irmão na busca de um entendimento.

Confirmamos que a rainha, nesta obra, desempenha um papel preponderante na pacificação entre os seus. D. Isabel escreve a D. Dinis para que termine a guerra e se concilie com o filho e intervém depois, diretamente, em Alvalade aquando do confronto entre os exércitos do marido e do filho. Verifiquemos como é na obra relatada essa passagem:

“Não podia ficar à margem. Imaginar os dois acampamentos frente a frente, pai contra filho e filho contra pai, causava-me uma angústia indescritível. Além disso, o meu coração agora já não sofria só por Dinis e Afonso, mas também por Pedro, envolvido em tão delicada missão. Mas, o que havia eu de fazer? Não tinha qualquer capacidade de movimentos. Não tinha à minha disposição nem homens, nem armas...Na verdade, tinha uma, incruenta e inócua mas nem por isso menos eficaz: a pena.

Decidi, dirigir-me a Dinis e fazê-lo sem imposições nem violência, somente nos termos que me ditava o coração.”<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> QUERAL DEL HIERRO -2009, pp.168-169.

<sup>123</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.173-174.

Nesta citação encontramos o uso de dois recursos expressivos seguidos para enfatizar a mensagem que quer passar. Queral Del Hierro usa uma metáfora quando diz que a sua arma é uma pena e, posteriormente, uma personificação ao referir que o coração lhe ditava as palavras que escrevia ao rei seu marido. O uso deste tipo de recursos ocorre frequentemente nas obras literárias por oposição ao discurso historiográfico.

No romance de Isabel Stilwell, a figura de Isabel é retratada como uma mulher forte, com opiniões políticas muito vincadas e que vai influenciar o seu marido nas várias questões do reino. A rainha usa a sua influência enquanto oriunda da Casa de Aragão, associada aos seus traços de personalidade vigorosa e opinativa. D. Dinis aceita e valoriza as opiniões da mulher, reconhecendo nas suas características o necessário para que pudesse governar o reino. Encontramos várias vezes a expressão “eras boa para ser rei” o que eleva a rainha ao mesmo nível que o monarca<sup>124</sup>

Nos capítulos sobre o início do casamento dos monarcas, observamos que D. Dinis pedia várias vezes conselhos à rainha e que, de bom grado, os aceitava e seguia. Essa influência no marido e, posteriormente, no filho vai ser construída e cimentada ao longo do desenrolar da obra. Mesmo nos capítulos finais, sendo Isabel já idosa, não se coíbe de enfrentar o marido e o filho para tentar apaziguar a relação entre eles que sempre é dada a conhecer ao leitor como tumultuosa e de pouca proximidade<sup>125</sup>

Ao longo das páginas é-nos dada mais uma vez a conhecer, a rainha como uma mulher que muitas vezes se deixa levar pelos sentimentos e emoções: mostra arrependimento, conjetura várias possibilidades perante um acontecimento e mostra-se uma mulher ora estratega, ora frágil, mas sempre com algo a dizer.

---

<sup>124</sup> STILWELL - 2017, pp.198.

<sup>125</sup> STILWELL - 2017, pp.390-391.

Esta situação é também na obra retratada de forma nem sempre consensual. Isabel consegue captar a admiração do marido e também o seu desamor. Também na relação com a corte, nem sempre este seu caráter é apreciado. Muitas vezes o mesmo é associado a uma mulher que enfrenta o marido em favor de Aragão. Uma mulher inoportuna e com características que não seriam aceitáveis na figura feminina medieva<sup>126</sup>.

A expressão de influência de D. Isabel é visível ao longo da obra em várias situações, sendo notória logo nos primeiros tempos de casamento. Verificamos, no diálogo entre a rainha e o seu escrivão aragonês, Estevão Dade, quando esta lhe pede que interceda junto do rei acerca da assinatura da concordata com os bispos:

“-Estevão, agora que estás sempre em conselho com o rei, conto contigo para lhe sugerires uma solução. É preciso que a concordata com os bispos seja assinada, é preciso que o papa a homologue. É urgente, Estevão, como é urgente que usemos toda a nossa influência para valer ao meu irmão e à minha mãe.

Estevão fez-lhe uma vénia:

-É a sua influência que cresce junto do rei, não a minha, mas farei tudo o que estiver ao meu alcance.”<sup>127</sup>

Também na questão de lutas territoriais entre os reinos de Portugal e Castela encontramos referencia à importância que os conselhos de D. Isabel têm para D. Dinis, como ocorreu na viagem que fizeram, em 1287 para o Sabugal, ao encontro de D. Sancho e Maria de Molina:

“Dinis deu uma palmada afetuosa no pescoço do cavalo, como que a sublinhar as palavras:

-E então o que aconselha, a minha rainha?

---

<sup>126</sup> STILWELL - 2017, pp.405-407.

<sup>127</sup> STILWELL - 2017, p.156.

Isabel franziu o nariz, que o sol destes dias cobrira instantaneamente de sardas:  
-Alegava o mau estado de conservação do edifício, que não deve andar longe da verdade, e sugeria que os reis de Portugal e Castela montassem tendas junto ao Coa.”<sup>128</sup>

Encontramos também na obra de Isabel Stilwell referência à intervenção de D. Isabel nas disputas entre D. Dinis e o seu irmão D. Afonso, na pretensão ao trono do reino de Portugal<sup>129</sup>. D. Isabel é apresentada como uma figura que busca conciliar os dois irmãos desavindos na busca da paz, mas não deixa de mostrar ao rei seu marido, que não confia em D. Afonso e que este deve ser afastado do reino, sob pena de colocar em perigo a governação do monarca português.

“O relinchar de um cavalo chamou-lhe a atenção e sorriu quando percebeu que era o senhor de Albuquerque que aí vinha, num trote rápido, apenas com dois escudeiros a ladeá-lo. Conhecera João Afonso Telo há apenas umas semanas, mas bastara uma longa conversa com ele para entender que possuía uma fibra rara. Vassalo de Castela e conhecedor da corte do reino vizinho, era dono das terras e vilas castelhanas que confluíam com as de Afonso de Portugal. Se aceitasse ajudá-los, tornaria o cerco a Arronches impenetrável, limitando a possibilidade de fuga do irmão do rei português. João Telo saudou a rainha e, desmontando, cumprimentou-a solenemente: -Boas notícias, senhor D. João? -perguntou.

Mas o senhor de Albuquerque negou contristado:

-Infelizmente, não. Nos arredores da vila de Arronches abrem-se trincheiras e prepara-se a cal para enterrar os mortos, mas não há sinais de que o senhor D. Afonso e Nunes de Lara se queiram render.

-Precisamos de os levar a chegar a um acordo- protestou Isabel, angustiada. -Sei que o senhor D. Dinis estaria pronto a perdoar o irmão, o mais difícil é conseguir que Afonso acredite que pode sair disto não só vivo mas com uma réstia de honra-acrescentou.

-Tem algum plano em mente? -perguntou o senhor de Albuquerque, sabendo que a pergunta era retórica.

---

<sup>128</sup> STILWELL - 2017, p.159.

<sup>129</sup> STILWELL - 2017, pp.165-167.

O rosto da rainha iluminou-se:

-Para além da oração, que é a única arma que possuo, pensei que alguém podia informar a minha sogra do perigo iminente que corre o seu segundo filho, cercado pelos reis de Castela e de Portugal, unidos na certeza de o fazer capitular.

João Telo atreveu-se a continuar-lhe o pensamento:

-Se D. Beatriz souber que existe vontade de a tornar mediadora neste confronto, é bem provável que incite o filho a aceitar participar numa conferência de paz, num lugar a indicar...

-Badajoz – sugeriu a rainha.

-Badajoz-concordou João Telo. -E o que lhe diria mais esse mensageiro? -Perguntou.

-Que o rei de Portugal está disposto a tratar o irmão com clemência, a aceitar o seu perdão e a negociar as condições de rendição com generosidade.<sup>130</sup>

Neste diálogo entre a rainha e o senhor de Albuquerque verificamos, mais uma vez, uma Isabel que não tem pejo em expressar as suas vontades. Ela toma mesmo como suas as palavras do rei, quase como assumindo que ele as proferiria dessa forma.

A obra de Stilweel reflete, também, o empenho de Isabel, em conjunto com o marido, para que Portugal tenha uma Universidade, pretendendo trazer que o Mestre Vilanova para ministrar os seus saberes.

“Durante semanas a rainha reuniu com os melhores juristas e preparou petições. Estudo Geral, Direito Civil, Artes e Medicina, era preciso que os padres soubessem mais, estudassem mais, preparando o advento de uma Igreja renascida que, estava certa, o fim da excomunhão finalmente tornaria possível. Os pobres escrivães sentiam os pulsos doridos de tanto escrever, ainda para mais muitas em papel, um material novo feito de uma textura vegetal fina, que os bicos das penas rompiam com facilidade. Se tudo corresse bem, convidaria mestre Vilanova para vir a Portugal dar as primeiras lições de Medicina e Filosofia, e faria o possível e o impossível para assistir também.”<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> STILWELL - 2017, p.166.

Ultrapassando as questões territoriais entre Portugal e Castela, Isabel tem também uma palavra a dizer quanto à relação política entre os dois reinos. Tal é visível quando vemos retratado o episódio em que Maria de Molina fica viúva e regente de seu filho. D. Dinis aborda mais uma vez a rainha pedindo os seus conselhos, no sentido de saber qual a posição que deve tomar e também qual a que tomará Aragão. Observamos a intenção da autora em transmitir a importância clara que a rainha tinha para D. Dinis e como este valorizava as suas opiniões, reconhecendo a sua valia, mesmo quando não as segue. Atentemos na seguinte passagem da obra:

“Dinis passou a mão pelos cabelos longos, pensativo:

-Provavelmente tem razão, aliás, a senhora raramente se engana-disse com o primeiro sorriso daquele encontro. - Mas e depois? Quando o rei de Aragão nos pedir ajuda, quando o meu tio João de Castela vier reivindicar o nosso apoio para a sua pretensão ao trono, o que lhes dizemos?

-Isabel sorriu:

-Desencorajamos a batalha, procuramos conciliá-los...

Dinis voltou a colocar as mãos na cabeça, fingindo abaná-la:

-Conciliá-los, hum, não me parece, Santa Isabel! Prefiro dividi-los e negociar vantagens para Portugal, e assim receberemos de todos os lados.”<sup>132</sup>

Da mesma forma, o leitor conhece uma Isabel que se posiciona contra o marido, sempre que tal lhe parece necessário e mais proveitoso para os seus intentos. Quando D. Dinis anuncia os seus planos para casar a filha de seu irmão D. Afonso, com o filho de João de Castela, a rainha decide que irá avisar Maria de Molina e que esta deverá procurar apoio junto de Jaime de Aragão. Isabel pretende um acordo de paz e que a sua filha Constança se case com D. Fernando, tornando-se rainha de Castela.

---

<sup>131</sup> STILWELL - 2017, p.170.

<sup>132</sup> STILWELL - 2017, p.212.

“Decidiu naquele momento que agiria por conta própria, mesmo que um dia Dinis viesse a acusá-la de traição. Avisaria Maria de Molina do que estava para acontecer, sugerindo-lhe que conquistasse Jaime de Aragão para a sua causa, oferecendo-lhe um prêmio irresistível: Múrcia. Sem o apoio de Jaime, Afonso de la Cerda e João de Castela (e o seu filho e nora!) estariam perdidos, e o rei de Portugal vacilaria. E então voltaria a considerar um acordo de paz com Castela, em troca da coroa para a sua filha Constança.”<sup>133</sup>

A relação de Isabel com Maria de Molina nesta obra é relatada com algum pormenor. Neste sentido, o núcleo da relação entre ambas apresenta ao leitor duas mulheres de forte personalidade e que encaram o seu papel político de forma muito interventiva, sempre defendendo, acerrimamente, os interesses de seus filhos. Assim a movimentação estratégica entre ambas terá momentos de aproximação ou afastamento. O próprio rei D. Dinis compreende e, por vezes, até de forma mais ou menos direta, incentiva este jogo de sombras entre estas duas figuras. Para que os casamentos dos filhos de D. Isabel pudessem ocorrer haveria a necessidade de que a rainha se movesse diplomaticamente falando, junto do irmão. Seria necessário que Jaime apoiasse o reconhecimento do casamento de Maria de Molina que era agora já viúva e depois seria também indispensável que, junto do papa, houvesse uma dispensa para o casamento, devido ao seu parentesco tão próximo. Atentemos como na obra essa situação é contada:

“

Isabel apressara-se a escrever a Jaime, queria dar-lhe a notícia em primeira mão, por muito que desconfiasse que o mensageiro chegaria lá bem mais tarde do que os espíões que o rei de Aragão certamente colocara nesta cimeira.

Precisava que o irmão, apesar de estes casamentos não serem do seu agrado, apoiasse a decisão, movesse influências em Roma, apressando a bula papal. Em que situação ficariam se o novo papa continuasse a recusar, como haviam feito os seus antecessores, o reconhecimento do casamento de Maria de Molina e Sancho, agora que Portugal reconhecia o pequeno Fernando como rei? E, superando esse obstáculo, era necessário

---

<sup>133</sup> STILWELL - 2017, p.219.

vencer o seguinte, conseguindo dispensa para que Constança e Afonso pudessem casar com os primos Fernando e Beatriz, ligados por um parentesco demasiado próximo.”<sup>134</sup>

Isabel vai servir-se da sua relação próxima com o irmão Jaime para várias vezes conseguir o seu apoio nas contendas entre os reinos ibéricos. A sua ação diplomática é feita de forma direta em cartas que escreve ao irmão, outras fazendo uso da relação efetiva que no passado uniu Vataça com Jaime de Aragão. Vataça é enviada ela própria a Aragão para negociar com Jaime ou, em alternativa, manda também esta mensageiros que atuam em seu nome. Observemos como a escritora nos refere essa situação num diálogo entre a rainha e Vataça:

“Isabel entusiasmou-se:

-Vamos voltar, voltar todos juntos. Gostava tanto que Dinis e Constança conhecessem os reinos de Aragão e da Catalunha...Vataça, consegues ajudar-me a convencê-lo a nomear Dinis como árbitro da contenda com Castela?

Vataça sorriu. Estava muito bem-disposta nos últimos tempos, constatou Isabel, e levantou de novo o sobrolho:

-De onde te vem tanta informação e tão rápida?

O rosto da princesa iluminou-se, mas não respondeu à pergunta, estendendo antes a mão em direção à rainha:

- Separamo-nos com a esperança de um reencontro breve.”<sup>135</sup>

Também na relação entre D. Dinis e o filho Afonso, D. Isabel tem uma intervenção primordial. Stilwell retrata a rainha, mais uma vez, como uma mulher de caráter forte e muito determinada. A sua posição entre ambos, filho e marido, nem sempre é parcial. Tendencialmente D. Isabel posiciona-se ao lado do filho em detrimento do marido e este filho vai também, ao longo do romance, construir uma

---

<sup>134</sup> STILWELL - 2017, p. 248.

<sup>135</sup> STILWELL - 2017, p. 289.

relação muito próxima e cúmplice com a mãe<sup>136</sup>.

Conforme vamos observando o afastamento afetivo do casal real, fruto também possivelmente das infidelidades do rei e do constante aproximar de relações entre a rainha e a Casa de Aragão, vamos notando a construção deste núcleo entre mãe e filho. D. Dinis culpará a proteção que a rainha dá ao filho pelo seu afastamento face ao pai. D. Isabel, por seu lado, considera que D. Afonso tem um caráter muito determinado e uma personalidade que não lhe permite aceitar e estreitar relações com o pai, devido à forma como este observa a relação do casal real. O filho não aceita nem compreende as infidelidades de D. Dinis e nem a forma como este se posiciona face aos seus filhos bastardos e como de forma clara mostra a sua preferência pelos mesmos.

Ainda assim, observamos por vezes D. Isabel com uma atitude pacificadora face a D. Dinis, apelando ao rei que compreenda o filho. Como exemplo dessa situação, podemos referir como na obra é narrado o desterro da rainha em Alenquer; é D. Isabel que pede ao rei que a afaste para que não seja acusada de conspirar junto do filho. Observemos essa situação:

“Felizmente estava decidida. Tomando a iniciativa, fora ela a sugerir ao rei: “Porque não me desterra em Alenquer?”, e um sorriso amargo desenhava-se-lhe no rosto quando recordava o espanto e a repulsa com que o rei recebera a ideia. Mas argumentara com convicção, ou não fosse a neta diletta de Jaime I de Aragão: Sentia-se usada, como fagulha, num conflito que nunca desejara. Sabia que diziam que dava ao filho as rendas das vilas que recebera do rei, sabia que a acusavam de se vingar agora por infidelidades passadas, e estava consciente, sobretudo, que, se estivesse com o filho, a diriam contra o rei e, a acusariam de espiar para o filho.

---

<sup>136</sup> STILWELL - 2017, pp. 415-417.

“Deixe-me ir, Dinis, preciso de sossego, e farei mais junto dos franciscanos em oração do que aqui. Diga que me tirou as rendas. Diga que não falo com ninguém, que me pôs soldados à porta.”<sup>137</sup>

Também junto do filho, D. Isabel intercede para que não afronte o rei e chega, inclusive, a fazer parecer que toma por certo as ideias do filho, dando-lhe a entender que o compreende e reconhece as suas tomadas de posição para com seu pai. A rainha pede mesmo a intervenção de Pedro Afonso, para que a ajude a acabar com a contenda entre D. Afonso e D. Dinis, fazendo parecer que Pedro Afonso se juntava ao exército do irmão por sua iniciativa e não fruto de uma combinação estratégica entre ele e D. Isabel. Vejamos como tal é relatado por Stilwell:

“Quando um mensageiro lhe entregou a carta, soube que chegara a hora. Vataça confirmara que o plano congeminado em Alenquer estava em marcha. Pedro Afonso, conde de Barcelos, aceitara o pedido da rainha feito em segredo de que se juntasse ao exército do infante, alegando que desejava retomar o condado confiscado pelo pai, como um infiltrado pela paz. De Isabel esperava apenas um sinal...”<sup>138</sup>

Até nos últimos dias de sua vida e já muito debilitada, D. Isabel vai de Coimbra a Estremoz com a missão de acabar com o conflito entre o filho e o monarca de Castela. Até ao fim, Isabel continua a revelar-se uma mulher determinada, que não deixa de interferir nas decisões nas suas ligações familiares, tendo sempre muito claro os vários papéis que vai tomando ao longo da vida, quer enquanto consorte, quer mais tarde enquanto rainha-mãe, mas sempre rainha.

“-Tinha idade para ter juízo, minha mãe. E dizem-me que saiu hoje mesmo de Montemor, tantas léguas num só dia!

---

<sup>137</sup> STILWELL - 2017, pp.398-399.

<sup>138</sup> STILWELL, 2017, p.409.

Isabel segurou-se-lhe ao braço, sentindo as pernas vacilar. Fora demasiado tempo a balouçar ao toc-toc da pobre mula, tão cansada como ela.

-Não mudas, meu querido filho, julgas que por gritar tens mais razão. Se aqui estou é porque não me ouviste quando te escrevi. Afonso abanou a cabeça, contrariado:

-Não me vai culpar por querer defender a honra da sua neta e procurar resgatar a neta do seu irmão da prisão onde o canalha do rei de Castela a prendeu, pois não?"<sup>139</sup>

Ao elaborarmos este subcapítulo, conseguimos perceber que, ao contrário de outros, tal como a infância da rainha, o discurso literário complementa os silêncios da historiografia de forma diferente. Não o faz no que diz respeito aos acontecimentos propriamente ditos, mas sim de que forma os mesmos ocorreram, que sentimentos despertaram e quem os vivenciou. Estas pausas ou silêncios historiográficos são complementadas pelas autoras de ficção, usando as suas obras e fazendo uso de ferramentas tais como a descrição ou recursos expressivos de forma a dar o seu cunho pessoal e enriquecer o texto propriamente dito. Desta forma contribuem para que o leitor muitas vezes se identifique com as personagens, situação ou emoção vivenciada pelas mesmas.

## **5. A memória da rainha**

No subcapítulo final deste trabalho, decidimos observar como foi tecida, no tempo longo, a memória em torno da Rainha Santa. Analisaremos como essa construção foi sendo cimentada, primeiro pela própria, na escolha da simbologia que a acompanharia na morte e, posteriormente, como se desenvolveu no imaginário e na cultura portuguesa.

Na obra da professora Maria Filomena Andrade é-nos transmitido como a arca

---

<sup>139</sup> STILWELL - 2017, p.508.

tumular da rainha é o ícone principal da imagem que hoje conhecemos de Santa Isabel. Esta arca foi mandada fazer pela própria e construída por mestre Pêro, um artista que com ela partilhava nacionalidade e que seria uma figura de renome à época. A mestre Pêro foram também encomendadas as arcas tumulares da infanta Isabel, neta da rainha, bem como de Vataça<sup>140</sup>.

No seu jacente, a imagem da rainha enverga o hábito das clarissas, que tomou em vida sem professor, o bordão e a esmoleira de peregrina. O discurso historiográfico explicita que esta iconografia não é de todo inocente: foi escolhida pela própria como forma de associação ao seu carácter religioso e caritativo e à ordem franciscana.

Além da sua arca tumular, verifica-se muita da sua simbologia e iconografia, entre peças de joalharia que pertencem ao tesouro da rainha e outros registos iconográficos, entregues ao museu Machado de Castro em Coimbra, ou à guarda da Real confraria fundada em seu nome. Todos estes artefactos serviram e perpetuam à criação da imagem cultural, material e iconográfica da Rainha Santa. Imagem essa que está hoje gravada na nossa memória coletiva.

Acerca da iconografia e construção da imagem de D. Isabel, a professora Maria Filomena Andrade afirma o seguinte:

“A construção da imagem da rainha não é apenas realizada à sua morte pelos que a rodeiam, pois ela própria, ao viver junto a Santa Clara com a sua corte, cria uma imagem que alia a benevolência e a caritas para com os pobres à proteção concedida aos que a servem ( e, simultaneamente, dela dependem), forjando um senhorio que é temporal e espiritual e que contribui decisivamente para prestigiar uma nobreza que a ele se acolhe.”<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup> ANDRADE -2014, pp.37-41.

<sup>141</sup> ANDRADE - 2014, p.43.

Além da memória iconográfica, também a memória escrita é evidenciada na obra da professora Maria Filomena Andrade. Na sua biografia, a autora menciona que essa memória começou com a escrita da sua *lenda*, que terá sido atribuída a uma freira de Santa Clara ou ao bispo D. Salvado Martins. Este documento terá sido produzido no século XIV e desaparecido, bem como duas cópias do Século XV, restando agora uma cópia do Século XVI, que se encontra no Museu Machado de Castro em Coimbra, e duas cópias que se conhecem do Século XVII<sup>142</sup>

Desde a sua morte e particularmente após a sua canonização, muito se tem escrito acerca da rainha que foi Santa, testemunhando a sua faceta caritativa, bem como os poderes taumatúrgicos, vertidos na sua *lenda*. Muitos são os milagres que lhe são atribuídos, doce é o cheiro que do seu cadáver brota e é indissociável o vínculo da rainha ao milagre das rosas, entrando no imaginário coletivo e popular.

Quanto aos milagres, a professora Maria Filomena Andrade identifica que não só as figuras que são alvo da sua “cura” são maioritariamente figuras femininas, simples e populares, como os milagres praticados resultam da ação de D. Isabel ou do conhecimento que esta, supostamente, teria da medicina.

O romance histórico tem sido profícuo em retratar D. Isabel, enriquecendo o seu percurso de vida transmitido pela historiografia com pormenores mais ou menos verosímeis, como vimos. Também esta questão simbólica e identitária não passou despercebida à ficção. Regressemos às duas obras em análise.

O livro de María Pillar del Hierro inicia com o processo que envolve a canonização da rainha. Assim, no capítulo denominado “O frade de Olivar”, frei Ramón de Alquézar (personagem fictícia) viaja até Roma, para fazer chegar ao papa Urbano VIII o documento que conta a história de vida da Rainha Santa, escrito pela própria mão. Este documento teria sido redigido na viagem que D. Isabel fez em

---

<sup>142</sup> ANDRADE -2014, pp.28-30.

peregrinação, de Coimbra a Compostela. O facto de, neste romance, o testemunho ter sido redigido pela própria rainha, pode ser encarado como forma de associar D. Isabel à construção da sua própria imagem, tal como veremos ocorrer na obra de Stilwell e é corroborado pela professora Maria Filomena Andrade quando defende que a construção da imagem da rainha é desenhada pela própria.

Após ter contactado com frei Ramón, já em Roma, o secretário pessoal do papa pretende convencê-lo de que a rainha merece ser agraciada com a santidade, uma vez que o povo já a venera e lhe reconhece muitos méritos e milagres. Observemos como Queral Del Hierro nos relata esse momento:

“O secretário aproximou-se e, com ar misterioso, como se fosse fazer graves confidências, sussurrou ao ouvido do pontífice:

- Os méritos são muitos e bem reconhecidos.... Diz-se que do seu corpo incorrupto emana um perpétuo aroma a rosas e que este é o mesmo das que apareceram no seu regaço no dia em que o seu esposo, o rei D. Dinis, a repreendeu por esconder pãozinhos para os pobres na falda da sua saia, e diz-se igualmente que os seus milagres são numerosos e que cura os doentes que acorrem ao seu sepulcro...

o Papa fez um gesto de incredulidade:

-Meu amigo, vós e eu sabemos que o povo é amigo de mitos e lendas e que, lamentavelmente, essa é a origem autêntica de muitos milagres...

-Bem sei, Vossa Santidade, mas neste caso, ao prodígio das rosas ou das suas possíveis curas, acresce o facto de, através dos séculos, perdurar o testemunho da sua fé, da sua bondade, do seu sentido de justiça...”<sup>143</sup>

Atentemos, também, nesta citação:

---

<sup>143</sup> QUERAL DEL HIERRO, 2009, pp.27-28.

“-Temos a certeza de que é escrito pela própria mão da rainha?

-Tudo parece indicar que sim.

-Bem...- O Papa sentou-se na sua poltrona como que para reafirmar a sua decisão.

-Atenderei o frade.”<sup>144</sup>

Observamos aqui a ideia clara da importância do relato do próprio punho da rainha como forma de legitimação das palavras escritas no documento. A autora encontra aqui também uma forma de aproximação ao leitor, que se identificará com o texto que se lhe apresenta, tornando-o crível e possível. Tal será o fio condutor de toda a trama e a base do encadeamento da narrativa que é apresentada como “memórias”, como se estivessem a ser ditadas pela própria personagem principal.

Na obra de Isabel Stilwell, percebemos claramente a importância que a imagem construída pela própria rainha tem para a sua afirmação e perpetuação. O romance inicia-se com a rainha, já viúva, a olhar com orgulho para a sua arca tumular, passando os dedos pela palavra “Elisabela” e suspirando satisfeita com o resultado do seu jacente. A autora escreve que a última morada de D. Isabel refletia uma imagem de si alcançada por mestre Pero, mas recriada a seu mando, ou seja, a representação com que Isabel se quer perpetuar.

Observemos como a autora inicia o romance:

“Passou o dedo suavemente pelas letras, gravadas a ouro na arca tumular, percorrendo-as como se as escrevesse. Quando a ponta do indicador sentiu a última perna do longo A suspirou, satisfeita-ELISABELA.

Os primeiros raios de sol daquela manhã de primavera, coloridos pelos vitrais, lambiam de luz aquela imagem de si que meticulosamente mestre Pero recriara sob as suas ordens, jacente que um dia se fecharia selando-a no túmulo.

---

<sup>144</sup> QUERAL DEL HIERRO, 2009, p.29.

Não tinha medo, a morte já não lhe metia medo, estaria pronta quando chegasse a sua hora, sem pressa, mas sem receio. Quase sem receio, corrigiu. Apoiou-se sobre o bordão de peregrina que o arcebispo de Santiago de Compostela lhe oferecera, e que os joelhos de uma mulher de 60 anos já não dispensavam, e observou-se como quem vê o seu reflexo no espelho: Vestida com o hábito das clarissas, que usava desde a morte do marido há cinco anos, o cordão de seis nós a cingir-lhe a cintura, o bordão idêntico ao que segurava nas mãos.”<sup>145</sup>

Toda a simbologia associada à rainha está presente neste episódio e nada é deixado ao acaso. O bordão de peregrina e o hábito das clarissas que acompanham a rainha são aqui também postos em evidencia. Esta é a verdadeira Isabel, mulher profundamente religiosa, piedosa e serva de Deus. A ele se aproxima, mas a ele se ajoelha perante seus desígnios.

Também nesta passagem inicial da obra de Stilwell, a rainha dita a sua vida a Frei Salvado Martins, para que este perpetue a sua história e os seus bons feitos. Se tal acontecimento não é corroborado, de forma inequívoca, pela historiografia, aqui a autora apresenta-o como verdadeiro. Sendo verosímil para o leitor, esta estratégia literária ajuda a que a história que a autora pretende contar faça sentido.

Observemos como tal é referido na obra:

“-Senhora D. Isabel, vinha à sua procura. Vamos continuar o nosso trabalho? -disse Frei Salvado Martins, seu querido confessor e testamenteiro.

Isabel acolheu-o com um sorriso largo que se estendia aos olhos, a que a idade não tinha roubado a cor.

-E se hoje nos sentássemos lá fora? -perguntou, apontando para os bancos de pedra do jardim aquecidos por um sol de primavera. Há semanas que tomara a decisão de, tal como o avô Jaime, ditar as suas memórias, para que os outros pudessem aprender com

---

<sup>145</sup> STILWELL, 2017, p.17.

os seus acertos e erros, com o seu exemplo...Quantas vezes o avô lhe dissera que havia de chegar a sua vez, e esse tempo era agora, estava certa disso.

Olhando de soslaio para a arca tumular e apontando para o livro de horas, sorriu para o frade:

- Devia ter pedido a mestre Pero que incluísse o Livro de Feitos de Jaime I de Aragão, que li e reli quase tantas vezes como os Evangelhos.

Frei Salvado retribui-lhe o sorriso:

-Como um dia os seus netos e bisnetos vão ler e reler a história da sua vida extraordinária, saiba eu contá-la...

Isabel inspirou fundo, satisfeita, abrindo a porta e saindo para o jardim.<sup>146</sup>

Outro símbolo incontornável que contribuiu para a construção da imagem mítica da rainha é o milagre das rosas. Como tal, não poderíamos deixar de o abordar neste nosso trabalho. Olhemos como as autoras de ficção incorporaram o episódio na narrativa e o interpretaram nos seus romances.

Isabel Stilwell aborda esta ocorrência servindo-se de uma crítica do meirinho João Simão de Urrô a D. Isabel, por ela despender muita verba com os pobres e mais necessitados. À questão colocada pelo meirinho a D. Dinis sobre se D. Isabel levava moedas no regaço responde o rei que eram rodas. Atentemos nesse episódio:

“-Se o senhor fiscal-mor do reino julga que o rei de Portugal deveria perguntar à rainha o que leva no regaço, julga mal. Porque o rei sabe bem que são rosas!

Os olhos de Isabel cintilaram à menção do milagre da sua tia-avó Isabel da Hungria, oferecendo ao marido um rasgado sorriso de gratidão.<sup>147</sup>

Por seu lado, Queral Del Hierro, aborda de diferente maneira o “milagre das

---

<sup>146</sup> STILWELL - 2017, p.20.

<sup>147</sup> STILWELL - 2017, p.198.

rosas”. Ela incorpora-o no seu romance num sonho que D. Isabel terá tido e do qual agora se lembrava. Neste sonho, o episódio das rosas não é interpretado com orgulho pelo rei, mas como uma crítica à sua conduta. É desta forma que a autora relata este momento:

“Mas, contra o que me dizia o coração, o que na minha memória tinham sido beijos e palavras de alento transformavam-se em gritos e discussões. O rei muito zangado, em vez de enviar as minhas camareiras cumprir com aquilo que obriga a caridade, insistia em saber o que levava escondido na fraldiqueira. Irado, ameaçava-me de que, se fossem pães para os pobres, me obrigaria a lançá-los aos porcos. Eu, não querendo mentir-lhe, respondia desculpando-me:

-Não são pães, Senhor, são rosas.

Mas ele insistia:

-Como podem ser rosas, se este ano ainda não floresceram?”<sup>148</sup>

Ou seja, estas ficcionistas do século XXI não omitiram o lendário milagre das rosas, antes o incorporaram nos seus romances. Stilwell atribui a autoria da expressão “são rosas” ao próprio D. Dinis, demonstrando a sua cumplicidade com a rainha, enquanto Queral Del Hierro remete o milagre para o mundo onírico.

---

<sup>148</sup> QUERAL DEL HIERRO - 2009, pp.132-133.

## **Anacronismos e expressão das emoções nas obras ficcionais**

Quando um romancista escolhe reescrever o passado, contamina com as suas perceções e crenças do presente a imagem que cria do passado, de forma muitas vezes intencional. Assim, no romance histórico encontramos, em vários momentos, uma fusão propositada entre facto e ficção, de acordo com a liberdade criativa do autor. Dependendo do nível de cultura historiográfica do leitor, o inverosímil poderá parecer-lhe mais aceitável do que o factual que, inclusivamente, pode ignorar. Tal ocorre quando são, por exemplo, descritos lugares ou cenários, objetos e sensações que, mesmo sendo imaginados, se transformam na mente do leitor em reais.

Começemos por abordar certos pormenores anacrónicos ou pouco credíveis que estão presentes nos dois romances históricos explorados no presente trabalho. Escolhemos, apenas, alguns exemplos, tendo abandonado outros, não por serem menos importantes, mas por questões de economia da dissertação, dado não ser esse o objetivo principal do trabalho. Deixaremos os restantes para estudos futuros, se tal for de interesse a ser explorado.

Quanto à obra de Stilwell, o primeiro momento pouco verosímil é aquele em que a pequena Isabel assiste à higiene pessoal do seu avô, que estava a ser barbeado por um criado. Uma infanta do século XIII não acompanharia o seu avô, um monarca, numa situação semelhante. Contudo, tal poderá parecer crível ao leitor, pelos pormenores e detalhes referidos, mas também pela envolvência e cadência da ação, demonstrando o grau de proximidade de um avô e uma neta nos nossos dias.

“ -Achas que, com a cara ensaboada, um bárbaro a puxar-me os cabelos e outro a enrolar-me a barba como se fosse uma trança de menina, sou capaz de te ler histórias? Além disso, já as conheces de cor!

Isabel não desistiu. Sabia que lhe bastava insistir, sabia que o avô lhe fazia todas as vontades, pelo menos era o que lhe dizia a sua Berengária, era o que ouvia comentar tanto em voz alta como em voz baixa às damas da corte.”<sup>149</sup>

Outro episódio que reputamos de curioso ocorre aquando da morte e sepultamento de Jaime I, e traduz-se no pedido a infanta a seu pai para lhe dispensar Frei Martim para que termine o *livro de feitos* do avô. Tal poderá ter sido utilizado pela autora como forma de legitimação da relação de proximidade entre avô e neta. Mais uma vez, para o leitor, tal é apresentado como plausível de acordo com a construção da narrativa. Atentemos como a autora nos conta esse momento:

“Isabel esperou que o ritmo da conversa abrandasse e depois, esticando a mão para tocar a manga do pai, perguntou:

-Pai, vai precisar do secretário de avô, do frei Martim?

Pedro sorriu-lhe, perplexo:

-Precisas dele?

-Preciso. Vou ajudá-lo a acabar o Livro dos Feitos do avô. É a minha maneira de ajudar a borboleta a sair do casulo-acrescentou, sem que qualquer um dos dois entendesse o que queria dizer com isso.

O novo rei de Aragão afagou-lhe o cabelo:

- Se é só isso, fica com ele. Duvido que me faça falta no campo de

---

<sup>149</sup> STILWELL, 2017, pp.23-24.

batalha.”<sup>150</sup>

Também consideramos interessante dar nota do episódio relatado pela autora, no qual descreve a morte do pai de D. Isabel, referindo que ele teria sido alvo de doença súbita e transportado para um hospital. Trata-se de um procedimento comum nos dias de hoje, mas improvável na idade média, quando os hospitais e albergarias se confundiam, servindo para assistir os pobres. Neste sentido, o monarca seria levado em princípio para o palácio, se tal fosse possível, e era chamado o seu físico. Observemos como tal é contado no romance:

“-Arnaldo de Vilanova estava com ele? O meu pai só tinha quarenta e seis anos, era novo e saudável, não foi possível acudi-lo? -perguntou.

O embaixador abanou que não com a cabeça, visivelmente contristado:

- O rei foi levado para o hospital de Cervelló, próximo de Barcelona explicou- Mas já sem sentidos. O doutor Vilanova correu de imediato, mas infelizmente chegou tarde de mais.”<sup>151</sup>

O último episódio que escolhemos, do romance de Stilwell, diz respeito à arca com frascos e poções para ajudar a curar os doentes, oferecida por mestre Vilanova e trazida por D. Isabel para Portugal. É desta forma que Stilwell nos refere esse momento:

“Mestre Arnaldo Vilanova pousou em cima da arca uma outra arca,

---

<sup>150</sup> STILWELL - 2017, pp. 64-65.

<sup>151</sup> STILWELL - 2017, p.149.

quase um cofre, pequena e negra, e sorriu:

-Um presente de despedida- disse e, estendendo-lhe uma pequena chave, incitou a abri-la. -Para a minha melhor aluna, tudo o que precisa para continuar o seu trabalho.

A rainha exclamou de satisfação quando viu, alinhados e presos por correias de couro, dez pequenos frascos de vidro precioso com tampas de prata, etiquetados com a letra redonda e elegante de Vilanova, e seis colheres de tamanhos diferentes, colheres de medida que sabia bem como usar.”<sup>152</sup>

Nesta citação encontra-se a riqueza da descrição e detalhes como forma de enriquecimento textual, aproximando o leitor à crença de que tal poderia perfeitamente ter ocorrido aos olhos de um cenário do presente. Contudo, como nos refere a professora Maria Filomena Andrade, parece que Isabel não terá lidado diretamente com mestre Vilanova<sup>153</sup>.

Da obra de Queral Del Hierro selecionamos apenas o exemplo de um episódio extemporâneo: prende-se com uma vivência da personagem de D. Isabel aquando da viagem para Portugal ao encontro do seu esposo D. Dinis. A jovem pernoita com a sua comitiva no mosteiro de Valldonzella e presencia, pela primeira vez, um encontro amoroso e carnal entre a cozinheira do mosteiro e um homem do povo, nos estábulos deste mosteiro. Neste relato, a rainha, ao ouvir barulho vai até ao estábulo, pensando que de um animal ferido se tratava e perde a inocência da infância, antecipando e temendo o que a espera no casamento.

Esta descrição gráfica, bem como o acontecimento em si, parecem-nos pouco prováveis. Contudo, ficcionalmente falando, é verosímil e ajuda a dar consistência

---

<sup>152</sup> STILWELL - 2017, pp.114-115.

<sup>153</sup> ANDRADE - 2014, p.93.

à história e a demonstrar a inexperiência da rainha perante tal acontecimento.

Verifiquemos então como Queral Del Hierro nos relata tal episódio:

“Fui até lá com a inocência dos meus doze anos, convencida de que se tratava dos gemidos de um animal ferido.

Estava enganada. Não era um animal mas sim um homem e uma mulher, deitados no chão, seminus e abraçados, sem que o pudor ou a vergonha invadissem os seus rostos. Pelo contrário, pareciam felizes e entregues a uma paixão indomável. Reparei que a moça era a que ajudava na cozinha do convento. As freiras tinham comentado que estava lá recolhida depois da morte da sua mãe e de o seu pai ter contraído lepra.

Compreendi, naquele momento, o que estava a acontecer. Em mais de uma ocasião tinha visto “a brincar” os cães de caça dos meus irmãos ou os cavalos nas cavalariaças reais. No entanto, nunca tinha imaginado que a união de um homem e de uma mulher fosse assim.”<sup>133</sup>

Para além de anacronismos e situações inverosímeis, nos dois romances históricos são postos em evidência sentimentos e emoções das personagens. Resolvemos assim explorar, de forma sistemática, esses estados de espírito, inserindo-os nos quadros que se encontram em anexo e enunciando-os aqui, no que se refere à rainha D. Isabel<sup>154</sup>.

Como verificámos anteriormente, Stilwell, ao mencionar o seu trabalho de pesquisa prévio à escrita, declara que os sentimentos e as emoções são intemporais, algo que não é propriamente aceite na atual historiografia sobre as

---

<sup>154</sup> As referências encontram-se no quadro.

emoções<sup>155</sup>.

A personagem principal, Isabel de Aragão, experimenta uma larga série de emoções e sentimentos. Na sua infância, exprime orgulho e admiração pela figura de seu avô Jaime enquanto primeira figura de referência e também pela bravura dos seus feitos. Isabel também aprende a admirar o pai pela ajuda que demonstra a quem lhe pede auxílio. Apesar do contentamento sentido por Isabel quando se encontra na presença do seu irmão Jaime e de Vataça, por vezes, não esconde algum incómodo com a intimidade que se cria entre os outros dois. De facto, Isabel sente ciúme da proximidade entre Jaime e Vataça e experimenta o mesmo sentimento por a irmã Violante por estar demasiado tempo ao colo de sua mãe. Quando se prepara para viajar para Portugal Isabel sente amargura pelo facto de a mãe não ter esperado por ela para se despedir. Já em Portugal, ao recordar o irmão e a infância, a rainha sente felicidade e desejo de voltar a Aragão.

Ao chegar ao nosso reino, Stilwell atribui a Isabel desconfiança pelo carácter de D. Afonso de Portugal e medo, por antecipação, pelo ato de consumação do seu casamento. Ao constatar que o seu marido teria barregãs e filhos ilegítimos, a rainha revela irritação e mágoa. D. Isabel experimenta também pela primeira vez sentimentos como ódio pelas intrigas da corte e desejo de vingança de todas as damas alvo das atenções do rei, seu marido. Aliás, mesmo em relação à presença de Vataça nesta fase da sua vida, a rainha sente por um lado ciúmes pela atenção que D. Dinis lhe reserva e por outro alívio, por esta já ter esquecido o seu irmão e ter permanecido em Portugal.

Na relação amorosa com o rei, D. Isabel vai conhecer sentimentos como felicidade, amor, desejo e também dor e desapontamento, pela desilusão que este lhe provoca por continuar a partilhar a sua atenção com as barregãs. Sempre que

---

<sup>155</sup> COSTA, Adelaide - "A expressão das emoções no circuito comunicacional da periferia para o centro político (Reino de Portugal, início do século XVI)". In JARA FUENTE, José Antonio (coord.) - *Emociones políticas y políticas de la emoción. Las sociedades urbanas en la Baja Edad Media*. Madrid: Dykinson, 2021, pp. 37-41.

conhece nova traição do marido é por ela sentido como um vexame. Com a maternidade a rainha experimenta o amor maternal e alegria com as conquistas dos filhos. Em relação ao filho varão, a rainha sente orgulho pela forma como o educou para ser próximo e respeitador da esposa e do matrimónio.

Já para o final da vida a rainha sente-se cansada e também desiludida, pela contenda entre o seu marido e filho. Nesta fase, D. Isabel reconhece também que sentiu momentos de verdadeira felicidade e desejo pelo marido, mas que enterrou esses sentimentos dentro de si, pelo ódio de o ver com outras mulheres.

No que concerne ao romance de Queral Del Hierro, encontramos também uma rainha que, já em idade avançada, vai tecendo as suas memórias desde a infância, evocando os sentimentos e emoções que se recorda de ter sentido.

A personagem da rainha começa por demonstrar sentir-se indefesa por, nesta época de velhice, já não ter os pais para a amparar. Relembra a infância feliz, despreocupada e excitada pelo ambiente da corte, sensações só contrariadas pela amargura motivada pela morte do avô.

Após o casamento D. Isabel experimenta nervosismo e vergonha ao antecipar o primeiro encontro com o rei seu marido. Este nervosismo era um sentimento novo para si, significava que o homem, não o rei, lhe pertencia. Com a consumação matrimonial a rainha sente a dor física e a amargura na alma com o posterior abandono do marido. Ao longo da convivência com D. Dinis, D. Isabel experimenta sentimentos como o desalento, solidão e desamparo pelas ausências constantes do rei. Ainda assim, nos momentos de intimidade com ele sente felicidade e calafrios de prazer. A desilusão, angústia, ódio e ciúmes chegam quando D. Isabel descobre as traições do marido.

Ao enfrentar a maternidade, a rainha conhece o orgulho pelo facto de ter conseguido ser mãe e assegurar também um herdeiro para o trono. No final da vida, e ao fazer um balanço da sua existência, D. Isabel assume-se como

pecadora e refere que não soube ser mais mulher e menos rainha, caracterizando os seus sentimentos como próprios de uma camponesa.

Como foi possível verificar através desta análise, os dois romances estão peçados de alusões a sentimentos e emoções vivenciadas pelas personagens, tendo nós enfatizado os atribuídos à personagem principal. As autoras consideram que para que o público se identifique e incorpore na história há que, em primeiro lugar, adequar a linguagem e é permitida a expressão de sentimentos, uma vez que estes não mudam ao longo dos tempos. Assim, nas obras analisadas, Isabel é retratada não só como rainha, mas essencialmente como uma mulher.

E porque demos atenção às emoções e sentimentos recriados pelas ficcionistas? Porque os historiadores são parcos a descrever sentimentos: de facto, mesmo analisando cartas pessoais, é difícil um historiador fazer a distinção entre a expressão de um sentimento e a expressão formal da cultura diplomática ou cortesia familiar.

## Conclusão

Escrever acerca de Isabel de Aragão, uma figura ímpar da história de Portugal, foi por si só uma tarefa complexa, porém extremamente gratificante, pois esta rainha, e, essencialmente, esta mulher, é uma figura ibérica fascinante e incontornável.

Como verificado ao longo do estudo, foi feito um trabalho comparativista entre dois romances históricos do século XXI, e a forma como eles completam os silêncios da historiografia com a ficção ou, ainda, como abrem caminhos alternativos a factos comprovados. Para tanto, esta dissertação teve sempre por base de sustentação de acontecimentos históricos e interpretações plausíveis a biografia realizada pela professora Maria Filomena Andrade.

Foi nosso objetivo refletir sobre a questão: porque é que as biografias romanceadas se traduzem em números de vendas superiores às biografias historiográficas, mesmo quando partilham os escaparates das livrarias e dizem respeito à mesma personagem?

Um ficcionista, quando escreve qualquer género literário, está intimamente ligado não só ao seu público, mas também à sua editora, a críticos literários, a livreiros, preocupando-se, em última análise, com o sucesso e o número de exemplares vendidos da sua obra. Por parte das editoras, se observarmos o espaço que, por norma, dedicam ao romance histórico, com promoção de títulos e autores, e publicidade no digital, percebemos que se trata de um produto com lucro consolidado. É um género do agrado do público, que lhe permite associar lazer a “uma aprendizagem não formal”, sendo um formato de sucesso garantido para o mundo editorial. O público alvo deste género literário, aliás, poderá sentir uma aproximação ao autor dada a interação ocorrida nas redes sociais ou encontros entre autor e leitores.

Nas obras analisadas é perceptível uma tentativa clara de aproximação ao leitor, quer em termos de linguagem, quer em termos da construção das personagens. A ficção permite às autoras a oportunidade de se aventurarem em algumas interpretações fantasiosas, normalmente não se afastando de forma radical daquilo que o discurso historiográfico comprovou.

Stillwell e Queral Del Hierro procuram preencher os espaços lacunares da historiografia, servindo-se da sua criação literária e da riqueza que a liberdade criativa e recursos do texto literário lhes coloca ao seu dispor. Quando as autoras atribuem sentimentos e emoções às personagens estão a dar-lhes vida aos olhos do leitor, contribuindo assim para que este incorpore em si a mensagem e a tome como verosímil e possível. São criados cenários, acontecimentos e diálogos que podem ser aceites como corretos aos olhos do leitor. Estamos então perante um fio condutor que permite reduzir a distância entre o passado e a atualidade.

As personagens dos dois romances apresentam características e opiniões verdadeiramente enquadradas no conhecimento da realidade da sociedade contemporânea, uma vez que os sentimentos e emoções que expressam ajudam a uma compreensão e aproximação ao que se quer transmitir.

As duas obras atribuem à figura feminina o protagonismo e atenção que lhe foi negada na historiografia mais tradicional, ou nos compêndios escolares que ainda hoje chegam aos estudantes, nos quais as rainhas são remetidas para um lugar secundário ou com pouco interesse a ser explorado.

As romancistas escolhem, de forma consciente, não recontar, mas relatar a história de D. Isabel, de forma intencional, levando o leitor a apropriar-se da mesma, porque a contam como possível e de forma encadeada. As abordagens são distintas. Isabel Stilwell cria uma história de forma cronológica e quase fotográfica, permitindo ao leitor acompanhar a trama, episódio a episódio. Por seu lado, Queral Del Hierro narra a sua história em forma de memórias da rainha, o que permite seleccionar os momentos a desenvolver. Ambas apostam numa

narrativa que coloca em evidência os momentos para os quais é possível recorrer à criação literária, sem comprometer o conhecimento historiográfico estabelecido. Mas a figura de Isabel de Aragão não é somente mostrada ao público como rainha, mas também como mulher responsável pela construção da sua realidade. A rainha é concebida como uma mulher intemporal, que ama, que defende as suas opiniões e que é capaz de se questionar e revoltar contra o destino que outros parecem ter escolhido para si.

Finalmente foi ainda possível verificar que, de forma consciente, as autoras pretendem mostrar ao seu público uma rainha que, embora faça parte do catálogo religioso foi acima de tudo e, em primeiro lugar, uma mulher. Rainha, mãe de seus filhos e dos que acolheu e alguém que é retratada não pelo que representou, mas pelo que viveu e essencialmente sentiu.

Os eventos fantasiosos, nos quais perpassa uma construção literária emotiva, são omitidos pela historiografia. Aqui radica a grande diferença entre as obras ficcionais e historiográficas: as romancistas, partindo do princípio de que as emoções e sentimentos são intemporais, criam enredos românticos para prender a atenção do leitor

Somos conscientes que o nosso trabalho apresenta um caminho possível, entre tantos outros, para a continuação do estudo comparativista entre a historiografia e o discurso literário. Gostaríamos que o mesmo não se encerrasse neste trabalho de estudo e investigação e pudesse servir de interesse para outros trabalhos futuros

## 6. Bibliografia:

ANDRADE, Maria Filomena, *Isabel de Aragão- Rainha santa, mãe exemplar*. Lisboa: Temas e debates, 2014.

CABRAL, Helena Sacadura - *As nove magníficas, O Fascínio do poder*. Lisboa: A esfera dos livros, 2011.

COSTA, Adelaide - "Arnaldo Gama entre a Literatura e a História: mote para uma reflexão epistemológica". In *Actas do Colóquio Literatura e História*. Lisboa: Universidade Aberta, 2003, pp. 63-75.

COSTA, Adelaide - "A expressão das emoções no circuito comunicacional da periferia para o centro político (Reino de Portugal, início do século XVI)". In JARA FUENTE, José Antonio (coord.) - *Emociones políticas y políticas de la emoción. Las sociedades urbanas en la Baja Edad Media*. Madrid: Dykinson, 2021, pp. 37-60

COSTA, Isabel Maria Marques - *Isabel de Aragão, Rainha Santa, no período medieval e na atualidade, uma visão comparatista entre textos literários e historiográficos*. Lisboa: Universidade Aberta, 2019 (policopiada).

DUARTE, Teresinha Maria - "Santa Isabel rainha de Portugal". *Revista do Niesc* 6 (2006), p.129.

FERREIRA, Simone dos Santos Alves - *Mito e criação literária: O repensar paródico dos mitos Inesiano e Isabelino*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8528/2/arquivo%20total.pdf>

FRANCO, António Cândido - *Os pecados da Rainha Santa Isabel*. Ésquilo, 2010.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte – “A Idade média revisitada por Umberto Ecco”. *Letras* 37 (1998), pp. 208-223.

GIMENEZ, José Carlos - *A Rainha Isabel nas Estratégias Políticas da Península Ibérica: 1280-1336*. Curitiba, 2005.

GIMENEZ, José Carlos - *Rainha Santa Isabel, a (Re) Construção de uma hagiografia*, Mosaico, Universidade católica de Goiás, 2013.

IGGERS, Georg - “Desafios do Século XXI à historiografia”. *História da historiografia* 4 (2010).

LOPES, Emília Mendes - *O discurso ficcional: Uma tentativa de definição*. Belo Horizonte, Faculdade de letras de UFMG, 2000.

MARINHO, Maria de Fátima – “A construção da memória”. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* 10 (2008), pp. 135–148, 2008. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/134>.

MARINHO, Maria de Fátima – “Romance Histórico”. In *DICIONÁRIO De Historiadores Portugueses* disponível em [506100.pdf \(up.pt\)](#)

MARINHO, Maria de Fátima, *O Romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.

MEDEIROS, Aldinina – “Entre ficção e História: Isabel, A Rainha Santa de Portugal”. *Revista Graphos* (2019).

MEDEIROS, Aldinina – “Caminhos do romance histórico contemporâneo português: percorrendo veredas”. *Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social* 15 (2017), pp. 201–221.

NEMÉSIO, Vitorino - *Isabel de Aragão Rainha Santa. Obras Completas X*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

*Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal, texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva E acompanhado de notas explicativas por José Joaquim Nunes*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. Disponível - [Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal : texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva, e acompanhado de notas explicativas \(archive.org\)](#)

PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor – “A nobreza portuguesa no período dionisino, contextos e estratégias (1279-1325)”. *En la España medieval* 22 (1998), pp. 61-176.

PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor - *D. Dinis*. Porto: Círculo de Leitores, 2005. (Col. Reis de Portugal, v.VI)

QUERALT HIERRO, Maria Pilar - *Memórias da Rainha Santa*. Lisboa: A esfera dos livros, 2009.

SILVA, Mariana Raquel Faria – *As mulheres que acompanharam as rainhas de Portugal, os séqüitos femininos de Leonor Teles, Filipa de Lencastre e Leonor de Aragão (1371-1445)*, Porto. Universidade do Porto,

STILWELL, Isabel - *Isabel de Aragão Entre o Céu e o Inferno, Manuscrito*. Queluz de Baixo: Editorial Presença, 2017.

# **Anexos**

Títulos dos capítulos	Acontecimentos/referências/pormenores	Personagens
Mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel, primavera de 1339	<p>Altura da rainha;10 cm mais do que o rei</p> <p>D. Dinis – sepultado em Odivelas;</p> <p>Recordação do avô Jaime (piedoso com os pobres);</p> <p>Vestia o hábito das Clarissas desde a morte do marido(5 anos) e o bordão de peregrina, mas não abdica da coroa;</p>	<p>Referência a Vataça, Constância da Sicília, mãe</p> <p>Frei Salvado Martins</p> <p>Referência da Rainha Beatriz sua nora;</p> <p>Referência da D. Dinis;</p> <p>Referência a D. Afonso seu filho;</p> <p>Referência a mestre Pêro;</p>
Iª PARTE (1275-1282)		
Palácio Real de Barcelona, março de 1275	<p>Isabel tem 5 anos, conversa com o avô, refere o seu rapto, revela uma ligação muito próxima com este;</p> <p>Fascínio do avô pela neta, olhos verdes(de ambos)</p> <p>Referência que Isabel preferia ouvir filósofos e conversar do que brincar;</p> <p>referência a teimosia de Isabel;</p> <p>Referência ao livro de feitos do rei</p> <p>Referência a possível ódio entre os pais de Jaime I</p> <p>Referência a guerra(15 anos) entre Aragoneses e Catalães</p> <p>Referência a beleza e altura de Jaime I, cabelos cor de cobre;</p> <p>Referência a disputa dos filhos do rei pelo trono de Aragão;</p> <p>Referência ao nascimento de Isabel, envolta num saco sagrado, pele que a mãe guarda numa caixa de prata</p> <p>Referência ao batismo de Isabel na Sé de Saragoça e trazida pelo rei para a sua corte</p> <p>Referência a fase de loucura de Jaime I quando uma seta lhe atravessa a cabeça na conquista de Valência, onde pecara com outras mulheres tendo vários filhos;</p> <p>Referência a retirada de dois reinos ao primogénito Afonso para distribuir pelo pai e tio de Isabel;</p> <p>Referência a disputas entre Pedro e Fernando Sanches, tendo-se este aliado a Carlos de Anjou. Pedro pede ao rei a prisão de Sanches;</p>	<p>Avô Jaime I</p> <p>Referência a seu pai</p> <p>Referência a Berengária sua ama;</p> <p>Referência a Simão de Monforte</p> <p>Referência ao papa Inocêncio</p> <p>Referência a Pedro e Jaime(filhos de Jaime I)</p> <p>Referência a Fernando Sanches filho bastardo de Jaime I</p> <p>Referência a primogénito Afonso</p> <p>Referência a Violante da Hungria mãe de nove filhos do rei</p> <p>Referência a Santa Isabel de quem Isabel herda o nome</p> <p>Referência a frei Francisco, confessor da mãe de Isabel</p> <p>Referência a Jaime e Afonso irmãos de Isabel</p> <p>Referência ao médico judeu de Jaime I</p> <p>Referência ao bispo de Girona</p> <p>Referência a Leonor de Castela, 1ª esposa de Jaime I</p> <p>Pedro Coronel, mordomo mor de Jaime I</p> <p>Referência a Carlos de Anjou;</p>
Palácio Real de Barcelona, junho de 1275	<p>Referência à altura de Pedro, mais alto ainda que Jaime I, Isabel não se lembrava de o ter jamais visto, embora Berengária lhe tenha falado das suas visitas em criança;</p> <p>Reunião na corte de Jaime I com Pedro e Fernando Sanches onde o rei dá o acordo a que Pedro ataque o castelo de Antillón mas que não faça mal a Sanches.</p>	<p>Pedro Pai de Isabel</p> <p>Berengária</p> <p>Referência ao doutor Salá</p> <p>Fernando Sanches</p> <p>Referência a Blanca de Antillón</p>
Palácio Real de Barcelona, julho de 1275	<p>Isabel passeia com o avô pedindo-lhe que contasse mais um feito; Curiosidade de Isabel;</p> <p>referência ao ataque e vitória de Pedro ao castelo de Antillón; fuga de Sanches, perseguição de Pedro que o encontra e manda afogar</p>	<p>Jaime I</p> <p>Pedro Coronel</p>
Palácio Real de Barcelona, março 1276	<p>Seis anos de Isabel;</p> <p>Esta vai a gafaria com o frade para cuidar dos doentes e leprosos;</p> <p>Isabel volta para o palácio e em conversa com o avô, este faz referência ao dia que partirá para Sicília para libertar o reino do domínio de Carlos de Anjou</p> <p>Referência de que Carlos de Anjou teria mandado cegar os três tios de Isabel com um ferro em brasa;</p> <p>Referência a que um dia os pais de Isabel vão ser reis da Sicília;</p> <p>Isabel assiste à construção de barcos para a armada de Jaime I e coloca madeira na esmoleira que tinha sempre para dar esmola aos pedintes;</p>	<p>Berengária</p> <p>Referência a escrava negra que deixa fugir a princesa;</p> <p>Referência a novo frade franciscano</p> <p>Jaime I</p> <p>Isabel</p> <p>Pedro Coronel</p>

	<p>Isabel vai com Berengária ter com Frei Pedro e dá-lhe toda a sua bolsa de maravedis; preocupação com os pobres e desvalidos;</p>	<p>Referência ao avô Manfredo</p> <p>Referência a Pedro e Constança, pais de Isabel</p> <p>Referência a João Sens, criado da casa do rei que mais gostava;</p> <p>Referência aos mercedários;</p> <p>Referência a Frei Pedro de Serra;</p> <p>Referência à tia avó Santa Isabel</p>
<p>Alcáçova de Tarragona, maio de 1276</p>	<p>Referência a conquista de Maiorca e dificuldade de negociação entre catalães e aragoneses; Isabel pergunta ao avô se já a tinha relatado nos feitos; 25 navios e 12 galés(armada do rei);</p> <p>Referência aos 32 anos do rei nessa altura</p> <p>Morte de Montcada nessa batalha</p>	<p>Jaime I</p> <p>Isabel</p> <p>Referência a Ramón de Montcada(amigo do rei)</p> <p>Referência a Abu Yahya(Líder exército sarraceno e senhor daquelas terras);</p> <p>Referência ao xeque Abohehie</p> <p>Referência ao filho de Sancho I;</p>
<p>Castelo de Peníscola, maio de 1276</p>	<p>Jaime I tem 68 anos e conta à neta a rendição de Peníscola com o compromisso que os costumes islâmicos seriam respeitados</p>	<p>Referência ao alvizir de Peníscola;</p> <p>Referência à avó Violante</p> <p>Referência a Manuel de Castela, irmão do rei de Castela</p>
<p>Alcáçova de Valência, 2 de junho de 1276</p>	<p>Jaime I lava os pés de mendigos no palácio ao exemplo de Jesus; fica orgulhoso quando Isabel lhe segue o exemplo, mas depois repreende-a dizendo ser culpa sua de a mimar tanto;</p> <p>Jaime I terá de partir novamente para a guerra, Alcoi foi tomada com a ajuda do rei de Granada (informa Pedro pai de Isabel que chega)</p> <p>Jaime I parte para a guerra e entregam-lhe a cabeça de Al-Azraq; Jaime adoece depois da batalha</p>	<p>Referência à tia Sancha de Isabel que terá seguido a vida a ajudar os pobres e terá morrido em Jerusalém?</p> <p>Referência a Al-Azraq;</p> <p>Referência ao filho de Al-Azraq;</p>
<p>Alcaçova de Alzira, 25 de julho de 1276</p>	<p>Jaime I está moribundo e Isabel pede-lhe que lhe conte a história da andorinha que fizera ninho numa tenda de batalha, que o rei mandou ficar para não destruir o ninho-confiança que em nós depositam;</p> <p>Morte de Jaime I; este é vestido com o hábito de Cistér, como era de sua vontade</p>	<p>Arnaldo de Vilanova, médico do rei</p> <p>Confessor e padres</p> <p>Pai e tio Jaime</p> <p>Bispo de Valência</p> <p>Berengária</p>
<p>Catedral de Valência, 31 de julho de 1276</p>	<p>D. Pedro é agora rei de Aragão, Catalunha e Valência e os nobres beijam-lhe as mãos jurando obediência;</p> <p>Isabel conhece Vataça</p>	<p>D Pedro</p> <p>Jaime irmão de Isabel</p> <p>Princesa Vataça Láscaris</p> <p>Referência a Eudoxia Láscaris</p>
<p>Alcáçova de Valência, 1 de agosto de 1276</p>	<p>Encontro de Isabel com a mãe após a cerimónia fúnebre do avô;</p> <p>D. Constança conta mais uma vez a Isabel o seu nascimento e como estava envolta numa película "mágica"</p>	<p>Berengária</p> <p>Constança, mãe de Isabel</p> <p>Referência aos irmãos de Isabel, Afonso e Jaime;</p> <p>Referência a Vataça</p> <p>Referência aos irmãos mais novos de Isabel</p> <p>Referência a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara</p>
<p>Mosteiro real de Poblet, agosto de 1276</p>	<p>Chegada a comitiva de viagem de sepultamento de Jaime I neste mosteiro, como era de sua vontade</p> <p>Sepultamento de Jaime I num jacente simples</p> <p>Isabel quer terminar o livro de feitos do avô com a ajuda de Frei Martim</p>	<p>Referência aos pais e irmãos mais velhos de Isabel e ao seu tio Jaime</p> <p>Isabel</p> <p>Berengária</p> <p>Jaime, irmão de Isabel</p> <p>Referência a avó Violante e Teresa, esposas de Jaime I</p> <p>Pedro Coronel</p> <p>Referência a Frei Martim, secretário de Jaime I</p>

Saragoça, novembro de 1276	<p>Primeira vez que Isabel estava em Saragoça depois do seu nascimento;</p> <p>Prepara-se a coroação de D. Pedro, já jurado pelas cortes de Barcelona;</p> <p>Referência a possíveis traições de D. Pedro à esposa, tal como via o avô a demonstrar interesses vários nas mulheres;</p> <p>Vataça torna-se mais próxima de Isabel ;</p> <p>Coroação de D. Pedro aos 37 anos, D. Constança 10 anos mais nova;</p>	<p>Referência ao bispo de Tarragona</p> <p>Isabel</p> <p>Jaime seu irmão</p> <p>Vataça</p> <p>Pequeno Frederico</p>
Palácio Real de Barcelona, dezembro de 1278	<p>Chegada de D. Pedro e D. Violante;</p> <p>Preocupação de D. Constança com a segurança dos Infantes de la Cerda;</p> <p>Afonso X teria anunciado publicamente que deixaria o trono ao neto Afonso de la Cerda</p> <p>Isabel ia fazer 9 anos</p> <p>Isabel continua a fazer caridade e a dar esmola aos pobres;</p> <p>D. Constança refere a Raimundo de Cardona que o seu testamento está feito e que quer ser sepultada naquele convento entre os que dão a vida pelos pobres;</p>	<p>Vataça</p> <p>Isabel</p> <p>D. Constança</p> <p>Eudóxia Láscaris</p> <p>D. Pedro</p> <p>D. Violante tia de Isabel</p> <p>Referência aos infantes de la Cerda, netos de D. Violante</p> <p>Referência a Afonso X de Castela</p> <p>Referência a D. Beatriz meia-irmã de Isabel</p> <p>Referência a João Sens e a pobre que Isabel ajudou</p> <p>Frei Francisco</p> <p>Raimundo de Cardona (um dos senhores da casa da rainha)</p>
Palácio Real de Barcelona, 10 de fevereiro de 1279	<p>Referência a que a amante do rei estava de novo grávida e este lhe dera Alzira(terras)</p>	<p>Referência a Inês Zapata(coscuilheira da corte);</p> <p>Referência a Arnaldo de Vilanova</p>
Castelo de Tortosa, maio de 1279	<p>Pedro rei de Aragão, Valência e conde de Barcelona não aceitava a soberania do irmão Jaime II de Maiorca, tal como testamento de Jaime I;</p> <p>Referência a carta que afirma que Jaime II assina acordo de vassalagem em Perpignan;</p> <p>Jaime irmão de Isabel critica o avô por ter deixado o reino de Maiorca ao tio, sob o pretexto deste se aliar a Carlos de Anjou;</p> <p>Referência a preocupação também por Portugal e como Afonso III promete que D. Dinis se reconciliaria com a igreja acabando com a excomunhão;</p> <p>Jaime, irmão de Isabel aventa a hipótese de poder ser um dia rei da Sicília;</p>	<p>Jaime seu irmão</p> <p>Referência ao rei Afonso III de Portugal;</p> <p>Referência a D. Dinis com 17 anos</p> <p>Referência a Raimundo de Cardona</p> <p>Referência ao papa João XXI</p> <p>Referência ao abade de Alcobaca que acredita no arrependimento de D. Afonso III de Portugal</p> <p>Referência a Arnaldo de Vilanova</p>
Palácio Real de Barcelona, abril de 1280	<p>Cumplicidade entre D. Constança e Eudóxia láscaris, enquanto tecem considerações acerca dos feitos fortes das filhas e da proximidade de Vataça e Jaime;</p> <p>Referência de que Eudóxia teria estado prometida a Pedro de Aragão antes de Constança; esta terá sido repudiada pelo marido;</p> <p>D. Pedro de Aragão terá já sondado na esposa acerca de planos de casamento para D. Isabel;</p> <p>D. Constança tem agora 31 anos, terá chegado a Aragão aos 15. Relata a intenção de tanto ela como o esposo recuperarem o reino da Sicília que enfrentava revoltas com o aumento dos impostos; esta reconhece as alianças procuradas pelo marido, com Castela, Portugal Inglaterra e França.</p> <p>Referência de que D. Pedro de Aragão chegara a acordo com o infante Sancho de Leão e Castela na sua pretensão ao trono; também D Dinis de Portugal se comprometera a apoiar Sancho, contra o avô de que fora muito próximo.</p> <p>Referência que D. Pedro tinha negociado os termos do casamento de Isabel com D. Dinis, pois ela selaria o pacto;</p>	<p>D. Constança</p> <p>Eudóxia Láscaris</p> <p>Referência a Raimundo de Cardona</p> <p>Referência ao Infante Sancho de Leão e Castela</p>
Palácio Real de Barcelona, agosto de 1280	<p>10 anos de Isabel, 14 de Vataça; 13 anos de Jaime</p> <p>Isabel acorda sempre muito cedo para rezar; Hoje precisa falar com o pai</p> <p>Referência em que foi o irmão Jaime quem a ajudou a convencer os homens-bons a financiarem o hospital dos desvalidos;</p> <p>Isabel guardava sempre uma cópia do livro de feitos do avô na sua arca;</p> <p>D. Pedro dá a conhecer a Isabel os planos para o seu casamento, diz-lhe que só casa se quiser, mas ela sabe que tal não é verdade;</p> <p>Obediência ao pai-"Seja feita a sua vontade"</p> <p>Referência que D. Dinis se tinha oposto à mãe e ao rei de Castela;</p>	<p>Referência aos irmãos Afonso e Frederico, o primeiro já luta nos exércitos do pai; Referência aos outros irmãos Jaime e a pequena Violante;</p> <p>Raimundo de Cardona</p> <p>Referência a D. Afonso III e Beatriz de Castela;</p> <p>Referência a Afonso X</p> <p>Referência a D. Matilde de Bolonha esposa de D. Afonso III</p>

	<p>Referência de que só depois da morte de D Matilde foi possível legitimar D. Dinis e que este terá recebido o seu nome de um santo francês do qual o pai era devoto;</p> <p>Referência a que D. Dinis não se quer encontrar com o avô Afonso X, pois quer seguir as suas próprias ideias</p>	
Palácio Real de Barcelona, novembro de 1280	Mensageiros da corte portuguesa vêm formalizar o pedido de casamento de Isabel	Referência a Constança de Barnar, com quem o pai se recusara a casar
Palácio Real de Barcelona, abril de 1281	<p>Referência de que D. Dinis saiu de Lisboa com um exército para sitiar o irmão em Vide; o irmão mais novo de D. Dinis era dono de terras fronteiriças e estava a fortificá-las sem autorização régia;</p> <p>Referência de que Afonso de Portugal vê uma oportunidade de se aliar ao avô e ganhar o trono com isso;</p> <p>Referência de que D. Dinis seria temperamental;</p> <p>Referência a que Afonso X aceitara que o filho Sancho lhe sucedesse, Aragão apoia este acerto e esquece as pretensões de Afonso de la Cerda;</p> <p>Era preciso agora que D. Dinis se reconciliasse com o avô;</p>	<p>Referência à filha do conde de Fois;</p> <p>Referência ao almirante Conrado Lonza</p> <p>Referência a Beltran de Vilafranca, cónego de Tarragona</p> <p>Referência a Conrado Lonza, almirante do rei</p>
Alcaçova de Tarragona, 1 de maio de 1281	<p>Acordo de casamento de Isabel, D. Dinis doara-lhe arras e tinha sido generoso, dinheiro e terras: Abrantes, Óbidos, Alenquer e Sintra. Nova carta do sogro a pedir que este fizesse as pazes com o irmão e avô, a pedido de Sancho de Castela;</p> <p>Referência que D. Afonso de Portugal fugira para Sevilha onde já estava também a mãe</p>	<p>D. Constança</p> <p>Eudóxia</p> <p>Referência a Bêltran de Vilafranca</p> <p>Referência a Inês Zapata</p>
Aljafería de Saragoça, 10 de dezembro de 1281	<p>Guerra civil entre Leão e Castela enchia de pobres e mendigos as ruas de Saragoça;</p> <p>Isabel, Vataça e Beatriz saíam todas as manhãs com a rainha para ajudar os pobres;</p> <p>Peste e lepra alastram, mas Isabel lava as feridas aos pobres;</p> <p>Referência ao plano de casar Afonso de Portugal com Violante Manuel, ficando este senhor das terras de Múrcia;</p>	<p>Vataça</p> <p>Isabel</p> <p>Referência a Violante Manuel, prima de Isabel</p>
Palácio Real de Barcelona, 20 de janeiro de 1282	Constança e Eudóxia apresentam uma parteira que explica a Isabel como deve ser para agradar a seu marido, algo que ela já conhece por observar as relações das mulheres e homens na corte; Isabel é encorajada a aceitar o marido e a dar-lhe filhos;	
Palácio Real de Barcelona, 11 de fevereiro de 1282	<p>Isabel celebra o casamento com D. Dinis perante o procurador de D. Dinis; desce depois à capela onde estavam os restos mortais de Santa Eulália;</p> <p>Isabel usava um vestido branco e Vataça emprestara-lhe um cinto esmalte;</p> <p>Jaime deseja com paixão Vataça que tem agora 16 anos; beija-a;</p> <p>Jaime promete amá-la mesmo partindo esta com D. Isabel para Portugal</p>	<p>Vasco Pires</p> <p>Bispo de Valência (preside à cerimónia)</p>
Alcáçova de Valência, 5 de abril de 1282	<p>Chega uma embaixada da Sicília que pede aos reis que aceitem esta coroa, pois os franceses foram expulsos da ilha pela população revoltada;</p> <p>D. Constança refere que chega também a hora de Isabel partir para Portugal;</p> <p>Referência que Afonso X fora deposto em favor de Sancho;</p> <p>Afonso X entrega a Beatriz em sinal de gratidão pelo apoio de cavaleiros Portugueses as vilas de Moura, Serpa, Noudar e Mourão, este facto vai desavir ainda mais as relações entre D. Dinis, seu irmão e mãe;</p> <p>Isabel levaria na comitiva para Portugal Vataça, Berengária, Beatriz de Cardona e João Sens; Precisava de João Sens para lhe vender as jóias e ajudar os pobres;</p> <p>Pede também que a acompanhe Frei Pedro Mercedário</p> <p>Mestre Arnaldo de Vilanova entrega como presente uma arca com frascos para a ajudar a curar os feridos;</p> <p>Jaime e Vataça passam a noite juntos</p>	<p>Raimundo de Cardona</p> <p>Referência a Branca e Sancha, irmãs de D. Dinis</p> <p>Referência a Frei Pedro Mercedário</p>
Alcáçova de Valência, 30 de abril de 1282	<p>Isabel parte para Portugal, a mãe e Jaime tinham partido nessa manhã para Barcelona;</p> <p>Maria de Molina pede a Isabel que juntas trabalhem pela paz; após um mês de viagem, em breve estariam em Portugal;</p> <p>Isabel chega, mas D. Dinis não a veio receber, mas sim D. Afonso que tinha já feito as pazes com este e D. Gonçalo Garcia de Sousa, casado com irmã bastarda do rei;</p>	<p>Referência a Sancho e sua mulher Maria de Molina;</p> <p>Referência ao irmão de Sancho que conduz agora a comitiva</p> <p>Referência a D. Gonçalo Garcia de Sousa</p>
Castelo de Bragança, maio de 1282	<p>Referência ao casamento de Violante Manuel com D. Afonso sem dispensa papal e que os filhos serão ilegítimos;</p> <p>Referência que D. Dinis não veio receber Isabel pois terá ficado em Trancoso para supervisionar a festa;</p> <p>Vataça terá ouvido que D. Dinis não tinha vindo por estar encantado com uma mulher. Não revela esta facto a Isabel;</p>	
Trancoso, 23 de junho de 1282	Isabel chega a Trancoso e não está à sua espera nem a sogra, nem a cunhada nem uma camareira-mor;	D. Dinis

	<p>Referência de que Berengária amamentara Isabel;</p> <p>Isabel quer distribuir moedas e joias aos pobres;</p> <p>Cortejo entra pela Porta D'el rei que Dinis manda construir para receber a rainha;</p> <p>D. Dinis conhece Isabel, chama-a de Rosa de Aragão e oferece-lhe uma rosa cor de sangue; este fica espantado por a ver de sua altura, esta viria certamente a ser mais alta do que ele no futuro;</p> <p>Referência a que Isabel portava uma sombrinha que nunca tinha sido vista pelas damas da corte portuguesa;</p> <p>D. Dinis refere a beleza de Vataça ao seu apresentado a esta por D. Isabel;</p> <p>Referência de que não era possível celebrar missa nas igrejas de Trancoso;</p> <p>Referência aos 12 castelos que o rei oferece a Isabel;</p> <p>Leonor Afonso será a única mulher da família próxima de D. Dinis; Vataça refere que ela não é de confiança</p>	<p>D. Isabel</p> <p>Referência a Leonor Afonso, meia irmã do rei</p>
Paço de Trancoso, julho de 1282	<p>Duas semanas passadas em Trancoso, Isabel escreve ao irmão Jaime;</p> <p>Referência de que a rainha mandara distribuir comida e dinheiro aos pobres;</p> <p>D. Dinis e Vataça preparam os cavalos para uma caçada, Isabel recusou ir; depois acercada de um sentimento estranho resolve ir;</p> <p>D. Dinis conta ataque de urso que sofreu e como se salvou graças a pedir ajuda a São Dinis e São Luís. Consegue cravar no animal um punhal, promete-lhes uma capela no convento de São Francisco em Beja e um mosteiro dedicado a São Dinis no paço de Odivelas;</p> <p>Vataça conhece outra versão da história contada por Raimundo de Cardona. Não a revela para já a Isabel</p>	
2º parte (1284-1313)		
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, março de 1284	<p>Isabel com 14 anos e "ainda sem ser mulher", teme ser repudiada pelo marido;</p> <p>Referência de que D. Dinis ainda não chegou a acordo com Roma para evitar a excomunhão;</p> <p>Referência que Isabel vende suas joias, mesmo as que o marido lhe oferece para dar aos pobres;</p> <p>Referência que D. Mor vai construir um convento em homenagem a Santa Isabel da Hungria, deixando o convento de São João das Donas;</p> <p>Referência que Gonçalo Peres seja filho da abadessa do Lorvão;</p> <p>Referência ao sucesso de reconquista da Sicília; Isabel escreve ao irmão Jaime e vataça também;</p>	<p>Referência a Arnaldo de Vilanova;</p> <p>Referência a Pedro Hispano;</p> <p>Referência a frei Pedro, seu confessor;</p> <p>Referência a D. Mor</p> <p>Referência a D. Raimundo de Cardona</p> <p>Referência a Gonçalo Peres (mordomo-mor de D. Dinis);</p> <p>Referência a D. Leonor Afonso (meia-irmã de D. Dinis);</p> <p>Referência a Martins Anes de Soverosa;</p>
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 20 de abril de 1284	<p>Mem Rodrigues de Briteiros, interpela D. Dinis, queixando-se de estarem a ser cobrados demasiados impostos e serem as terras da Nobreza visitadas sem aviso prévio para cobrar os mesmos, estará também o rei a quebrar os velhos costumes</p> <p>Isabel torna-se "mulher";</p> <p>Referência a que D. Dinis já fora pai fora do casamento;</p> <p>Referência ao falecimento de Afonso X; D. Dinis lê carta de D. Beatriz em que Afonso X se lamenta de não ter tido o apoio de D. Dinis; Portugal continua sem poder celebrar sacramentos.</p>	<p>Mem Rodrigues de Briteiros (cavaleiro da corte);</p> <p>Referência a Aldonça Rodrigues de Telha (barrega do rei que estaria grávida);</p> <p>Referência a Pedro Afonso (filho de D. Dinis fora do casamento);</p> <p>Referência a Sancho IV de Leão e Castela</p>
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 11 de fevereiro de 1285	<p>D. Isabel faz 15 anos nesse dia e 3 de casamento;</p> <p>O casamento ainda não tinha sido até hoje consumado, mas D. Dinis intenta esforços nesse sentido, não força Isabel;</p> <p>Isabel toma um remédio para não conceber que lhe dera Vilanova para não conceber um filho ilegítimo num reino excomungado;</p> <p>D. Dinis tem filho bastardo e escolhe o nome de Afonso para a criança;</p> <p>Oferece um brinde à barregã e uma joia;</p> <p>Vataça esta de volta de Aragão e encontrou-se com Jaime em Barcelona; o rei de Portugal está a preparar-lhe um casamento;</p> <p>Jaime mostra-se mais frio para Vataça;</p> <p>Jaime refere a Vataça rumor de que esta quereria o rei de Portugal;</p>	<p>Referência a Vilanova;</p> <p>Referência a Frei Pedro;</p> <p>Referência a Sancho de Castela e Maria de Molina;</p> <p>Referência a Aldonça de Telha;</p>
Sé de Lisboa, 10 de julho de 1285	<p>Vataça casa com Martim Anes, antes recebe joia de Jaime, um alfinete de ouro com dois escorpiões que usa no casamento; este ato leva Vataça a sentir que entre eles nada existia;</p> <p>D. Dinis com este casamento une a nobreza de Vataça com a de Martim Anes 20 anos mais velho que esta;</p> <p>Contra a vontade da família Martim assina contrato nupcial que em caso de morte metade dos seus</p>	<p>Martim Anes de Soverosa</p> <p>D. Domingos Anes (bispo de Évora)</p>

	<p>bens seria para Vataça;</p> <p>Leonor Afonso espalha rumores de que este gesto do rei seria para se ir apoderando dos bens da nobreza antiga;</p> <p><u>D. Dinis tem pedido vários conselhos a D. Isabel e ouve-a;</u></p>	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 20 de novembro de 1285	<p>Isabel observa a azáfama de cidade de Lisboa e lembra com saudade a sua infância;</p> <p>Observa da janela uma galé de Aragão com a bandeira a meia haste;</p> <p>Morte de D. Pedro a 2 de novembro que se sente mal a caminho de Tarragona;</p> <p>Rei foi levado para o hospital de Cervelló;</p> <p>Irmãos de Isabel, Afonso e Jaime são agora reis;</p>	<p>Referência a D. Pedro e o bispo de Tarragona</p> <p>Referência ao almirante Roger de Lauria que vai dar a notícia a Jaime e sua mãe;</p>
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1286	<p>Mensageiro do rei da Sicília chega a dar a boa-nova da coroação de Jaime Dia 2 de fevereiro;</p> <p>D. Jaime tenta a paz com Roma, mas o papa estará de lado de Carlos de Anjou;</p> <p>D. Jaime e D. Constança são excomungados</p>	Raimundo de Montros(embaixador de rei da Sicília)
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 28 de abril de 1286	<p>Colocação da primeira pedra do novo Mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel; Isabel pede a D. Dinis que de a ajuda possível a Mor Dias;</p> <p>Isabel diz a Estevão Dade, o escrivão da casa da rainha que é preciso que a concordata com os bispos seja assinada, este deve "convencer" o rei D. Dinis; também refere que devem usar a influência dos reis de Portugal para ajudar Jaime e sua mãe;</p> <p><u>Estevão refere que é a influência de Isabel que se afirma perante o rei e não a sua própria;</u></p> <p>Isabel continua a evitar ter filhos embora o rei a visite todos os dias;</p>	<p>Referência a Violante Manuel</p> <p>Referência a Mor Dias</p> <p>Estevão Dade</p>
Messina, maio de 1286	<p>Jaime comunica à mãe que parte para a Catalunha e Portugal, ficando esta como regente;</p> <p>Jaime está perdido de ciúmes pela notícia de que Vataça casara e queria intentar que este casamento fosse considerado nulo, pois ele e Vataça tinham trocado votos perante Eudóxia Láscaris;</p> <p>Jaime não chega a partir perante a ameaça da armada de Carlos de Anjou</p>	
De Lisboa ao Sabugal, junho de 1287	<p>D. Dinis e D. Isabel viajam até ao Sabugal ao encontro dos reis de Castela;</p> <p>D. Dinis pergunta o que aconselha a sua rainha acerca deste encontro, ela sugere que o mesmo ocorra em tendas junto ao Coa, dado o estado de conservação do castelo;</p> <p>Referência a que D. Sancho estava de novo a usar o título de rei do Algarve; este terá referido que os castelos que D. Afonso deixou à sua mãe são agora outra vez dele;</p> <p>D. Dinis doa novos rendimentos no termo de Sintra a D. Isabel, pelo empenho desta nas negociações com os reis de Castela;</p>	Referência a D. Afonso Henriques e às terras de Ribacoa;
Sabugal, 10 de julho de 1287	<p>D. Isabel tem 17 anos, Maria de Molina já tem 3 filhos e aguarda o 4º;</p> <p>Referência a que D. Dinis usa as disputas territoriais na questão do apoio transmitido a Roma aos reis de Castela, tal como D. Sancho também utiliza a sua influência para atrasar a concordata que Portugal precisa para acabar a excomunhão;</p> <p>Maria de Molina diz a Isabel que um dia com o casamento dos filhos esta disputa acabará;</p> <p>D. Dinis refere a Isabel que o acordo entre os reinos está concluído, Portugal apoia Castela e este devolve as terras e o título de rei do Algarve;</p> <p>D. Afonso, irmão de D. Dinis continua em Arronches a revoltar-se;</p>	Maria de Molina
Azinhão dos Cónegos, novembro de 1287	<p>João Afonso Telo visita a rainha e pergunta-lhe se tem algum plano, esta refere que há que negociar, usando a sogra para que convença D. Afonso do perigo que este corre contra os reis de Portugal e Castela; refere ainda que se faça uma conferência de paz em Badajoz, perdendo D. Dinis o irmão;</p> <p>Agora há que vencer os reis de Portugal e Castela deste plano;</p>	<p>Referência a Sancho IV</p> <p>Referência ao cónego de Portalegre;</p> <p>João Afonso Telo, vassalo de Castela;</p> <p>Referência a Nunes de Lara</p>
Badajoz, 12 de dezembro de 1287	<p>D. Isabel escreve a Vataça, contando que estaria disposta a negociar com o irmão para que passasse o Natal fora de batalhas, este agradeceu a Isabel o seu esforço nas negociações; Afonso refere a Isabel que irá ter uma filha a quem chamará Isabel;</p> <p>Raimundo de Cardona traz mensagem de Aragão com ameaça de retirar a D. Afonso as terras que tem em Múrcia se este não negociar; esta negociação acontece, a rainha da em troca a vila de Sintra</p>	<p>Referência a Branca, senhora de Las Huelgas</p> <p>Referência a Raimundo de Cardona;</p> <p>Referência a Gonçalo Garcia de Sousa</p>
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1288	<p>Mensageiros de D. Dinis dão ordens na cúria de que para o fim da excomunhão Portugal estaria disponível na demanda contra o infiel; face a isto o papa envia bula para que Portugal elegeisse pela 1ª vez um mestre da Ordem de Santiago independente de Castela;</p> <p>D. Dinis queria mais, queria uma Universidade e Isabel reúne com os seus juristas a preparar as petições;</p>	<p>Referência a Joaquim de Fiore</p> <p>Referência a Nicolau IV</p>
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, julho de 1288	<p>Mor Dias consegue em disputas com o abade causadas pelo pequeno convento na margem sul do Mondego;</p> <p>Referência ao mal-estar em relação à herança de D. Gonçalo Garcia de Sousa;</p> <p>Isabel visita Hospital de São Lázaro e Berengária refere que lá deixará joias que o marido ou o pai</p>	<p>Referência a João Sens;</p> <p>Referência a Urraca Vasques</p>

	<p>Ihe ofereceram;</p> <p>Isabel refere que faz meses que Dinis não a procura;</p> <p>Afonso de La Cerda é proclamado rei de Leão e Castela</p>	
Paço Real de Leiria, fevereiro de 1289	<p>D. Dinis volta de Lisboa, procura Isabel e conta-lhe que vem a caminho a Concordata dos Quarenta Artigos, acaba a excomunhão de 20 anos;</p> <p>Dinis refere que Isabel não lhe deixou esquecer esta promessa de acabar a excomunhão;</p>	
Paço de Frielas, abril de 1289	<p>Isabel refere que corrige carta em Latim e faz perguntas que padres e bispos não sabem responder; necessidade de Universidade em Portugal;</p> <p>Vataça descobre a gravidez de Isabel em passeio e nesse mesmo passeio Isabel conta a gravidez a Dinis;</p> <p>Vataça lamenta-se de não ir ter nunca filhos com o marido;</p>	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1289	<p>Isabel conta a Berengária a sua gravidez;</p> <p>Dinis sente orgulho na gravidez da mulher e dedica-lhe trovas;</p>	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 3 de janeiro de 1290	<p>Nasce a filha de Isabel, Constança; D. Isabel não terá pensado em nomes de meninas durante a gravidez; Vataça conta que o rei se encheu de lágrimas perante a menina;</p> <p>Medo de Isabel perante a ideia de não ter dado um varão ao rei; referência a Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis, que seria uma cópia deste; Vataça refere que a mãe mandara tingir o cabelo do filho de ruivo para que se parecesse mais com o pai;</p> <p>Isabel ouvindo a filha chorar vai pegá-la ao colo enquanto pensa que terá que dar um filho varão a Dinis;</p>	Referência a Pedro Hispano
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1290	<p>Isabel recebe carta da mãe, em resposta à notícia do nascimento da filha e esta refere que deverá dar um varão ao reino, sob pena de falhar a sua missão;</p>	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, julho de 1290	<p>Isabel de novo grávida após 4 meses do nascimento da filha;</p> <p>Berengária censura mãe de Isabel por lhe recomendar uma gravidez tão próxima;</p>	<p>Leonor Afonso</p> <p>Beatriz de Cardona</p> <p>Urraca Vasques</p>
Estudo geral, Lisboa, setembro de 1290	<p>Isabel passeia com o rei e as gentes de Lisboa querem ver a rainha;</p> <p>D. Dinis está vaidoso pela sua mulher; refere novamente a diferença de altura entre ambos;</p> <p>Referência que tinha sido permitido ao bispo de Lisboa atribuir o grau de licenciatura;</p> <p>Bula que autorizava a universidade responde também ao pedido de Isabel para a igreja pagar bolsas de estudo aos eclesiásticos;</p> <p>Referência de que o estudo geral já funcionava desde março (Impaciência do rei);</p>	Bispo de Lisboa
Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1290	<p>Vataça conta a Isabel rumores de que esta seja amante de seu marido, que a casou com um homem impotente para que qualquer filho dela fosse do rei;</p> <p>Isabel recomenda que Vataça escreva a Jaime a desmentir rumor; esta assim faz e confessa na carta que seu casamento nunca foi consumado;</p>	
De Coimbra a Lisboa, abril de 1291	<p>Viagem: Afonso tem já 2 meses, nasceu a dia 8 de fevereiro em Coimbra; batizado Afonso como o 1º rei de Portugal; Isabel 10 anos de casada, longo e doloroso parto;</p>	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, julho de 1291	<p>Vataça refere preocupação por Jaime ter partido para Acre;</p> <p>Isabel vê do rio galé de Aragão a meia haste, não é Jaime, mas sim Afonso de Aragão que falece de doença súbita; dia 18 de junho de 1291 aos 27 anos, foi sepultado no hábito de S. Francisco em Barcelona; morre sem filhos na véspera de casar com filha de Eduardo de Inglaterra;</p> <p>Jaime fica rei de Aragão, deixando Sicília ao irmão Frederico;</p> <p>Vataça teme que Jaime herde a noiva do irmão;</p>	Raimundo de Cardona
Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1291	<p>Isabel recebe carta de Jaime, dizendo que não pode aceitar testamento de Afonso e não pode abdicar da Sicília, irá manter-se rei da Sicília e Aragão, não pode ser coroado rei porque já o é</p> <p>Vataça também recebe carta de Jaime o que espanta Isabel; esta carta magoa ainda mais Vataça que sente a falta de Jaime;</p>	<p>Referência a Hugo de Ampurias</p> <p>Bé Cardona(filha de Beatriz e Raimundo);</p>
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, dezembro de 1291	<p>Dinis interpela Isabel convidando-a para uma caçada, esta diz que vai ao serviço dos que têm fome; Dinis admira a mulher achando-a tão decidida e diferente das demais;</p> <p>Corre na corte que o rei terá chamado à atenção da rainha a forma como distribui a riqueza pelos pobres;</p> <p>D. Dinis finge não ver a bolsa de moedas que a rainha trazia consigo, ter-lhe-á dito: "Eras boa para rei."</p> <p>O meirinho pretende avisar o rei das moedas, ao que este responde saber que são rosas o que leva a rainha;</p>	<p>Referência a João Simão de Urró(meirinho)</p> <p>Referência a Marinha Gomes(nova barregã do rei)</p>

	<p>Isabel sorri de gratidão perante a referência ao milagre da sua tia-avó;</p> <p>Referência à aliança de Jaime com Castela no caso de invasão francesa com ajuda contra os mouros; pacto de casamento, D. Jaime prometeu casar com Isabel de Castela que terá 8 anos; Isabel já vive na corte de Aragão;</p> <p>Vataça refere que nem Roma nem França vão aceitar esta aliança, pois juntos são demasiado poderosos;</p> <p><u>Isabel refere ao mensageiro que pode transmitir o apoio dos reis de Portugal e que pedirá hoje ainda que D. Dinis lhe escreva;</u></p>	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, outubro de 1292	<p>Referência à saída de galeras de Barcelona para se baterem na conquista de Tarifa, ao lado dos homens de Sancho IV;</p> <p>Isabel passeia com Dinis e a filha, Urraca Vasques traz carta de Coimbra; o abade de santa cruz continua a perseguir Mor Dias, com o apoio do bispo de Coimbra consegue a excomunhão de Mor Dias; D. Dinis entrega apoio financeiro a Mor e consegue gratidão de Isabel;</p>	Referência a Abu Yaquub
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, dezembro de 1292	<p>Referência a confidência de Isabel a Arnaldo de Vilanova, a que não conseguiria esta ainda engravidar de novo;</p> <p>Dinis era impaciente, queria mais filhos;</p> <p>Isabel diz a Vataça que pediu a Jaime o envio de mestre Vilanova, este refere que o quer como médico pessoal, tal como foi do pai e do irmão;</p> <p>Referência de que D. Dinis quer o mestre a ensinar na Universidade;</p> <p>Referência que Isabel pede que Jaime mande copiar o Manual que Vilanova acabou de escrever;</p> <p>Isabel diz a Vataça que pedirá ajuda ao mestre para o problema de impotência do seu marido;</p> <p>Referência de que D. Dinis já tinha 4 rapazes filhos bastardos e 2 raparigas;</p>	
Capela de Santa Eulália, Montemor-o-Velho, abril de 1293	<p>Isabel questiona o médico porque não volta a engravidar, este considera-a também ela um físico;</p> <p>Vilanova refere que pode ser por D. Dinis praticar demais e D. Isabel de menos; Vataça refere que já faz tempo que não se atribuem ao rei novos bastardos;</p> <p>Referência que Isabel toma conhecimento de nova doação do rei ao bastardo Afonso Sanches;</p> <p>Vilanova refere que tem que fugir das emoções nocivas se quer voltar a engravidar;</p>	Vilanova
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 30 de abril de 1295	<p>D. Dinis chega aos aposentos da rainha com carta, D. Sancho morreu e Maria de Molina é regente; de que lado se devem os reis de Portugal posicionar? Ilegitimidade do casamento de Maria de Molina;</p> <p>D. Jaime apoiará certamente Afonso de La Cerda;</p> <p>D. Dinis pede conselhos a Isabel de como se devem posicionar, esta refere que devemos conciliar João de Castela e o rei de Aragão; D. Dinis refere que os prefere dividir e trazer ganhos para Portugal;</p> <p>Isabel refere que Jaime pede Múrcia a de la Cerda para lhe dar o seu apoio e que este dirá que sim, pois quer o trono;</p> <p>D. Dinis aventa casamento da filha com Fernando de Castela, ao que Isabel contrapõem com Afonso de La Cerda; D. Dinis escreverá carta a todos, será ainda cedo qualquer casamento da filha;</p>	Referência a Fernando de Castela
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, julho de 1295	<p>Vataça vem da Guarda a pedido do marido transmitir ao rei a revolta dos filhos segundos nas terras do Norte; os filhos primeiros somavam a isto os pagamentos de impostos aos meirinhos do rei;</p> <p>Em Castela, Maria de Molina consegue que o filho seja jurado Fernando IV nas cortes de Valladolid, exércitos de Jaime estavam contra bem como Portugal que apoiavam La Cerda;</p> <p>Vataça entra nos aposentos de Isabel, inconsolável dizendo que Jaime entrega Sicília ao papa e casará com Isabel, neta de Carlos de Anjou; Isabel de Castela será repudiada;</p> <p>Isabel pergunta pela mãe e Vataça informa que vestiu o hábito e está no Mosteiro de clarissas em Messina;</p> <p>Carta de Jaime com estas informações chega tarde, agora na Sicília Frederico é aclamado rei pelo povo;</p> <p>De la cerda e João de Castela pedem encontro com D. Dinis que aceita encontrar-se na Guarda, D. Isabel também vai;</p>	Raimundo de Montros
Paço da Guarda, julho de 1295	<p>As negociações terminam com Dinis dando o seu apoio a Afonso de La Cerda para Castela e o seu tio João para rei da Galiza; D. Dinis anuncia o casamento da filha de seu irmão Afonso e Violante Manuel com o filho de João de Castela; D. Isabel não concorda com este casamento, o irmão de D. Dinis querará agora fazer do genro e filha reis de Castela;</p> <p>D. Isabel decide à revelia do marido avisar Maria de Molina sugerindo a esta que pedisse apoio ao seu irmão Jaime, oferecendo-lhe Múrcia; D. Isabel pretendia a coroa de Castela para a sua filha Constança;</p>	Afonso de La Cerda
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 30 de agosto de 1295	<p>Maria de Molina pede encontro com D. Dinis em Cidade Rodrigo, juntamente com D. Isabel;</p> <p>Isabel aventa a hipótese de evitar o casamento da filha de Afonso e Violante, D. Dinis rejeita essa hipótese;</p>	
A caminho de Cidade Rodrigo, setembro de 1295	<p>Isabel leva os filhos na viagem e D. Dinis junta os seus dois filhos bastardos mais velhos;</p> <p>Vataça não vai nesta viagem pois o marido está muito doente;</p>	

	Esposo de Vataça morre, a família regateia herança de Vataça; esta refere que lutará nos tribunais pelos seus direitos à metade dos bens do marido;	
Cidade Rodrigo, 6 de setembro de 1295	<p>Chegam a acordo com Maria de Molina, D. Dinis reconhece Fernando como rei de Castela, João de Castela fez o mesmo em troca da Galiza e cidade de Leão;</p> <p>Maria de Molina afirma que Serpa e Moura e as outras terras que eram da mãe de D. Dinis serão entregues dentro de semanas;</p> <p>Maria de Molina refere a proposta de D. Dinis: Constança casa com Fernando e Beatriz casa com Afonso. Isabel não gosta deste segundo casamento, esperava casar o seu filho com uma futura filha de seu irmão Jaime;</p> <p>Isabel pensa que terá agora que fazer o contrário e tentar que seja legitimado Fernando e refere que devem também trabalhar em conjunto para a dispensa no casamento dos filhos, caso contrário não haverá casamento;</p>	Maria de Molina
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, janeiro de 1296	<p>Maria de Molina não entregou as terras prometidas;</p> <p>D. Dinis refere que Jaime está verdadeiramente apaixonado por Branca;</p> <p>D. Dinis refere que vai fazer incursões a partir da Guarda, ocupando os castelos até Salamanca, e que Jaime e Afonso de La Cerda reúnem exércitos na mesma altura para avançarem para Castela;</p> <p>D. Dinis refere que este incumprimento terá também a contrapartida das terras de Ribacoa, que Castela nunca reconheceu como portuguesas;</p>	
Paço Real de leiria, abril de 1296	<p>D. Isabel conta a história do lava-pés em Aragão à sua filha e esta pede-lhe que façam o mesmo esta Páscoa;</p> <p>Pedro Afonso ouve a história e Isabel chama-o para junto delas; este quer também lavar os pés aos mendigos junto da rainha;</p> <p>D. Dinis andara a defender terras no Alentejo, uma manobra de diversão para não apoiar o exército de De la Cerda;</p>	Pedro Afonso (filho de D. Dinis)
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, dezembro de 1296	<p>Vataça regressa de viagem a Aragão, enviada por D. Dinis;</p> <p>Referência que Afonso seria mimado demais por Isabel que lhe fazia todas as vontades;</p> <p>Vataça refere que a mãe de Isabel tem momentos em que está no seu mundo; está agora em Barcelona num convento;</p> <p>Jaime já é pai e a mulher está grávida de novo;</p> <p>D. Dinis teve outro filho bastardo de Maria Pires;</p> <p>Afonso e Violante Manuel pedem a Isabel que interceda junto do marido para que legitime os seus 4 filhos; Isabel está contra;</p>	<p>Referência a João Afonso (filho bastardo de D. Dinis)</p> <p>Referência a Maria Pires (barregã mãe de João Afonso)</p>
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, fevereiro de 1297	<p>Berengária refere que espera que tudo passe depressa e a rainha e o rei não fiquem desunidos;</p> <p>Referência a discussão presenciada por Berengária em que o rei diz à rainha que se tem medo dos sobrinhos e dos filhos ilegítimos tem que lhe dar mais filhos;</p> <p>A rainha pede pareceres aos juristas para levar ao rei os seus pontos de vista;</p>	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 6 de fevereiro de 1297	<p>Isabel apresenta o seu "protesto", sem herdeiros legítimos, perigo de as terras dadas irem parar à mão de estrangeiros pelo casamento da filha e Afonso e também o facto deste já se ter revoltado contra o rei várias vezes; assim estava contra a legitimação dos sobrinhos;</p> <p>Dinis responde que reconhecer os sobrinhos não é legitimar e que assim quer evitar a revolta do irmão;</p> <p>Isabel mantém a sua posição, que não o consentiria;</p> <p>Dia 8 o rei legitima os sobrinhos, no dia de aniversário do filho;</p>	Referência a Martim Gil
Alcáçova de Santarém, maio de 1297	<p>Isabel continua a fechar o seu quarto ao rei;</p> <p>Barregãs não tiverem mais filhos, será que o problema de fertilidade é do rei?</p> <p>Violante Manuel é maltratada pelo marido, aparece com marcas no corpo, daí ter saído da corte;</p> <p>D. Jaime quer que vataça o represente na queixa de maus-tratos de Afonso;</p>	
Castelo de Mirandela, agosto de 1297	<p>Viagem a Alcanizes de D. Dinis e Isabel para encontro com Maria de Molina sobre as terras de Ribacôa;</p> <p>Constança questiona Vataça se deverá ficar já em Castela;</p>	<p>Vataça</p> <p>Constança</p>
Castelo de Trancoso, 10 de setembro de 1297	Afonso, filho de D. Dinis fica em Trancoso enquanto todos seguem para Alcanizes; rei e descendente ao trono não enfrentam juntos o "inimigo";	Referência a João Afonso Telo
Alcanizes, 11 de setembro de 1297	<p>Fernando tinha 12 anos;</p> <p>Maria de Molina abre as negociações, mas depois deixa o filho e conselheiros com D. Dinis;</p> <p>Referência que Isabel espera que Jaime interceda em Roma para que se reconhecesse o casamento de Maria de Molina e Sancho, uma vez que Portugal reconhecia Fernando como rei; depois que houvesse dispensa para que Constança e Afonso casassem com os primos Fernando e Beatriz;</p>	

Alcanizes, 12 de setembro de 1297	As negociações correram bem, as rainhas trocam as filhas para cuidarem nas respectivas cortes;	
Sabugal, 16 de outubro de 1297	Beatriz vê Afonso e passa a segui-lo para todo o lado; D. Dinis oferece à futura nora Évora, Vila Viçosa, Vila Real, Gaia e Vila Nova, bem como dinheiro;  Isabel queria voltar a casa e ver como corriam as suas obras de caridade, D. Dinis ficaria a assegurar a construção de novos castelos em Ribacôa; É necessário repovoar estas partes do reino;  João Afonso Telo ficaria mordomo-mor do rei;  Isabel visita leprosos com Bé Cardona,  D. Dinis regressa e entrega-lhe duas escrituras reconhecendo que quem ajuda os pobres precisa de mais rendimentos;	Urraca Vasques
Paço Real da Alcáçova, Santarém, fevereiro de 1298	Os filhos de D. Dinis aprendem a caçar com falcões, D. Dinis demonstra alguma predileção por Afonso Sanches Dinis dá razão a Isabel acerca do irmão Afonso e pede-lhe ajuda a resolver a contenda; D. Afonso fez de Portalegre um antro de bandidos em lutas contra Castela; Em causa o tratado de paz por 40 anos;  D. Dinis pede a Isabel que se lhe acontecer alguma coisa tome conta do reino até Afonso ser maior e que olhe pelos seus filhos bastardos, o que Isabel aceite sem que sejam postos em causa os direitos de Afonso;	Referência a Nunes de Lara  Referência a Vataça(espia)  Referência a Marinha Gomes
Fuenteguinaldo, julho de 1298	Isabel retorna a ver a filha passado um ano de ausência;  Referência a que Afonso de la Cerda tem saído derrotado, Jaime quer negociar com Castela, este quer manter Múrcia;  Referência que Afonso ao ser expulso de Portalegre deverá ir para Castela ou para a Galiza, pois Jaime não o aceitará;  O exército de D. Dinis junta-se ao de Castela rumo a Toro, o rei de Portugal faz de Barcelos um condado entregue a João Afonso Telo;	Referência a João Afonso Telo(conde de Barcelos nomeado por D. Dinis)
Portalegre, outubro de 1299	Faz um ano e meio que Portugal está em guerra, ou com Castela ora entre D. Dinis e o irmão Afonso; Isabel irrompe em fúria pela tenda do marido exclamando que isto tem que acabar hoje;  Isabel envia carta a sogra e tenta reunir a família em consenso para negociar;  Decide-se que a melhor hipótese é que Afonso fuja para Múrcia e Jaime lhe restitua as terras de lá;  D. Dinis refere que irá remodelar a fortaleza e entregar Portalegre de ora em diante ao filho legítimo;	
Capela de São Miguel, Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 31 de dezembro de 1299	D. Isabel faz um balanço do ano que agora finda, por mais que rezasse o mundo não melhorava; Guerras, separação da filha;	
Paço de Salvaterra, 26 de dezembro de 1300	Beatriz pede a D. Isabel que lhe vá ler a ela e a Afonso o livro de feitos;  Referência da morte da rainha Beatriz, mãe de D. Dinis, com a morte deste D. Afonso regressa a Portugal para ser ressarcido da perda de Portalegre; D. Dinis liberta o irmão do direito de vassalagem não confiando nele;  Isabel tem esperança que paz esteja mais próxima: João de Castela jurara fidelidade a Fernando IV, Afonso de La Cerda estavam cercados e Jaime e Maria de Molina querem negociar;  Vataça continua a espionar para Portugal; Jaime sugere que D. Dinis e Isabel regressem a Aragão;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, junho de 1301	D. Isabel aceita de novo D. Dinis na esperança de novo filho até este ter nova barregã; Doação a esta de terras por D. Dinis, escrevendo que o faz com consentimento da rainha e filho; Isabel escreve a Vataça contando-lhe tudo e referindo que D. Dinis tem preferência pelo filho bastardo Afonso Sanches;	Referência a Branca Soares Valadares (nova barregã do rei)  Referência a Lourenço Valadares (casa do rei e pai de branca)
Capela de São Miguel, Paço Real da Alcáçova, Lisboa, outubro de 1301	Legitimação do casamento de D. Sancho com D. Maria de Molina, seis anos após a morte deste rei;  Notícia trazida por João Afonso Telo(conde de Barcelos);  Nasce Isabel filha de D. Jaime, este tem agora 5 filhos;  Estará para breve a dispensa do casamento de Constança e Afonso;  Arnaldo Vilanova apresenta em Roma um manifesto anunciando a vinda do Anticristo;  Referência à Inquisição que vigia Vilanova;	Conde de Barcelos
Valladolid, 23 de janeiro de 1302	Constança casa em Valladolid com a coroa da mãe; esta manda distribuir pelos pobres da cidade, comida e moedas de ouro;  D. Isabel não assistiu à cerimónia;  D. Dinis encontra casamentos para os seus filhos bastardos: Pedro Afonso com Branca Peres e Afonso Sanches com Teresa (filha de João Afonso Telo)	Referência a Martim Gil (mordomo do infante Afonso)
Coimbra, Santa Clara, 10 de abril de 1302	Mor Dias pede a Isabel que após a sua morte continue a sua obra e que não deitem abaixo a igreja que já está construída;	
Paço Real da Alcáçova,	Raimundo de Montros, mensageiro de Jaime II dá a notícia a D. Isabel que D. Constança sua mãe falece dia 9 de Abril; Também a mãe a chamava de melhor rosa da casa de Aragão;	

Santarém, 30 de abril de 1302	D. Isabel manda pedir a Jaime a Pulseira que a mãe usava sempre; Referência que os franciscanos pediram a beatificação de D. Constança;	
Vilalpando, 28 de janeiro de 1303	Vataça envia mensagem a D. Jaime informando que D. Dinis vais enviar um embaixador ao rei de Castela e que D. Fernando marcara entrevista para 1 de março; Vataça fica encantada neste mensageiro;	Pedro de Urriés(mensageiro de Aragão)
Paço Real da Alcáçova, Santarém, março de 1303	D. Fernando IV no encontro pede dinheiro para ajuda na guerra contra Afonso de La Cerda; Vataça em carta afirma que este desenvolve ódio a D. Jaime, considerando de La cerda um juguete de Jaime; Isabel fica no meio dos dois, por um lado defender os interesses do genro e filha por outro não esquece o irmão;	
Badajoz, Páscoa de 1303	D. Dinis verbaliza o desprezo que tem pelo genro que terá mau feitio, sendo também rude para a esposa; Encontro para serenar a contenda entre Castela e Aragão, esperando o genro de D. Dinis que este tome o partido de Castela; D. Dinis não dará mais dinheiro ou apoio a D. Fernando; Vataça começa romance com Pedro de Urriés;	Referência a rabino Guedelha(com quem D. Dinis se endividou) Referência a João de Castela e Nunes de Lara
Badajoz, 2 de maio de 1303	Reunião em Badajoz para encontrar tréguas entre as 3 partes; Isabel escreve ao irmão para que acredite em João de Castela;	
Elvas, maio de 1303	Vataça informa a rainha que a carta de Isabel chegou tarde ao irmão e que os espíões de Afonso de La cerda chegaram primeiro; estes tentam influenciar Jaime que informa da sua decisão de apoiar Afonso de La cerda e recusa-se a receber o enviado de Fernando IV; Isabel ficará de escrever de novo ao irmão, esta pede a Vataça que a ajude a convencer o irmão a nomear D. Dinis como árbitro da contenda com Castela; Discute-se a questão de Constança ainda não ser "mulher" e que sem a consumação do casamento possa ser repudiada;	
Coimbra, Santa Clara, janeiro de 1304	Isabel, Bé de Cardona e Beatriz visitam as obras de Mor Dias; Frei Pedro terá que ir a Marrocos resgatar um grupo de cristãos capturados pelos nasridas; rei de granada faz jogo duplo, domina Ceuta mas também acolhe os fugitivos mouros; Isabel reflete que com esta situação o Irmão estivesse menos preocupado em defender Afonso de La cerda o que podia potenciar um acordo com Castela; D. Fernando com o reino empobrecido pela guerra divide bens com os nobres e revolta-se contra a mãe; Frei Pedro informa que D. Jaime em segredo está a influenciar a cúria para que nomeie D. Dinis árbitro, tal como sugeriu Isabel;	Frei Pedro; Referência a mestre Lúcio
Vilalpando, março de 1304	João Afonso Telo chega e informa Vataça que o papa terá sugerido D. Dinis como árbitro e este foi aceite por D. Jaime e D. Fernando; João Afonso Telo apresenta sinais de estar a ficar adoentado;	
Santarém, março de 1304	Faz 22 anos que Isabel não vê o irmão, Isabel tem 34 anos; Chega carta de D. Jaime a pedir que D. Dinis marque o encontro entre as partes; Jaime envia as condições, Múrcia e que haja uma saída digna para Afonso de La cerda ao governo de Leão e Castela; referência a que D. Dinis sempre defendia os interesses Aragoneses; Isabel nunca confia a D. Dinis que foi ela a ter a ideia de nomear D. Dinis árbitro; ainda assim D. Dinis reconhece o empenho de D. Isabel e doa-lhe Torres Novas; D. Isabel e Berengária preparam a viagem a Aragão;	Referência a Frederico I barba roxa, antepassado de Jaime e D. Dinis
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, maio de 1304	D. Dinis acorre a Lisboa, morre João Afonso Telo quando se preparava para embarcar para Valência; D. Dinis escreve ao cunhado e este responde que pode vir ao seu encontro onde for preciso, dado a urgência; D. Dinis remarca a partida para junho;	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 2 de junho de 1304	Isabel olha o filho aos 13 anos, será a primeira grande viagem de Afonso; este assinala no livro de feitos de Jaime I, para confirmar se por lá passariam; D. Dinis também escolhe que o seu filho Pedro Afonso também irá na viagem, Isabel impõem que Afonso Sanches não vá, o rei acede a custo; Vataça escreve a Isabel contando que Jaime prepara o encontro, tendo-se endividado, esta pede a Isabel que diga a D. Dinis que traga dinheiro para eventualmente pagar a sua parte; Referência aos gastos exagerados para se manter as aparências;	
Guarda, 24 de julho de 1304	D. Dinis conversa com D. Isabel informando que seu irmão Afonso também os acompanhará na viagem para defender os interesses da mulher Violante Manuel nas suas terras em Múrcia; D. Dinis pede que esta seja caridosa para com o irmão que tinha perdido o filho; D. Isabel não está de acordo e informa D. Dinis que Afonso e João Simão Urró vão fazer intrigas; Isabel sabe que terá de ser ela e Vataça a vigiar os dois; avança o séquito real que pasma as gentes, D. Dinis reina aos 40 anos num reino próspero, ainda assim nas aldeias ainda havia miséria, porém Castela estava em pior estado; D. Dinis não aceita pernoitar nos castelos cedidos pelo genro, ficará nas suas tendas; D. Dinis manda Pedro Afonso seguir para preparar o acampamento;	
Cuéllar, julho de 1304	Chega a comitiva de Castela; Isabel reencontra Vataça e Constança;	
Ágreda, 1 de agosto de 1304	D. Isabel reencontra o irmão, de novo ele, ela e Vataça juntos; Branca está de novo grávida, Jaime já tem 7 filhos; Jaime e Branca têm uma relação de muita cumplicidade;	
Ágreda, 7 de agosto de 1304	Vataça traz notícias a D. Isabel, Múrcia será dividida ao meio pelo rio Segura, metade para Aragão e metade para Castela; Afonso de La Cerda deve deixar de usar o título de rei e entregar os castelos que estão na sua posse, D. Fernando vai dar-lhe terras e rendas; as más notícias são acerca das terras de Violante Manuel que ficam sob jurisdição de D. Jaime; D. Afonso será compensado mas este continua a intrigar, chegando mesmo a D. Dinis que este é uma marioneta nas mãos da mulher; Jaime pede dinheiro emprestado a D. Dinis, que lhe dá em dobro sem querer devolução; D. Dinis e D. Jaime vão assinar acordo de aliança com o rei de Granada o que poderá não ser bom aos olhos de Castela; D. Isabel procura o irmão preocupada que a difamem;	
Tarragona, 14 de agosto de 1304	Isabel veste-se de maneira comum e percorre as ruas, vê Jaime e Vataça juntos e imagina se algo se passa entre eles; D. Isabel passeia com Constança, esta quase com 15 anos informa a mãe que deseja um filho, tem medo de que Fernando a repudie; Jaime manda chamar Isabel e Vataça informando que quer planejar em segredo a reconquista de Jerusalém; Jaime confia que não gosta que Vilanova use o seu nome quando diz que a igreja é corrupta; referência ao protesto de Vilanova que choca o conclave na Prússia; Jaime, segundo mestre Lúlio avançaria de Almería,	Referência a Vilanova Referência a mestre Lúlio;

	Málaga e Granada, seguindo para o norte de África à conquista de terra santa; Isabel pede que Jaime lhe envie os livros de Lúlio e Vilanova;	
Tarragona, 16 de agosto de 1304	Os reis de Aragão despedem-se dos reis de Portugal com presentes; Isabel conversa com a cunhada Branca acerca da filha Constança; Jaime oferece a Afonso, filho de D. Isabel o mandil de Jaime I que este usava quando fazia a barba;	Referência a Maria Ximenes
Valladolid, 20 de Agosto de 1304	Altercação entre Montros e João Simão Urró chamando este a rainha de traidora e ameaçando o primeiro de morte; D. Isabel pede a D. Dinis que o enforque o este refere que tal caso merece unicamente uma reprimenda. D. Isabel diz que se queixará ao irmão e o marido diz-lhe que o faça; Isabel escreve ao irmão a pedir que interceda junto de D. Dinis; Afonso assiste à mãe a ser destrutada pelo pai;	
Paço Real de Leiria, 15 de outubro de 1304	Jaime e D. Dinis aceitam a reprimenda de Urró, contudo D. Isabel não esquece o agravo; Só Martim Gil fica do seu lado; D. Dinis anuncia que fará este o 2º conde de Barcelos; Afonso Sanches passa a ostentar o título de senhor de Albuquerque e D. Dinis doa-lhe terras em São Fins dos Galegos e muito dinheiro;	Referência a Martim Gil
Paço Real de Leiria, maio de 1305	A embaixada de Arnaldo de Vilanova ao papa resulta para o rei de Aragão com uma bula que permitia uma nova cruzada; D. Isabel continua descontente com o marido; Berengária está doente e acaba por falecer;	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 25 de julho de 1306	D. Beatriz, já tem 13 anos; Pedro de Urriés traz carta para D. Isabel informando que o cunhado Afonso assassinou Violante Manuel com uma facada e está em fuga para Vide; D. Jaime manda espíões à sua procura; D. Dinis mais uma vez é brando para com o irmão e refere que irá ou alguém de sua confiança a Vide, ouvir o irmão;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, dezembro de 1306	5 meses depois D. Dinis escreve a Jaime dizendo que o irmão matara a mulher em defesa da honra, Jaime pede-lhe que reconsidere, sob ameaça de agir contra Afonso; a mulher de Pedro Afonso morre de parto e depois morre seu filho; Constança engravida finalmente;	
Paço Real de leiria, setembro de 1307	Constança é mãe de Leonor aos 16 anos; D. Isabel conhece a neta e deseja ser tão boa avó como D. Jaime foi para ela; Constança diz à mãe que D. Fernando permitiu que a visitasse para lhe pedir um empréstimo; referência ao tratado de Torrellas; D. Dinis doa Atougua da baleia a D. Isabel quando nasce a neta; filho de D. Isabel quer renovar protesto de D. Isabel para legitimação dos filhos de Afonso e Violante Manuel; referência a que a universidade estava agora em Coimbra certamente por influência de D. Isabel; referência a que Afonso Sanches fora nomeado mordomo de D. Beatriz;	Referência a neta dos reis de Portugal Leonor
Guimarães, setembro de 1308	D. Isabel informa Pedro Afonso que que o seu casamento com D. Maria Ximenes Coronel foi aceite uma vez que este enviudara, Pedro não quer aceitar casar com quem não ama mas não consegue contrariar a rainha; D. Jaime não é muito favorável ao casamento Isabel escreve a Vataça com a suspeita de que Pedro Afonso esteja apaixonado por Teresa Anes de Toledo; referência a que Aragão se prepara para tomar Almeria coligado a Fernando de Castela;	Referência a Teresa Anes de Toledo (dama de D. Beatriz)
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, maio de 1309	Casamento de D. Beatriz aos 16 anos; a rainha de Castela não estará presente pois deu à luz recentemente a segunda filha; D. Isabel faz referência que foi de sua vontade atrasar o casamento até que a noiva estivesse em idade própria; D. Isabel refere a Vataça que o filho não é mulherengo, tendo filhos bastardos como outros homens; Maria Ximenes Coronel já está casada com Pedro Afonso e este trata a mulher com frieza; D. Dinis doa a Vataça Santiago do Cacém, mas D. Isabel pede que esta para já não deixe Constança;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, outubro de 1309	Montros conta a D. Isabel que D. Jaime partiu para tomar Almeria, levando com ele D. Branca; Gibraltar já é de Castela; D. Dinis chega com carta de Vataça informando que o sultão de Marrocos os traiu e que os nasridas de Algeciras lhe entregaram as terras, este teme que D. Fernando não resista muito tempo antes de negociar; Isabel refere a ideia de que se pretende negociar a paz com Granada e Marrocos deixando o rei de Aragão de fora; D. Dinis refere ainda a má notícia de que o papa se muda para Avinhão juntamente com Vilanova; D. Dinis reflete que acha que Vilanova está obcecado com as suas visões e voltou a referir na cúria o nome de D. Jaime sem o seu consentimento;	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, janeiro de 1310	D. Jaime escreve ao irmão Frederico pedindo-lhe que também este corte relações com Vilanova; D. Isabel vai com Bé de Cardona fazer as suas visitas enquanto reflete acerca do mosteiro de Mor Dias que está vazio na margem oposta ao Mosteiro de Santa Cruz; frei Pedro visita os reis de Portugal e informa que Aragão levanta o cerco a Almeria, desistindo da conquista em prol de resgatar os cristãos presos;	Referência a Frei Pedro
Santarém e Valladolid, outubro de 1310	Morre D. Branca aos 27 anos ao dar à luz a infanta Violante, no dia 11 de outubro pelas 19 horas; Vataça e Isabel recebem a notícia por carta de Eudóxia Láscaris; Vataça pensa que agora Jaime está livre, estão os dois livres;	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, novembro de 1310	D. Isabel recebe cópia do livro de feitos do avô traduzido para latim por ordem de D. Jaime; Referência que D. Fernando pretende a devolução das terras cedidas me Alcanizes; Montros refere que Vataça lhe terá dito que Maria de Molina recebera a sua carta para interceder junto do filho, mas que este não a ouve; D. Fernando reclama que estes territórios foram cedidos enquanto era menor e que agora usa o título de rei do Algarve; D. Jaime poderá ser árbitro nesta contenda; Vataça escreve a Isabel com a nova de que D. Jaime pretende voltar a casar com uma princesa do Chipre, mas que preferia a irmã mais nova desde que viesse com direito ao título; Vataça pretende comprar castelo de Huelva;	
Paço Real de Leiria, dezembro de 1311	D. Isabel sonha com a filha; D. Constança perde a filha de dois anos no mesmo dia que nasce o filho varão Afonso de Castela; morte de Arnaldo de Vilanova naufragado em barco que chega a Génova, suspeita de ter sido assassinado pelos inimigos; bispo de Lisboa extingue o convento de Mor dias; Vataça escreve indicando que D. Fernando tosse sangue e que tem medo que se cumpra a maldição de que morreria no prazo de um mês; os filhos são vigiados e Leonor de três anos fora enviada para Aragão, esta estava prometida ao primogénito de Jaime;	Referência a Afonso de Castela; Referência aos irmãos Carvalheda
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 3 de janeiro de 1312	Referência a que D. Dinis decidira acerca da herança de João Afonso Telo em favor da filha que era casada com Afonso Sanches, em vez da irmã casada com Martim Gil; D. Afonso fica revoltado com essa situação e informa que Martim Gil irá para Castela descontente por D. Dinis favorecer e enriquecer Afonso Sanches; Dona Isabel repreende o filho por criticar o pai; D. Dinis fica furioso com a partida de Martim Gil para Castela;	
Paço de Frielas, 10 de setembro de 1312	Fernando IV de Castela morre em Jaén, Afonso XI de Castela tem somente um ano; D. Dinis pede a D. Isabel que interceda junto do irmão para que apoie João de Castela e não Pedro de Castela; Isabel escreve ao irmão pedindo-lhe que defenda os direitos de Constança; Maria de Molina posiciona-se contra Constança;	
Paço Real da	Martim Gil morre aos 32 anos e deixa em testamento a proibição de que que as suas terras fossem	

Alcáçova, Lisboa, janeiro de 1313	vendidas a Afonso Sanches; D. Beatriz com 19 anos conta a D. Isabel que está grávida; D. Afonso não se importa se for uma menina; na corte corria o boato de que D. Afonso era um peço; Afonso Sanches já tinha um filho de 9 anos; D. Dinis escreve um poema em homenagem à nora; D. Dinis tomara posse de todos os bens de Afonso de Portugal que morrera em Lisboa em Novembro e fora enterrado na igreja de São Domingos;	
Cidade Rodrigo, 26 de fevereiro de 1313	Vataça e D. Isabel conversam sobre estar nesta cidade para negociar com Maria de Molina para que Constança não perdesse a guarda do filho; para tal acontecer Jaime e Dinis devem apoiar o filho desta, Pedro de Castela, nomeando-o tutor do Infante; D. Dinis não quer aceitar esta situação uma vez que este é genro de Jaime e teme que futuramente Aragão e Castela se possam aliar contra Portugal; por sua vez Jaime não quer apoiar João de Castela pois não quer dar mais poder a D. Dinis; D. Dinis nomeia Afonso Sanches seu mordomo-mor e empresta-lhe dinheiro para que este compre os bens de Martim Gil; Vataça aconselha D. Isabel a que não afrente o marido;	
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, abril de 1313	Pedro de Castela chega a Palência com 12 mil soldados; D. Dinis acusa D. Isabel pela questão da filha ter que se separar do neto; Constança ouve o tio em vez do pai, mas este não consegue defender de uma nobreza que preferia Maria de Molina e sua experiência; Constança pede então apoio ao pai e este manda-a a Palência para que lute para que a educação do seu filho seja entregue a João de Castela; Constança escreve à mãe dizendo-lhe que se sente usada por todos na contenda de que consiga o seu filho; D. Dinis afirma que está a guerra declarada pois ambos afirmam ser tutores do neto; este perdeu a confiança em Vataça;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 14 de novembro de 1313	D. Isabel recebe nota de Vataça em como o Infante Afonso fora alvo de duas tentativas de rapto e que Constança também estava vulnerável, era preciso dar-lhe auxílio; D. Beatriz está grávida de quase 9 meses; D. Isabel sente-se dividida entre ir em auxílio da filha ou deixar a nora prestes a dar à luz;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 18 de novembro de 1313	D. Isabel sonha e chora pela filha junto com D. Dinis;	
3º parte (1317-1325)		
Santiago do Cacém, fevereiro de 1317	D. Isabel e Vataça falam sobre a segunda estar cada vez mais rica com o dinheiro que acumula com os préstimos ao rei; Referência a traição de Pedro de Castela em conluio com o alcaide, a Vataça em Huelva; Vataça coloca Pedro de Urriés no lugar deste; Referência a morte de D. Constança; D. Isabel refere que após um ano de missas para D. Constança esta está finalmente no céu; referência aos netos D. Afonso que aos 5 anos já faz frente a Maria de Molina e a Leonor que está a cargo de uma prima de Vataça; referência ao casamento de D. Jaime com noiva do Chipre; suspeitas de que o filho mais velho de Jaime se recusa a casar e quer integrar um mosteiro por ter interesse no confessor; referência ao nascimento do segundo varão de Beatriz e Afonso depois da morte do primogénito; este recebe o nome do avô Dinis; tensão crescente entre D. Dinis e o filho Afonso, pois o rei continua a fazer enriquecer os bastardos; Pedro Afonso investido alferes-mor do reino; D. Dinis expulsa da corte Raimundo de Cardona por este o contrariar na contenda com o filho Afonso;	
Mosteiro de Santa Clara, Coimbra, março de 1317	D. Isabel acompanha as obras do Mosteiro, chega Pedro Afonso que lhe relata que foi desafiado para um confronto pelo irmão João Afonso por ter denunciado ao rei os disparates do irmão com rufiões; Afonso Sanches e D. Dinis saem em defesa de Pedro Afonso ; D. Beatriz traz a notícia a D. Isabel que o exército de Pedro Afonso derrotou o de João Afonso; Afonso Sanches convence o rei a confiscar as terras de Pedro Afonso; Pedro Afonso exila-se em Castela; D. Beatriz também informa que em breve ela e Afonso também devem ir para Castela; D. Isabel não concorda com esta decisão, os netos não devem ser criados em Castela por Maria de Molina;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1318	Dinis, neto de D. Dinis morre com um ano de vida e é sepultado no mosteiro de Odívelas; o rei manda fazer um túmulo junto ao seu para que estejam juntos na eternidade; o pai Afonso guarda de todos uma distância fria; referência de que D. Isabel não seria tão obediente ao marido no que diz respeito às questões com o filho; Vataça diz a D. Isabel que a rainha de Castela convidou o infante para um encontro em Fuenteguinaldo e que D. Dinis proibiu esse encontro; Maria de Molina enviara carta diretamente a D. Dinis alegando querer ver a filha e o genro; Isabel continua a desculpar o filho dizendo que o rei deve dar o exemplo por ser mais velho; O papa escreve a consolar D. Dinis pela morte do neto, mas não a D. Afonso pai deste;	Referência ao almirante Manuel Pessanha (marinheiro genovês);  Referência a Urraca Vasques
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, janeiro de 1319	D. Isabel escreve a Vataça dizendo que Afonso apresentara ao pai carta de Maria de Molina pedindo que o rei entregasse o pelouro da justiça ao filho; o rei tem um acesso de raiva e não aceita este pedido; Vataça responde dizendo que a rainha de Castela pretendia com este ato provocar o rei a cometer algo que provocasse uma reação de Avinhão; Revoltas no reino entre apoiantes dos dois, filho e pai; D. Isabel manda chamar o escrivão ditando que quer ser sepultada junto de seu marido e deixava dinheiro às suas obras com os pobres e também fundos para onde os seus estavam enterrados; Isabel deixa também algum dinheiro para os filhos e netos de Berengária; Vataça chega com Pedro de Urriés e conta que no casamento do filho de Jaime com Leonor este se escusa a beijar a noiva perante o escândalo da assistência; Jaime foge a cavalo do casamento;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1320	D. Dinis entra na câmara de D. Isabel dizendo que Afonso fez circular o boato que Afonso Sanches o queria envenenar; o rei acusa a rainha de não ter sabido educar o filho para ser leal como Afonso Sanches o era; Isabel reflete nos problemas do irmão com o herdeiro que foi enclausurado à força no mosteiro de Santes Creus;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 1 de julho de 1320	D. Dinis pretende publicitar no reino um manifesto contra Afonso que e não lhe dá a conhecer o neto e lhe dá o nome de Pedro de Castela; D. Dinis tem 59 anos e reina há mais de 40; referência a que o rei passa os bens dos templários para a nova Ordem de Cristo; O escrivão do rei apresenta às gentes os agravos do rei; é apresentado o falso rumor de que o rei tinha mandado dizer ao papa que Afonso não reunia condições para governar e deveria ser Afonso Sanches a suceder-lhe; Vataça sente que com este manifesto D. Dinis perde para sempre o amor de Isabel;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, março de 1321	D. Beatriz envia nota a D. Isabel, dizendo que Afonso iria colocar a família em Alcanizes e voltaria para ajustar contas com o pai e irmãos, Referência à morte do bispo de Évora por defensores da causa do infante;	Referência a D. Geraldo bispo de Évora;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, abril de 1321	Pedro de Urriés vem informar a rainha que Afonso apesar de proibido pelo pai vai marchar a Lisboa com os seus homens, terá ficado em Leiria terra da rainha; o rei já sabe do sucedido e nos seus homens pode haver quem queira matar o Infante à revelia do rei; Pedro também avisa a rainha que o Infante irá para Sintra e daí para Lisboa para enganar o pai; Isabel pede a Pedro que leve o seu fio a Afonso, pedindo-lhe que não vá para Sintra, que não defronte o pai; rei e rainha partem para Lisboa e lançam acampamento no Lumiar; Isabel escreve a Vataça, Bé encontra em cima das arcas o fio de Isabel, a missão de Pedro foi concretizada; referência ao confronto de pai e filho em Albogas;	

	referência a Jaime e às batalhas pela Sardenha e Córsega;	
Convento de São Francisco, Alenquer, setembro de 1321	D. Isabel estava desterrada por ordem do rei no convento por desconfiança que favorecia o filho; referência a morte de Maria de Molina; o Infante Afonso XI tinha 10 anos; o desterro da rainha foi um pedido desta para o rei, ficando assim a salvo de disputas; a pedido também da rainha, o rei manda Vataça a Castela e Aragão como embaixadora;	
Convento de São Francisco, Alenquer, 12 de outubro de 1321	D. Isabel continua no convento, Pedro de Urriés traz a pedido de Vataça cópias das doações do rei à mulher durante o casamento; referência a que D. Dinis retinha as reandas da mulher para que não as desse ao filho na guerra contra o pai; Isabel escreve e Vataça agradecendo-lhe o envio das cópias das cartas que Afonso e D. Dinis enviaram a Jaime, queixando-se um do outro, ao qual o rei de Aragão pede bom senso e vai enviar Frei Sancho; D. Isabel pede que Vataça peça a Jaime que a mande a ela mediar este conflito;	Referência a Frei Sancho, filho de Inês Zapata e meio-irmão de D. Isabel;
Convento de São Francisco, Alenquer, 30 de outubro de 1321	Frei Sancho e Vataça chegam ao convento tal como pedira D. Isabel, antes estiveram com Afonso em Coimbra e com o rei em Santarém; ambos têm uma lista de pedidos para terminar a contenta, Afonso quer a demissão de Afonso Sanches; Frei Sancho refere que D. Jaime pede a Isabel que o aceite em sua representação; Vataça e D. Isabel planeiam como acabar esta disputa;	
Alenquer, 20 de dezembro de 1321	Referência a que o Frei vai abandonar Portugal sem ser tido sucesso nesta disputa; D. Dinis entrega terceiro manifesto contra Afonso; D. Isabel confidencia com Bé de Cardona que o rei se excedeu; Referência que D. Isabel sonha que Afonso é rei e que a cabeça de Afonso Sanches é enviada a D. Dinis; no manifesto D. Dinis refere que Afonso só tem direito ao trono por parte do pai e não da mãe, humilhando assim a rainha; D. Isabel escreve ao irmão lamentando a situação e pedindo-lhe que não se esqueça dela;	
Convento de São Francisco, Alenquer, janeiro de 1322	O manifesto é encarado como declaração de guerra; Afonso toma Santarém e Torres Novas; Leiria recebe o Infante; D. Dinis manda cortar as mãos e os pés a quem lhe entregou as chaves da vila, queimando-os de seguida na fogueira; Coimbra, Montemor-o-Velho, Gaia e Feira são agora posse do Infante; papa João XXII pede ao rei empenho no final desta contenta; chega carta de Vataça dizendo que o plano de Alenquer estava em marcha, Pedro Afonso junta-se a Afonso e Isabel deve partir para se lhes juntar;	
Guimarães, março de 1322	D. Isabel vai para Guimarães, à chegada crítica o filho e também o marido; Pedro Afonso mantendo o plano acompanha D. Isabel na crítica ao marido tomando parte de Afonso; D. Isabel propõem a Afonso partir primeiro pedindo ao rei que demova a cerco a Coimbra; Afonso reitera que o rei terá que tirar o cargo a Afonso Sanches e devolver o condado de Barcelos a Pedro Afonso;	
Coimbra, abril de 1322	D. Isabel recebe carta de Jaime informando que pediu aos reinos vizinhos e ao papa que não apoiem mais D. Dinis com armamento, ele neste momento apoia Afonso, mas os seus intentos estão na tentativa de tomar a Sardenha. Este aconselha que Afonso e D. Dinis devem entender-se sob pena de Afonso herdar um reino destruído; referência a que virá ao reino o arcebispo de Santiago de Compostela para tentar a paz; D. Dinis vem ao encontro de D. Isabel e Pedro Afonso;	Referência ao arcebispo de Santiago de Compostela;
Pombal, maio de 1322	Ambas as partes recuam depois de batalha sangrenta em Coimbra; D. Dinis fora o primeiro a ceder, compreendendo que estando em terras da rainha, mais difícil seria para o povo; D. Dinis cede por admiração à rainha, deixando os embaixadores negociarem com Afonso o que fosse pedido pela rainha. Deixaria para o infante os castelos conquistados, desde que este lhe jurasse vassalagem; D. Dinis recusa depor Afonso Sanches e Afonso jura lealdade ao pai na pessoa da mãe na igreja de São Martinho de Pombal;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 7 de junho de 1322	D. Isabel escreve a Vataça contando que o rei está fraco e que quer fazer o seu testamento; Afonso Sanches interpela a rainha pois seu pai pede-lhe que lhe leia o livro de feitos de D. Jaime;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 9 de junho de 1322	Vataça tem 60 anos; esta vem ao encontro de D. Isabel tal como seu pedido; esta não demove D. Dinis que quer nomear D. Isabel testamenteira e que fique Afonso Sanches mordomo-mor do reino; Vataça pede que D. Isabel aceite as condições fazendo com que volte à corte D. Beatriz e os netos do rei; Vataça revela que apareceram dois filhos bastardos de Jaime, Napoleão e outro filho que Jaime se recusa a conhecer;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, fevereiro de 1323	Nora e netos de rei chegam a Lisboa; momentos de paz entre pai e filho; o rei confia uma missão armada no Alentejo a Afonso; Beatriz acha D. Dinis doente e envelhecido, esta informa que Afonso quer que D. Dinis convoque as cortes; referência à morte da esposa de Jaime, Maria de Chipre e que este casara de novo com Elisenda de Montcada;	Referência à nova esposa de D. Jaime, Elisenda de Montcada;
Paço Real de Alcáçova, Lisboa, outubro de 1323 a fevereiro de 1324	Reunião de cortes em Lisboa a pedido do Infante; este é humilhado pois as suas exigências não tinham sentido; Afonso parte de Lisboa em fúria, mas volta agora contra o pai; Pedro Afonso e a rainha ficam inquietos com a situação, este teme que um déspota suceda a D. Dinis; Pedro Afonso parte para Santarém para impedir que Afonso venha para Lisboa; D. Dinis parte para combate com Pedro Sanches e Pedro Afonso; Afonso está irredutível; D. Isabel parte para Alvalade onde estão os exércitos, junto com Vataça e Pedro de Urriés; Isabel avança para o campo de batalha e os soldados ajoelham à sua passagem; hoje há paz; D. Dinis persegue o filho até Santarém; chega a notícia da conquista da Sardenha; D. Isabel escreve ao marido, ao filho a Pedro Afonso e ao papa; Pedro Afonso vem dar a notícia à rainha de acordo de paz, Afonso Sanches já não é mordomo-mor e parte para Castela; D. Dinis nomeia João Afonso mordomo-mor; carta do papa João XXII criticando Afonso;	Referência a Gomes Lourenço
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, setembro de 1324	D. Dinis continua doente, D. Isabel trata-o e este pede-lhe que passem o Natal todos juntos em Santarém, também com o filho Afonso;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 31 de dezembro de 1324	Na viagem, D. Dinis adocece mais e D. Isabel manda chamar o filho que acede; D. Beatriz dera à luz uma menina a 21 de Dezembro e esta recebe o nome de Isabel; D. Dinis piora e faz novo testamento sendo D. Isabel 1ª testamenteira e Afonso Sanches 2º;	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 2 de janeiro de 1325	O rei continua doente; D. Isabel quer fazer testamento antes que o rei morra, para ter o seu aval, esta diz a Vataça que depois de viúva não quer continuar na corte; a rainha não quer tomar votos para poder dispor dos seus bens; vai mandar fazer um paço junto do mosteiro; D. Isabel agradece a Vataça a generosidade pelos terrenos que comprou e dinheiro que lhe deu; D. Isabel diz que não amou o rei como Vataça amou Jaime, mas que o admira muito; Vataça refere à rainha que Pedro Urriés é casado; Morre D. Dinis e no cortejo até Odivelas a rainha já leva o hábito de Santa Clara;	

4ª parte		
Sé de Lisboa, janeiro de 1325	Dia da aclamação de Afonso IV aos 34 anos; este convoca cortes em Évora para confiscar os bens de Afonso Sanches; Vataça e Bé de Cardona discutem que é preciso tirar a rainha de Lisboa da presença irascível do filho;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, maio de 1325	D. Isabel instala-se no paço em Coimbra e os dias correm entre orações e ajuda aos pobres; Isabel está cercada das suas damas, por vezes as netas e a rainha Beatriz;	Referência a Estevão Domingues (mestre da construção do hospital)
Santiago do Cacém, maio de 1325	Vataça recolhe ao paço de Santiago do Cacém com Pedro de Urriés; ainda não falara com a rainha desde que lhe dissera que Pedro é casado; este sugere que lhe escreva também a avisar que Afonso vai avançar sobre o meio-irmão; Afonso Sanches entra por Bragança; D. Isabel organiza em segredo uma peregrinação a Compostela; o neto Afonso de Castela reina aos 14 anos;	Referência a Mestre Pero, artista aragonês
Caminho de Santiago, julho de 1325	D. Isabel faz o caminho, acompanhada de Urraca Vasques e Bé de Cardona, pensando na neta Maria que tem 12 anos; no caminho o povo aborda-a e forma-se o rumor que a rainha vai dar a coroa ao santo; D. Isabel entrega ao arcebispo a coroa que lhe oferecera D. Dinis em Trancoso; oferece também a imagem do anjo Gabriel feita por mestre Pero; Pede por D. Dinis; dois dias depois a rainha recebe o bordão e uma esmoleira de prata; a rainha pensa em voltar e nos netos; Bé de Cardona informa-a de que quer professor;	
Mosteiro de Odiveias, 7 de janeiro de 1326	Missa de um ano após a morte de D. Dinis; Afonso que devastara La Codosera nas lutas com Afonso Sanches, entra no mosteiro; a mãe recrimina-o por não ter respeitado a vontade do pai e este refere que os meios irmãos não podem ser filhos do rei; D. Isabel regressa a Coimbra e manda derreter joias e transformar tecidos para o Mosteiro; a rainha separa também joias para as netas e pensa que a pulseira de sua mãe só poderá dar a Vataça	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 3 de julho de 1326	Raimundo de Montros chega de Aragão e informa D. Isabel que D. Jaime sabe que Afonso planeia condenar o meio-irmão D. João Afonso à morte; este terá conspirado com Afonso Sanches para depor o rei; D. Isabel pede que o mensageiro informe D. Jaime que se D. Afonso assim o entender, D. João Afonso morre; a rainha recebe a notícia de que João Afonso fora preso e executado;	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 25 de setembro de 1326	Nasce antes do tempo o mais novo neto de D. Isabel, a pequenina Isabel morre aos dois anos; a rainha toma a decisão de se sepultar no Mosteiro de Santa Clara, longe de D. Dinis; D. Isabel escreve a Jaime. É preciso fazer-lhe saber do nascimento do Infante e que com isso o rei de Portugal aceitara um acordo de paz com Afonso Sanches;	
Santiago do Cacém, outubro de 1326	Vataça está no seu paço, onde se reflete agora sobre como Afonso IV reinava com mão de ferro e proibindo as barregãs e a infidelidade; Vataça pensa na sua situação com Pedro e se teria sido D. Isabel a influenciar o rei neste sentido; Vataça sente saudades de D. Isabel causada pelo afastamento por causa de Pedro; Afonso IV escreve à mãe e esta teme por Vataça e o que lhe poderá acontecer com as ideias do filho de purificar o reino;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 20 de julho de 1327	Chega embaixador de Aragão, que desta vez não era Raimundo de Montros, pois D. Jaime está doente e os seus próximos não o querem deixar; este escreve a D. Isabel dizendo que Afonso IV queria que o rei de Castela desfizesse a promessa de casamento de sua neta Constança Manuel, para casar com Maria de Portugal; tal não seria aceitável pois Maria e Afonso eram primos diretos; o mensageiro questiona se o pedido que Isabel fez ao irmão de enviar 4 cavalos ao papa não estaria ligado a este episódio; D. Isabel escreve a Vataça para resolver esta contenda e evitar males maiores; mais uma vez este episódio estava relacionado com o facto de Afonso temer que Afonso Sanches lhe tirasse o trono, por isso teria de se fazer aliado do rei de Castela;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, outubro de 1327	Morte recente do infante João que tal como os dois irmãos não foi muito além do ano de vida; D. Beatriz, D. Isabel e Bé de Cardona conversam e D. Isabel pergunta a Bé se ainda quer professor, D. Isabel refere que no futuro Bé será abadessa deste Mosteiro; ambas falam na "santidade" de Isabel; Vataça escreve a D. Isabel, D. Jaime está muito doente, em testamento escolhe ser sepultado junto da mãe dos filhos Branca de Anjou; Constança Manuel será repudiada e o pai levantará armas contra Afonso XI de Castela e todos os que o apoiem; também se preparava o casamento de D. Pedro e Branca de Castela, mas que esta teria problemas mentais, talvez pela proximidade do parentesco paterno;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 17 de novembro de 1327	Vataça regressa, D. Jaime está morto; ambas falam do passado, Vataça fala de Pedro, mas com a morte de Jaime percebeu que era este quem amava verdadeiramente, agora com a sua morte, veio para ficar com Isabel; D. Isabel reflete sobre os cavalos que mandou para o papa para acelerar o processo do pedido de nulidade do casamento de Pedro de Urriés;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 17 de dezembro de 1327	Afonso visita a mãe com a carta recebida de Castela declarando amizade e amor a seu tio; Isabel recrimina o filho por pretender entregar Arronches, Portalegre e Vide a Castela; Afonso aceita a opinião da mãe e oferecem-se terras mais longe de Albuquerque; Maria é extremamente bonita aos 14 anos deseja muito ser rainha de Castela; D. Afonso IV consegue também o casamento de Pedro com Branca de Castela, este não ouve as queixas de mãe de que a menina teria problemas mentais; D. Afonso diz a D. Isabel que os terrenos à volta do mosteiro estão comprados;	Frei Salvado Martins (confessor da rainha)
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 20 de dezembro de 1327	D. Isabel reflete que o seu testamento estará desatualizado, é aqui que pretendo ser sepultada e vai pedir a mestre Pero que lhe faça uma arca tumular; Vataça ficaria executora de seu testamento, D. Isabel queria sepultada ao seu lado a neta Isabel; A virgem do leite, o relicário e o colar ficam na sua capela; Vataça informa D. Isabel que também fará o seu testamento, ficando esta sua testamenteira; deixará o cinto que Isabel usou no seu casamento a esta e a sua coroa a Beatriz; os escorpiões vão com Vataça na esperança de encontrar Jaime;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, março de 1328	D. Isabel manda a Lisboa um jurista para preparar com Afonso os documentos de casamento de Maria, Afonso de Castela não a pode repudiar mesmo se o papa declarasse a união nula; D. Beatriz encontra-se de novo grávida; o infante Pedro está saudável, mas parece que a relação de pai e filho não é muito próxima; dia 26 de março Maria casa em Alcañices e é já rainha de Castela;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, abril de 1328	Vataça informa D. Isabel que morreu a mulher do rei de Aragão; surge oportunidade para Leonor que anteriormente fora repudiada;	
Paço da	A 5 de fevereiro, aos 22 anos Leonor de Castela torna-se finalmente rainha; em março esta escreve	Referência a Leonor de Gusmão;

Rainha, Santa Clara, Coimbra, abril de 1329	a avó Isabel informando-a da sua gravidez; Maria escreve ao pai que o marido se perdeu de amores por Leonor de Gusmão e já espera desta um filho; também o casamento de Pedro estava falhado, os rumores de que a mulher tinha problemas mentais concretizam-se e dificilmente lhe dará descendência; D. Isabel tem que escrever a Maria, se não engravidar depressa está perdida;	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, novembro, de 1329	Afonso visita a mãe referindo que Afonso Sanches morre no cerco de Escalona; este permite que o tragam para Portugal e o sepultem em Santa Clara de Vila do Conde e vai restituir à mulher os bens que lhe confiscou; Bé é já abadessa; a sua arca tumular de D. Isabel, feita por mestre Pero está pronta;	
Seis anos mais tarde De Coimbra a Estremoz, junho-julho de 1336	Vataça morrera dois meses antes;Frei Salvado Martins é agora bispo de Lamego; D. Isabel decide ir Estremoz parar a guerra dos reis de Portugal e Castela; Partem os dois, este último pronto para continuar a escrever os feitos da rainha;	
Primeiro dia Coimbra-Tomar	A rainha conta ao frei que tentou casar a neta Maria com o herdeiro do trono Inglês sem sucesso; o rei de Castela continua a maltratar Maria, e a ter filhos com a Barregã que passeia pela corte; Maria engravida de um filho que morre com 1 ano de idade; nasce o Infante Pedro com 2 anos já; o rei tem 5 varões com a barregã;correu o rumor de que Afonso de Castela queria coroar a barregã em Burgos;Branca de Castela foi repudiada; Constança Manuel foi escolhida para casar com Pedro; Invasão de Afonso IV a Castela e Afonso X de Castela invade Portugal;	
Segundo dia Tomar-Santarém	D. Isabel está cansada, recorda o dilúvio que se abateu em Coimbra inundando o Mosteiro; um ano depois já se rezava missa na nova igreja; Vataça teria ditado vontade de se sepultar na Sé de Coimbra;	
Terceiro dia Santarém-Coruche	D. Isabel recorda o sítio onde morre D. Dinis e esses tempos antes da morte do rei; recorda também o dia que Vataça recebe a notícia que o papa não autorizara a nulidade do casamento de Pedro de Urriés; a fome devasta a Europa e Portugal;	
Quarto dia Coruche-Montemor-o-Novo	D. Isabel conta ao Frei os amores de Vataça, primeiro por Jaime e depois por Pedro, não tendo retomado para este mesmo depois de sua esposa morrer; no leito de morte de Vataça a rainha Isabel chama Pedro que vem ao seu encontro para felicidade de Vataça que morre aos 71 anos;	
Quinto Dia Montemor-o-Novo-Estremoz	D. Isabel chega a Estremoz e é recebida por Afonso e Beatriz; Beatriz ajuda a rainha a despir-se e vê uma bolha no seu braço e teme que seja peste;a rainha adoecer mas sossega o filho dizendo-lhe que não tem culpa; para que haja paz o rei de Castela deve libertar Constança de Toro,largar a barregã e respeitar a filha e os acordos; Beatriz fica na quarta de D. Isabel, esta delira com a mãe e a virgem Maria;	
Paço de Estremoz, quatro dias depois, sexta-feira, 4 de julho de 1336	D. Isabel vai à missa pelo próprio pé para comungar, mas volta para a câmara no braço do rei; D. Isabel diz a frei Salvado Martins que o seu livro de feitos fica por ali;	
Epílogo	Cortejo fúnebre da rainha até Coimbra, faz sete dias que o frei faz o caminho; este quer terminar o livro de feitos da rainha, para que não a esqueçam e para o levar a Avinhão ao papa para que reconheça a sua santidade que este testemunhou em vida; aquando da morte da rainha Afonso é aconselhado a sepultá-la primeiro em Évora até que passasse o verão, mas este, testamenteiro da mãe, cumpre a sua vontade de a sepultar em Coimbra; depois de preparado o corpo e no cortejo, o caixão abre uma fenda e dele sai o melhor dos perfumes, como que por milagre;também um clérigo e um camareiro da rainha que estavam a adoecer, pediram à rainha por eles e logo ficaram curados; Constança Anes que padecia de uma doença da boca e dentes, ao beijar o caixão da rainha fica curada;	Referência a Constança Anes

#### A expressão das emoções na obra de Stilwell

Títulos	A expressão das emoções
Mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel, primavera de 1339	Rainha – ausência de medo da morte-"Quase sem receio, corrigiu." Desconforto no primeiro encontro com o rei por causa da diferença de altura; Sentimento de cansaço por recordar o passado e o filho Afonso; Sentimento de vergonha/orgulho perante a vaidade de manter os sapatos na estátua do seu jacente;"Sou Rainha de Portugal e princesa de Aragão." Medo do frio do purgatório; sentimento de satisfação perante a ideia de que se escrevesse a sua história extraordinária;
1ª PARTE (1275-1282)	
Palácio Real de Barcelona, março de 1275	Isabel-Afligia-se pelo pecado e gostava que o avô lhe chamasse com carinho Rosinha Vaidade de Isabel perante os elogios do avô Sentimento de admiração pelo avô
Palácio Real de Barcelona, julho de	Isabel ao ouvir o relato de que Pedro mandara matar Sanches, observou a água, viu esta ficar vermelha- referência de como Isabel

1275	seria sensível a estas mensagens. Água vermelha-símbolo de sangue- castigo de Deus ao rei?
Alcáçova de Tarragona, maio de 1276	Isabel sente orgulho na bravura e conquista de Maiorca pelo avô
Alcáçova de Valência, 2 de junho de 1276	Isabel sente orgulho no seu avô quando este lava os pés aos mendigos; Isabel tem sonho premonitório com a partida do avô para a guerra
Alcáçova de Alzira, 25 de julho de 1276	Isabel não consegue chorar com a morte do avô
Alcáçova de Valência, 1 de agosto de 1276	Isabel não sente um carinho especial quando volta a ver a mãe, refere até que parecia que nunca a tinha visto antes
Mosteiro real de Poblet, agosto de 1276	Isabel sente que foi o pai quem empurrou o avô para a morte e não o quer perdoar
Saragoça, novembro de 1276	Referência a que Isabel se sente acolhida quando Jaime seu irmão e Vataça lhe dão as mãos; Por vezes Isabel sentia-se incomodada com a intimidade de seu irmão Jaime e a princesa Bizantina, Vataça, mas ainda assim refere que era bom ter esta no seu entorno; Sentimento de admiração face à beleza de sua mãe a quando da sua coroação
Palácio Real de Barcelona, dezembro de 1278	Sentimento de admiração de Isabel pela leveza de não se preocupar com convenções de Vataça; Isabel aprendeu a admirar o pai pela sua capacidade de acudir a pedidos de auxílio;
Palácio Real de Barcelona, agosto de 1280	Isabel não gosta e fica incomodada com o facto de Vataça querer estar sempre onde seu irmão Jaime está; Isabel sente ciúmes pela irmã mais nova Violante estar demasiado tempo ao colo da mãe; Isabel julga ter pressentido a sombra do Diabo, por ter sido ríspida para com Vataça pelos ciúmes que sentia pelo seu irmão; Isabel não gosta quando o irmão e Vataça a tratam como uma criança, pois é pouco mais velha que estes;
Alcáçova de Valência, 5 de abril de 1282	Isabel refere sentimento de felicidade pura ao observar os irmãos mais novos aquando da sua preparação para ir para Portugal
Alcáçova de Valência, 30 de abril de 1282	Isabel sente amargura por a mãe não ter esperado para a ver partir
Castelo de Bragança, maio de 1282	Sentimento de desconfiança de Isabel perante o carácter do cunhado D. Afonso
Paço de Trancoso, julho de 1282	Isabel sente a falta do Irmão Jaime.
2º parte (1284-1313)	
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 11 de fevereiro de 1285	Isabel sente medo ao sentir a presença do rei perante o ato de consumação do casamento; Isabel sente irritação perante a escolha de Afonso para o filho bastardo de D. Dinis, nome que tinham reservado para o seu filho; Isabel sente-se magoada com o facto do rei ter barregãs
Sé de Lisboa, 10 de julho de 1285	Isabel sente alívio por Vataça esquecer o irmão e ficar em Portugal; Isabel sente ciúmes da maneira como D. Dinis olha Vataça, tal como sentia do irmão; Prefere não sentir nada a entregar já o seu coração a D. Dinis; Reflete para si mesma se odiar seria sempre pecado, perante as intrigas de Leonor Afonso;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 20 de novembro de 1285	Isabel sente desejo de vingança por todas as damas alvo de atenção de D. Dinis
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1286	D. Isabel sente amargura por pensar que a mãe já esqueceu a morte de seu pai na coroação do filho D. Pedro
De Lisboa ao Sabugal, junho de 1287	Isabel sente-se mais feliz do que nunca com a atenção de D. Dinis, mais ainda do que quando vivia com o avô e por isso sente culpa;
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, julho de 1288	Isabel sente orgulho na decisão do irmão Afonso III de proclamar Afonso de la Cerda rei de Leão e Castela;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1289	Isabel sente amor e alegria por sentir o filho no ventre; Gosta da atenção que obtém de D. Dinis;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1290	D. Isabel sente cada vez mais falta da mãe e saudades da Infância, precisava da mãe para a ajudar a saber ser mãe; ao mesmo tempo sente raiva com as cobranças da mãe;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1290	Isabel fica comovida com lealdade de Vataça;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, julho de 1291	Sentimentos contraditórios de dor e alegria, por perder o irmão Afonso, mas o irmão mais novo tornar-se rei de Aragão;

Paço Real da Alcáçova, Santarém, setembro de 1291	Isabel fica chocada por Vataça querer ainda Jaime, tem de aprender a não julgar os outros;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, outubro de 1292	Isabel sente amar mais Dinis, com o apoio deste a Mor Dias;
Capela de Santa Eulália, Montemor-o-Velho, abril de 1293	Isabel sente ciúme e raiva das barregãs de D. Dinis e de não conseguir voltar a engravidar, sente por fim alegria, pois só esta salva;
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, julho de 1295	Isabel sente mais uma vez ciúmes pela relação de cumplicidade entre Vataça e D. Dinis
Paço Real de Leiria, abril de 1296	Isabel sente ternura por Pedro Afonso, filho bastardo de D. Dinis;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, dezembro de 1296	Isabel sente pela primeira vez muita raiva de tudo, do marido, deste ter amantes, de não ter mais filhos
Castelo de trancoso, 10 de setembro de 1297	Isabel sente orgulho nas capacidades do seu único filho varão
Alcanizes, 12 de setembro de 1297	Isabel sente dor por entregar a filha e Vataça a Maria de Molina e questiona-se se a própria mãe terá sentido o mesmo quando a entregou;

Fuenteguinaldo, julho de 1298	Isabel sente o coração a saltar-lhe do peito de alegria e orgulho pela filha Constança, pelos seus interesses nos assuntos de Castela. Acha-a parecida consigo.
Paço de Salvaterra, 26 de dezembro de 1300	Isabel sente-se profundamente feliz com a paz que parece advir e com a ideia de regressar a Aragão;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, junho de 1301	Isabel sente-se vexada com novas traições do marido;
Coimbra, Santa Clara, janeiro de 1304	Isabel não cabe em si de satisfação pela escolha do irmão em apoiar D. Dinis como árbitro na contenda de Castela;
Tarragona, 14 de agosto de 1304	D. Isabel fica angustiada ao ver Jaime e Vataça juntos;
Valladolid, 20 de Agosto de 1304	D. Isabel fica desgostosa com a atitude de D. Dinis;
Paço Real de Leiria, 15 de outubro de 1304	D. Isabel fica magoada pois o marido e o irmão tenham demorado em sair em sua defesa;
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, 25 de julho de 1306	D. Isabel continua descontente com o marido pela sua atitude com seu irmão D. Afonso;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, dezembro de 1306	D. Isabel sente impotência face à decisão do marido em aceitar que D. Afonso matou a mulher em defesa da honra;
Paço Real de Leiria, setembro de 1307	D. Isabel sente-se envergonhada perante a raiva que talvez ele fomente no Infante Afonso perante Afonso Sanches;
Santarém e Valladolid, outubro de 1310	D. Isabel fica angustiada pela dor do irmão Jaime e sobrinhos causada pela morte de D. Branca;
Paço Real da Alcáçova, Coimbra, novembro de 1310	D. Isabel comove-se e recorda-se da infância ao ver cópia em latim do livro de feitos do avô;
Paço de Frielas, 10 de setembro de 1312	D. Isabel sente dor com a notícia de viuvez da filha Constança
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, janeiro de 1313	D. Isabel sente orgulho na forma como educara o filho para respeitar o casamento e a esposa e felicidade com a gravidez da nora;
Cidade Rodrigo, 26 de fevereiro de 1313	D. Isabel sente satisfação por Jaime e Vataça estarem do seu lado e de seu filho Afonso;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 14 de novembro de 1313	D. Isabel sente-se dividida entre ir em auxílio da filha ou deixar a nora prestes a dar à luz;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 18 de novembro de	D. Isabel sonha e chora pela filha junto com D. Dinis;

1313	
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1318	D. Isabel sente-se incomodada pelas críticas que lhe fazem de ser pouco obediente ao marido na contenda com o filho Afonso; sentimento de exaustão perante as brigas entre pai e filho;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, março de 1320	D. Isabel sente raiva por D. Dinis defender Afonso Sanches em vez de Afonso; sente ainda piedade do marido pelo seu desalento na sua relação com a mãe e avó;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, 1 de julho de 1320	D. Isabel sente-se culpada pela satisfação de ser mais alta que o rei;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, março de 1321	D. Isabel sente mágoa pelo filho ser direta ou indiretamente culpado da morte do bispo de Évora;
Paço Real da Alcáçova, Santarém, abril de 1321	D. Isabel sente-se cansada e desiludida com a vida por aos 51 anos estar no meio da contenda entre o marido e o filho;
Convento de São Francisco, Alenquer, 12 de outubro de 1321	D. Isabel chora de saudade e amargura;
Convento de São Francisco, Alenquer, 30 de outubro de 1321	A rainha assusta-se com os seus sentimentos e a vontade de perfurar o coração do rei seu marido e com a desejada morte de Afonso Sanches;
Guimarães, março de 1322	D. Isabel sente-se pela primeira vez frágil, duvidando de que estava protegida de tudo desde a sua nascença;
4ª parte	
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, maio de 1325	Depois a doença e morte do rei, D. Isabel sente-se muito mais feliz e livre em Coimbra
Santiago do Cacém, maio de 1325	D. Isabel sente-se cansada por ter presenciado tantas lutas; a rainha deseja a morte da mulher de Pedro de Urriés e fica atormentada por este ideia lhe ter surgido;
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 3 de julho de 1326	D. Isabel recebe com pesar a notícia da morte de João Afonso e sente que outrora aquele menino também tinha sido um pouco seu;
Paço Real da Alcáçova, Lisboa, 25 de setembro de 1326	D. Isabel emociona-se ao pegar no neto recém-nascido e ao lembrar-se da morte da neta Isabel; subitamente sente saudades de casa, saudades de Aragão que nunca deixou de considerar casa;
Santiago do Cacém, outubro de 1326	D. Isabel sente orgulho e repudia pelos ideais do filho em purificar o reino;
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 17 de novembro de 1327	Ao ouvir Vataça falar de Pedro, D. Isabel pensa que também sentiu felicidade e desejo por D. Dinis, mas que enterrou esse sentimento dentro de si, pelo ciúme e ódio de o ver com outras mulheres;
Paço da Rainha, Santa Clara, Coimbra, 17 de dezembro de 1327	D. Isabel sente orgulho pois nenhuma mãe é tão amada pelo filho quanto ela;
Segundo dia Tomar-Santarém	D. Isabel sente que as saudades da sua infância fazem doer;

#### Isabel da Aragão-Rainha Santa, Mãe Exemplar-de Maria Filomena Andrade

Capítulo 1- A iniciar	Canonização pelo Papa Urbano VIII a 25 de maio de 1625
A formação da memória: os gestos	<p>9 de julho de 1625, festejos da canonização da rainha; estava no trono D. Filipe III, IV de Espanha. João Manuel, bispo de Coimbra fica encarregue das festividades; 4 de outubro, iniciam-se as festas, durante 9 dias; o túmulo da rainha é coberto de flores e há uma procissão solene organizada pelas Clarissas; anteriormente a rainha a pedido de D. Manuel e decisão do papa Leão X tinha sido beatificada, sendo autorizado o culto em Coimbra; 40 anos volvidos o papa Paulo IV estende o culto a todo o território português;</p> <p>Como se organiza o processo de canonização:</p> <p>São ouvidas 11 testemunhas relatando mais de 32 milagres junto ao túmulo da rainha; é aberto o túmulo e verifica-se que esta em perfeito estado e mumificado, estando envolvido numa pele, mortaldas de linho e o hábito; enviado o processo para Roma, este tarda; em Portugal D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra manda fazer uma arca de prata e cristal para depositar aí o corpo da rainha para que fique visível aos fiéis; este processo ocorre no mosteiro novo em 3 de julho de 1691; grande parte do património móvel e documental da rainha fica entregue à confraria da rainha Santa Isabel criada em 1560; em 1891 assume o nome de Real Confraria da Rainha Santa Isabel, realizam-se então festejos no domingo que segue ao 4 de julho, festa da sua memória declarada pelo Papa Urbano; também a universidade de Coimbra teve um papel importante na expansão do culto à rainha; aos dias de hoje é visível na confraria a presença de ilustres académicos e universitários; o espólio da confraria tem servido para inúmeras exposições; a rainha é oficialmente padroeira das dioceses de Coimbra e Leiria, da Academia das Ciências, entre outras;</p>
A formação da memória: a escrita	1º documento escrito dos milagres da rainha encontra-se no cartório do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra; uma freira de Santa Clara ou o bispo D. Salvado, seu confessor escrevem a sua "lenda"; este primeiro documento, provavelmente do Sec. XIV,

	desapareceu, bem como duas cópias do Sec.XV, resta uma cópia do Sec. XVI que se encontra no Museu Nacional Machado de Castro; conhecem-se outra cópias do Sec. XVII; outro documento, Livro da rainha Dona Elisabeth; e já no Sec. XX temos duas edições da "Vita" da rainha de José Joaquim Nunes, "Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal" de Maria Isabel da Cruz Montes, "As rainhas de Portugal" de Francisco de Fonseca Benevides, entre outros; em todos estes registos, bem como noutros, tais como poesia, teatro, romance histórico, são relatados os milagres, das rosas, do cheiro doce e do corpo incorrupto, entre outros; é também referida a piedade e humildade cristã da rainha;
A formação da memória: a cultura material e a sua iconografia	O principal testemunho iconográfico é a sua arca tumular, que hoje se encontra no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova para onde foi transladada; de autoria de mestre Pero, artista Aragonês; este fez também a arca de Vataça e da infanta Isabel, neta da rainha; a arca representa a rainha com o hábito das clarissas, bordão e bolsa da peregrina; esta iconografia representa a devoção franciscana, mendicante e de salvação da rainha; várias joias do tesouro da rainha, algumas em poder da confraria outras no museu Machado de Castro, a saber: o 1º ex-voto Português, representando o milagre das rosas e a rainha caritativa, este foi feito para agradecer o milagre de uma paralisia de uma freira de Celas, o bastão de peregrina da rainha, um colar de ouro e pedras preciosas, um relicário de coral, uma escultura da virgem com o menino e uma cruz processional de jaspe e prata com as armas da rainha e duas cruzes de cristal e rocha; temos também associado à disseminação do culto várias pinturas e retábulos, retratando a rainha e as rosas, sendo este milagre o símbolo central do discurso iconográfico, ficando este na memória coletiva portuguesa pela sua expansão popular;
A imagem da Rainha Santa	A imagem da rainha terá sido também desejada e construída por ela própria, não se fazendo pobre, mas colocando a sua riqueza ao serviço dos pobres; mulher de consciência profunda dos seus deveres como cristã, mas também como rainha, que tal como o rei deve dispensar bens e agradecer (como viu a sua mãe, irmãs e cunhada); esta imagem não é só construída pelos que a rodeiam à sua morte, mas também ela própria a viver com a sua corte em Santa Clara cria esta imagem caritativa e de benevolência; na sua biografia há 3 temas principais que constroem a sua imagem, a sua linhagem à nobreza de sangue ( <i>beata stirps</i> ), os seus comportamentos piedosos e os seus hábitos religiosos; a sua experiência de caridade está inserida nas correntes mendicantes, não deixa contudo de ser leiga, mesmo quando viúva; Isabel está rodeada de um universo feminino, quer nas mulheres que a rodeiam, especialmente em Santa Clara, mas também porque são principalmente mulheres as agraciadas nos seus milagres; a imagem de Isabel assenta então numa mulher leiga e religiosa ao serviço das virtudes: boa mãe, mulher obediente, afetuosa e respeitadora;
A Infanta (1267/1279-1282)	
Capítulo 2 Nascimento e a infância	Nas cortes do avô e pai Isabel aprende a importância das alianças e da diplomacia da Aragão face ao poder de Castela e França; ligada a uma estirpe de devotos, santos e santas; consciente da piedade mas também das intrigas; o seu nascimento na vasta prole de pais, irmãos e irmãs contribui para o seu conhecimento fazendo com que a família de sangue tenha para ela extrema importância; nasce numa corte poderosa que irá alargar o seu poder a outras partes da Europa, vindo no monarca e família o poder soberano;
A conjuntura do Ocidente Europeu	Europa meados do Sec. XIII:  <u>Os Capetos em França</u> -reinado de Luís IX, regência de sua mãe Branca de Castela, filha de Afonso VIII; o monarca abandona a ideia de cruzada, retomada mais tarde e aposta na pacificação interna do reino e pacificação com os reinos cristãos; tratado de Corbeil de 1258, com Jaime I, estabelece as fronteiras de Aragão com os Pirenéus; é canonizado pelo papa; seu filho Filipe III consolida este poder aliado ao seu tio Carlos de Anjou esta aliança abre um confronto histórico com Aragão pela reivindicação ao trono da Sicília; A monarquia em França era então vista como estável e temida:  <u>A Inglaterra dos Plantagenetas</u> : Henrique III assume o trono com 9 anos ficando com uma regência até 1227; os barões Ingleses, apoiados na Magna Carta, dominam o rei e monarquia Inglesa; com a subida ao trono do rei este toma uma atitude de autoritarismo; a nível militar fracassou; os barões Ingleses revoltam-se e instala-se a guerra civil; de um lado o rei apoiado pelo papa e rei Luís de França, por outro os nobres liderados por Simão de Monfort; este prende o rei e instala uma ditadura; o filho do rei, Eduardo, funda novo partido e consegue a vitória, recuperando assim a monarquia grande parte do poder, abrindo lugar entre um compromisso;  <u>O Império, a Itália e o papado</u> : Imperador Frederico II foi um carismático governador do Império até à sua morte, quando ela ocorre os destinos de Alemanha e Itália começam a divergir; Na Itália Urbano V, aposta em Carlos de Anjou para submeter novamente a Itália ao domínio papal; este monarca opta por um governo opressivo o que provoca a revolta dos Sicilianos; tentou apoderar-se do império Bizantino, assumiu a soberania da Toscana e rei da Albânia; provoca o descontentamento de monarcas Europeus, nomeadamente Pedro III de Aragão;  <u>A Hungria</u> :  Reino unificado por Bela III e com Bela IV há que fazer frente ao avanço dos tártaros; estes deixam o país em ruínas, tendo Bela IV que reconstruir o reino, atrair migrantes e reforçar as fronteiras; na segunda metade do Sec. XIII a Hungria está nas mãos da nobreza e dos poderes feudais;  <u>A Península Ibérica</u> :  A situação era instável na Península Ibérica devido à reconquista cristã e à pressão Francesa; a reconquista inicia-se em duas frentes: os Hispano-godos que conquistam terras em Leão, Castela, Galiza, Portugal e Andaluzia e as gentes Vascongadas das encostas pirenaicas contando com a ajuda francesa, formando reinos, condados e senhorios independentes como a Biscaia, Navarra, Albaracim, Aragão e a Catalunha; os primeiros 40 anos do Sec. XIII, ocorre a formação e fortalecimento dos reinos hispânicos e suas monarquias; Fernando III une Leão e Castela, introduziu no reino as ordens mendicantes; do seu 1º casamento com Beatriz da Suábia nasce Afonso X o sábio; do casamento deste com Maior Guillen (posteriormente anulado) nasce Beatriz Afonso, consorte de Afonso III e mãe de D. Dinis; em Navarra após a morte de Sancho VII sem sucessão, fica com o trono o sobrinho Teobaldo de Champagne, ficando o território submisso ao poder de França, Navarra só recupera a independência em 1328; em Portugal após o terminus da reconquista, consolidam-se fronteiras e fomenta-se a agricultura e o comércio; Afonso III reorganizou a administração do reino em 1255 transfere a capital do reino de Coimbra para Lisboa, é ele também responsável pela reconquista do território português a sul; o seu casamento com a filha de Afonso X põe fim à luta entre Portugal e Castela pelo Algarve; este monarca é excomungado pelos seus conflitos com a igreja, à sua morte este jura obediência à igreja; sucede-lhe D. Dinis;
A Família de Isabel: Aragão no período do apogeu	Uma das mais prestigiadas e poderosas monarquias da Europa; lutava-se pela emancipação da influência de França e afirmação a nível político; ao longo do reinado de Jaime há a rivalidade com Castela pelo domínio de Múrcia e pelo reino das duas Sicílias entregue pelo papa a Carlos de Anjou, (direitos de D. Constança, esposa de Pedro de Aragão, filha de Manfredo e neta do imperador Frederico II da Alemanha; Jaime obtém o título de conquistador pela extensão territorial, pois transforma um pequeno reino rural em Saraçoça num império comercial mediterrânico com base em Barcelona; conquista de Maiorca a Abu Yahya com a esquadra catalã; conquista de Valência por contingente Aragonês; ainda tenta uma expedição à terra santa, mas acaba por desistir; morre em Valência a 27 de julho de 1276; cabe Aragão, os condados catalães e Valência a seu filho Pedro, reino de Maiorca, condados de Rosilhão e Sardenha a seu filho Jaime; Pedro (o Grande) primogénito de segundo casamento de Jaime I com Violante da Hungria, casa com Constança da Sicília, revelando um interesse nos territórios Sicilianos; sucede pois este a seu pai; opta por manter uma postura de apaziguamento face a Castela, reunindo acordos, bem como com Portugal e Inglaterra; esta paz peninsular vai-lhe permitir intentar esforços pela Sicília; este não consegue retomar o governo da Sicília pois adoece morre na Catalunha;
O nascimento da <i>beata stirps</i>	Isabel é a segunda filha de muitos irmãos: Afonso, Jaime, Frederico, Pedro, Isabel e Violante; Isabel é então neta de Jaime I e sobrinha-neta de Santa Isabel da Turíngia; o pai de Isabel à semelhança do avô teve filhos fora do casamento; Não se sabe a certeza se Isabel nasceu em Saraçoça ou Barcelona, bem como ao ano 1269 ou 1270; o mais verosímil terá sido no palácio de Aljaferia em Saraçoça; terá sido batizada poucos dias após o nascimento (o que lhe dá identidade segundo a sociedade de então), em Saraçoça; a atribuição do nome Isabel é uma clara intenção de associação à sua tia-avó; a esta se atribuem vários milagres nomeadamente o das rosas, a sua conduta era também devota aos pobres; acabou por tomar o hábito e viver na pobreza e usou parte da sua fortuna para construir um hospital; faleceu aos 24 anos e foi canonizada em 1235; há ainda mais santas na família, as tias Maria e Sancha; Isabel nasce neste contexto estando o pai em conflito com o avô; segundo a lenda nasce de forma miraculosa envolta numa película húmida; Jaime gostou da neta e levou-a para perto de si; quando falece o avô e é enterrado em campo rasa em Poblet, Isabel terá sentido desgosto e perplexidade pela simplicidade da campa e também por perder um mentor na sua vida;

A educação na corte aragonesa	Isabel foi educada numa corte de grande riqueza e controvérsia, à mulher cabia o papel do privado, devia ser temente a Deus, bondosa e caritativa, fundar mosteiros e hospitais e ter também o papel de conselheira de quem governa, dentro da doutrina cristã; deve primar por apaziguar e mediar conflitos e devia ainda ser boa mãe e boa educadora; Isabel também é criada para ser boa esposa; também dominava o Latim e tinha conhecimentos médicos; a influência muito crente do avô, tal como relatada no seu livro de feitos vai ter então influência nesta sua crença no divino; Isabel assiste também à difusão das artes e da literatura, primeiro com o avô e depois com seu pai; também o meio Universitário se desenvolveu; a sua avó Violante ao acompanhar o avô em algumas campanhas militares vai influenciar Isabel; também a mãe na pretensão ao trono da Sicília vai influenciar a personalidade de Isabel; também na infância cria uma relação de alguma cumplicidade com o irmão Jaime II;
O ambiente espiritual e religioso	<p>A ordem do templo- os seus mestres, muitos deles eram conselheiros do rei;</p> <p>Mosteiros cistercienses-recebiam avultadas quantias dos monarcas e pequena nobreza;</p> <p>A partir de finais do Sec XIII estas ordens começaram algum conflito por questões de expansão de território, os monarcas não intervinham à exceção de quando escolhiam o sítio para seu sepultamento;</p> <p>Ordem dos Franciscanos- Jaime I via apoiar esta ordem nomeadamente os mendicantes; nas suas campanhas tem sempre ao seu lado mendicantes para apoiarem os seus exércitos e cristianizarem as populações não cristãs;</p> <p>Neste contexto é criada a Ordem Real Militar da Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos, ou Ordem de Nossa Senhora das Mercês; fundada em Aragão por Pedro Nolasco; esta ordem tratava da libertação dos prisioneiros cristãos obrigados a converter-se ao islamismo; eram frades mercedários;</p> <p>Os ideais de cruzada propiciam o desenvolvimento dos mendicantes, sendo estes apoiados e recebendo doações avultadas; alguns destes frades guiam-se por uma visão apocalíptica e messiânica (Joaquimitas e Fratelli);</p> <p>Estas ideias são também difundidas na corte por Arnaldo Vilanova, direta ou indiretamente; este foi médico real de 1281 a 1290(Pedro III, Afonso III e Jaime II); interesse pela vida evangélica e ideias apocalípticas de Fiore;</p> <p>Será especulativo falar na influência de Vilanova em Isabel, nos seus pensamentos ou conhecimentos médicos, efetivamente parece que com ele não contactou; o que se prova é que na corte existiam pessoas que protagonizavam estas novas ideias e eram protegidas pelos soberanos;</p> <p>Desenvolvimento de confrarias para função e gestão de hospitais para os pobres;</p> <p>A forma e escolha de sepultamentos reais também vai mostrar as suas escolhas e posicionamentos religiosos; preferência por Franciscanos e seus cemitérios;</p> <p>D. Constança, mãe de Isabel sepulta-se com o hábito das clarissas e no seu testamento doa somas consideráveis para construção de hospitais (semelhança e influência em D. Isabel)</p>
A Rainha Consorte (1282-1325)	
Capítulo 3- O casamento e a vida familiar	
A conjuntura e os preparativos de enlace	<p>Desde 1277 que a rainha de Castela, D. Violante se refugiara em Aragão com os netos, os Infantes de La cerda, protegidos pelo irmão Pedro III, ficando D. Sancho rei, esta situação vai dividir os Castelhanos em dois partidos e ser objeto de lutas; D. Sancho procura apoio em Aragão que se compromete reter no reino os Infantes para que estes não sirvam os interesses nem de Castela nem de França;</p> <p>D. Jaime envia 1ª embaixada a Portugal para propor casamento de Isabel com o monarca português; esta aliança iria refrear os dois grupos de Castela e a ameaça de França;</p> <p>Filipe o Atrevido de França, junta-se à causa dos Infantes; Sancho de Castela incita o pai para que se reunir com Pedro de Aragão; também a eleição de um papa francês vem apressar a decisão do casamento de Isabel; apesar de várias propostas a escolha seria sempre o contrato que trouxesse melhor posicionamento peninsular;</p>
A proposta portuguesa e o casamento	<p>Aos 20 anos D. Dinis é aconselhado pela mãe que escolha noiva, é colocada a hipótese de D. Isabel que contava já com o apoio do rei francês, assim a 12 de novembro de 1280 manda D. Dinis os seus embaixadores a Aragão requerer a mão de D. Isabel; para Aragão era uma boa proposta pois Isabel seria logo rainha, para Portugal era uma aliança que traria segurança e prestígio; a 11 de fevereiro de 1281, João Velho recebe Isabel como esposa de D. Dinis no paço Real de Barcelona; D. Pedro em diploma de 25 de fevereiro nomeia procuradores para junto do rei buscarem as garantias; em abril levam também consigo o acordo de paz entre o rei de Castela Afonso X e seu filho; os embaixadores encontram D. Dinis em pejeas com o irmão Afonso e pedem ajuda a Aragão que envia tropas e Beatriz e Branca para ajudarem na contenda; Afonso presta vassalagem ao irmão; este retira-se para Sevilha; celebra-se no reino pela 1ª vez um contrato antenupcial a 24 de abril de 1281 em que D. Dinis doa em arras algumas vilas portuguesas; D. Pedro doa à filha não menos de 30 mil libras; quando se preparava Isabel para seguir viagem, estava conflito de novo em Castela e só em início de abril de 1282 a situação fica mais calma, Isabel parte de Valência com as suas damas Vataça Láscaris, D. Marquesa Rodrigues e D. Isabel de Cardona, filha da meia irmã Beatriz; também seguiam vários homens entre eles Raimundo de Cardona; vários criados entre eles João Sans: o irmão de Isabel, D. Afonso acompanha-a até à fronteira com Castela; em Bragança esperava D. Isabel o irmão do rei D. Afonso e o conde D. Gonçalo; o rei encontra-se com D. Isabel em Trancoso em 1282, vila que lhe doa em 26 de junho; aí se realizam os festejos da boda, descem depois para a Guarda onde passam agosto e setembro, seguem depois para Coimbra;</p>
A vida familiar: esposa, educadora e boa mãe	<p>Isabel não encontra na corte portuguesa grande apoio familiar, a sogra estava desavinda com o filho e ausente, assim abre-se também espaço para Isabel se rodear de alguma influência aragonesa; pelo casamento o seu papel era gerar filhos para assegurar a sucessão; por ser estrangeira deveria também inteirar-se dos costumes bem como integrar os que trazia;</p> <p>A vida conjugal dos reis não foi fácil, quando a rainha casou não tinha ainda 14 anos pelo que não estava apta a consumir o casamento, também só se conhecem 2 filhos do casamento, um em 1290 e outro em 1291, a partir dessa data a relação esfria e o rei mantém várias relações extraconjugais; não se sabe bem o que terá sucedido, mas além do espaço que a religião ocupava na vida da rainha, também o seu posicionamento face ao filho para isso pode ter contribuído; também a influência de Aragão em Isabel, nomeadamente seu irmão vão contribuir para o afastamento do rei; ainda assim em termos sociais e políticos continuam próximos; a rainha não tem qualquer papel em relação às lutas entre D. Dinis e o irmão entre 1281 e 1287; o rei continua a fazer-lhe doações; protesto de D. Isabel para legitimação dos filhos de Afonso; entre março e abril de 1299 novo confronto entre irmãos aqui parece ter D. Isabel intervindo para pacificar;</p> <p>Casamento dos filhos dos reis de Portugal com príncipes Castelhanos; esta cria os filhos, os bastardos do rei e futura nora uma educação esmerada e conhecedora dos rituais e celebrações da igreja; os rapazes deveriam saber ainda manejar armas e a arte da cavalaria; as filhas deveriam saber bordar e tecer e primar por uma educação moral e casta; Isabel poderá ainda ter ensinado os conhecimentos médicos que lhe são atribuídos; novidade de uma educação no sentido de normas e etiqueta; Afonso Sanches e a mulher criam um Cenóbio Santa Clara de Vila do conde onde querem ser sepultados à semelhança da vontade de D. Isabel em Santa Clara de Coimbra;</p>
A casa da rainha	Conjunto de dependentes e oficiais que punham a funcionar uma instituição autónoma, mas dependente do monarca; formada por homens e mulheres de famílias poderosas para fazerem face a várias viagens para criar alianças ou resolver problemas; ela assenta

	em bens e rendimentos(arras) do marido e doações de seu pai, mas que foram dinheiro e possivelmente joias; das suas terras a rainha recebe não só rendimentos, mas também apoios políticos e militares (terras onde D. Afonso IV fica na contenda com o pai); entre 1316-36 D. Isabel inicia uma série de aquisições para dotar o convento de que é (re)fundadora; com a morte de D. Dinis, seu filho autoriza a mãe a adquirir fazendas para o convento; Gonçalo Peres Ribeiro é mordomo-mor da sua casa; também ele se manda sepultar e esposa no Mosteiro de Santa Clara e lhe faz doações; a chancelaria é um serviço importante e possui selo próprio; Afonso Martins é tesoureiro da casa da rainha; capelães clérigos e confesores eram também importantes e mais próximos da soberana; também as mulheres da sua corte têm um papel importante; Marquesa Rodrigues é colcha e aia da rainha desde Aragão, Vataça Láscaris é dama da alta nobreza da inteira confiança da rainha; esta por sua morte deixa à rainha uma cruz de ouro com o lenho do senhor, uma caldeira de cristal para água benta a majestade de sândalo e o saltério francês
Capítulo 4- As alianças e as oposições	
Ação política e diplomática da rainha	<p>4 momentos em termos do comportamento político de Isabel:</p> <p><b>1º (período de adaptação)</b> casamento e chegada a Portugal- dar à luz e dar descendência ao reino- D. Dinis está no trono, contestado pelo irmão Afonso que tem o apoio de Castela por Afonso X e a mãe Beatriz claramente incitava o apoio de Castela; Período de Guerra civil fronteiriça que termina com a paz em Badajoz em 1287; aqui pouco se sabe da possível intervenção de Isabel ou de Maria de Molina; foi importante a mediação de D. Beatriz; após as pazes D. Dinis recebe a vassalagem do irmão, devolve-lhe os senhorios no Alentejo, mesmo contra D. Isabel; Afonso reconhece o tio Sancho ao trono de Castela e Dinis ao de Portugal; em Aragão Pedro III reconhece Sancho herdeiro de Castela e acorda a conquista e repartição do reino de Navarra que não se realiza; D. Dinis mesmo com a aliança do casamento em 1288-89 surge como aliado de Sancho IV contra Afonso III irmão de Isabel e rei de Aragão por causa do apoio deste a Afonso De La Cerda; a política de D. Dinis é contrária à de Afonso III de Aragão, pois quer consolidar a sua aliança com Castela; compromisso matrimonial entre Fernando e sua filha Constança; após a morte de Afonso III, Jaime II sobe ao trono e procura em Portugal um aliado; internamente há uma relação conturbada do rei com a nobreza e igreja no que diz respeito à aquisição de propriedades e gestão dos bens; Dinis recebe do pai um reino interdito a cerimónias e cultos; chegam a acordo com a concordata aprovada pelo papa Nicolau IV e por D. Dinis em carta enviada a 4 de agosto de 1289; os franciscanos têm um papel importante nesta situação o que terá agradado a D. Isabel, mas não se reúne informação que assegure a sua intervenção; neste período de adaptação D. Isabel estaria ocupada com o casamento e filhos e sua educação e dos que lhe são entregues;</p> <p><b>2º (primeira afirmação de influência)</b> -nas lutas entre Castela e Aragão, D. Isabel revela as suas capacidades diplomáticas; esta usa as suas relações de privilégio com Aragão; com Jaime II no trono afirma-se a relação de aliança entre Portugal e Aragão contra Castela; D. Isabel assume um papel de relevo na ligação entre as nobrezas portuguesa e aragonesa nos respetivos monarcas; para controlar o que acontece em Castela, envia Vataça para junto da sua filha Constança; a política anti Castela tem origem em Jaime II e com apoio de sua irmã Isabel; esta torna-se peça fundamental no xadrez peninsular; Tratado de Badajoz de 1267 fixam de novo as questões ao que ao território entra Portugal e Castela dizem respeito; os problemas entre Aragão e Castela voltam de novo bem contra Maria de Molina; Isabel, sendo próxima do irmão vai influenciar a atuação dúbia do marido face a Castela; D. Dinis está ligado aos dois reinos, Aragão pelo seu casamento, o que lhe traz prestígio internacional e pelo casamento dos filhos fica ligado a Castela(1297 1304); por isso o rei será árbitro entre as questões dos dois reinos; Isabel terá aqui um papel importante em Aragão pela influência e ligação ao seu irmão e Castela pela filha e outras mulheres da Corte(vataça p.ex); internamente Isabel vai contra o marido na sua desconfiança a seu irmão D. Afonso pedindo-lhe que não legitime os seus filhos pois pode por em causa os direitos de seus próprios filhos; protesto de D. Isabel que não vai consentir esta situação; D. Isabel revela ter consciência do poder do rei e como este deve ter poder de retirar bens e privilégios a quem contra ele atenta; esta situação revela a posição de estratégia da rainha, a sua ação política(interna e externa) será claramente o seu filho e seus direitos; a capitulação da cidade de Portalegre é também mediada por D. Isabel e D. Branca;</p> <p><b>3º(Os anos de intervenção e da paz)</b>- em 1300 as atividades diplomáticas entre D. Dinis e D. Jaime demonstram importância fulcral e D. Isabel também entre 1300 304, efetua vários contactos, inclusive ao irmão enviando vários mensageiros buscando a paz; em 1300 começam de novo o problema entre Castela e Aragão, aqui é também reconhecida a importância da ação de D. Isabel e D. Dinis com carta de seu irmão nesse sentido; D. Jaime revela nas cartas trocadas um extremo agradecimento e reconhecimento do empenho na manutenção da paz de D. Dinis e sua irmã, colocando-a ao nível do marido; os dois irmãos trocam várias cartas acerca das tentativas e acordos de paz; até 8 de agosto de 1304 várias são as cartas entre Isabel e o irmão, bem como os mensageiros, nestas ele reconhece sempre o auxílio da irmã bem como D. Dinis dia 10 é assinado pacto de amizade entre Castela, Aragão e Portugal; cresce também alguma oposição a D. Isabel por alguns fidalgos leais a D. Dinis, como João Simão de Urró, este é mesmo acusado de difamar a rainha; este nunca chega a ser castigado e é desculpado pelo rei, pese embora a intervenção de Jaime e sua esposa; esta situação de descontentamento de alguns face à rainha que não gostam da sua intervenção bem como de alguns dos seus homens de Aragão, vai dificultar também a relação entre o casal; ainda assim os próximos anos serão de acalmia, D. Dinis procura o fomento interno do reino e D. Isabel a educação dos filhos;</p> <p><b>4º (Os anos de grande conflito 1312-1325)</b>- situação interna tensa; descontentamento por parte da nobreza; conflito entre D. Dinis e seu filho príncipe Afonso (intervenção mais importante de rainha); entre 1312-13 o príncipe mostra-se cada vez mais descontente com a preferência do pai pelo filho bastardo Afonso Sanches; D. Dinis decide em tribunal régio pela herança disputada pelo mulher de Afonso Sanches e sua irmã em seu favor e ainda lhe dá mais dinheiro para comprar parte de herança; nomeia-o também mordomo-mor do reino, ficando este mais poderoso e com mais riqueza que D. Afonso filho legítimo; D. Isabel teme esta situação e o rei para a acalmar destina bens ao infante Afonso; em 1312 morre em Castela D. Fernando IV, ficando Constança viúva e sem conseguir a tutoria do filho; D. Dinis pretende defender os interesses da filha, porém esta procura a proteção do tio, D. Jaime, por solicitação de sua mãe, indo assim contra o pai a aceitando o partido do infante D. Pedro; mais tarde, perdendo o poder junto da nobreza Castelhana, passa para o lado do pai, pedindo-lhe ajuda que nunca chega a receber; morre em novembro de 1313; esta morte vai debilitar a posição do rei Português, temendo este a influência aragonesa em Castela; em 1317 algo terá contribuído para o novo início de pelepas entre D. Dinis e o filho, ainda assim com o nascimento do filho de Afonso a que apelida de Dinis vem amenizar um pouco esta situação, mas já em 1318 o rei escreve de novo ao papa, desta vez queixando-se de Frei Estevão a quem acusa de minar a relação pai filho e também com D. Isabel; o papa responde ao rei mas também à rainha acusando-a de dar ouvidos a quem quer a discórdia familiar; o papa refere também o que será de esperar de uma conduta cristã, algo que D. Isabel irá certamente seguir; continuam as intrigas na relação de favorecimento de Afonso Sanches pelo rei, que poderá também ter a mão de Maria de Molina; boato de que D. Dinis mandara fazer um documento em como Afonso estaria louco e não poderia governar e que Afonso Sanches planeava envenenar Afonso; instala-se a guerra civil; 1320 1º manifesto do rei contra o filho; D. Isabel continua do lado do filho e avisa-o de que o rei irá contra ele quando este resolve ir contra ordem do pai e vir até Lisboa fazer romaria a São Vicente; maio 1321 2º manifesto do rei; julho 3º manifesto do rei; neste ponto D. Dinis está acossado e não encontra em D. Isabel um apoio, pelo contrário acusa-a de avisar e apoiar o filho dando-lhe guarita nas suas terras; desterra-a para Alenquer e retira-lhe os rendimentos; muitos sentem piedade da rainha; teria ela nesta altura muita gente a seu cargo, bem como a reconstrução da igreja de Santa Clara; possivelmente terão sido usados os bens de algumas das suas damas e mesmo do filho; em 1321 Jaime II envia a Portugal seu irmão Frei Sancho, D. Dinis recebe-o mas dispensa os seus serviços; em dezembro Isabel escreve novamente ao irmão e é visível o poder que tem face ao filho e marido, ainda assim revela que nada mais há a fazer; em 1321 estala a guerra, e estando em risco a sua cidade D. Isabel sai ao encontro dos dois exércitos a quem se junta D. Pedro; após a paz e estando o rei muito doente D. Isabel nessa altura desdobra-se em cuidados com o rei; D. Dinis afasta Afonso Sanches de meirinho-mor; D. Isabel enquanto rainha consorte intervém nos problemas políticos do reino, com grande fidelidade à família de origem (irmão)ou à nova família que gera(os filhos); esta sempre que necessário pode auxílio ao irmão Jaime e envia também os seus homens e mulheres de confiança;</p>
Capítulo 5- A vida quotidiana e material	
A vida na corte	A corte da rainha tinha uma chancelaria autónoma a D. Dinis, tendo um selo próprio, em alguns documentos produzidos poderia ler-se " a rainha mandou"; tinha pois um conjunto de oficiais; esta era móvel e acompanhava a rainha intervindo sempre que fosse necessário produzir um documento; na maior parte das vezes a rainha acompanhava o marido, Santarém, Coimbra, Sintra e Frielas e também em Lisboa; a sua vida na corte junto do rei, coloca-a num papel central de criação e educação da família; consistia também em conviver, fazer amigos e inimigos, divertir-se estar em saraus etc; era uma rainha culta, lia e escrevia, sabia latim chegando a emendar os seus clérigos; a corte portuguesa na altura era plena de estrangeiros, circulavam poetas e trovadores, a língua portuguesa torna-se a língua oficial do reino; Isabel cuidava dos filhos, passava grande tempo a bordar em companhia das suas damas e as orações e obras de misericórdia ocupavam o centro do seu dia; era portadora de uma educação erudita; outra faceta que tinha era o gosto pelo luxo e joias influenciada pela corte de Aragão; recebe e doa objetos de grande valor, tais como os oferecidos pelo irmão em Tarragona ou o que doa na sua peregrinação a Compostela; Isabel sabe viver na corte com as suas intrigas, aceita as

	infidelidades do rei sem queixas à exceção de carta enviada ao irmão em 1319 em que se queixa da sua "vida muito amargurada"; a sua educação cristã repercutia a sexualidade reprimida por ser mulher ao contrário do homem e depois do nascimento do segundo filho terá estado muito menos tempo com o rei; este terá tido muitas barregãs algumas delas damas suas conhecidas; com a morte do marido retira-se para o paço de Coimbra; Isabel torna-se rainha viúva e não interfere no cenário político do filho; só abandona este papel quando periga a relação filho e neto;
A vida religiosa e devocional	A sua formação é de cariz Franciscana; aporta também o exemplo da sua tia-avó Isabel da Hungria; é uma princesa extremamente devota como é costume na época; faz doações e apetrecha bem as suas capelas; intensa vida religiosa: participava na Eucaristia, recitava horas canônicas, praticava jejuns e leituras piedosas; a sua capela pessoal era rica e possuía relíquias, tais como o Santo lenho; possuía o bordão de peregrina que significava penitência mas também riqueza; o seu jacente é expressão máxima da sua religiosidade e devoção com recurso a representação de santos Franciscanos, bons discípulos e evangelistas; claramente a bíblia faria parte das suas leituras, bem como outros escritos piedosos, mas não se sabe de outros livros por ela mantidos; além das capelas privadas teria também capelas familiares; na corte estão vários clérigos ao serviço da rainha, muitos deles Franciscanos; os santos da sua devoção são santos franciscanos e também os seus familiares: São Luís de Tolosa e Isabel da Hungria mas também Santa Catarina;
A experiência de caridade: as obras de misericórdia	A rainha tem uma vida caritativa, preocupada com os outros e suas enfermidades; reconhece a miséria como um mal que deve ser curado e não desprezado; influenciada certamente pelos franciscanos, sua mãe e sua tia-avó; trata doentes, mulheres caídas em desgraça, órfãos e enjeitados; nos seus testamentos é visível a sua preocupação com a sociedade: beneficia instituições religiosas, mas também necessitados e pobres; libertar cativos e vestir pobres; nalgumas doações é visível a sua preocupação em vestir os nus, dar de comer aos famintos, tratar dos doentes e presos e acolher peregrinos; funda instituições de alívio à pobreza: albergarias, gafarias e hospitais; dedicava especial atenção aos pobres e viajantes, bem como às mulheres e crianças, os mais desfavorecidos numa sociedade com muitos problemas; destacar as inundações, secas e fome em Coimbra e a mendicância nas principais cidades do reino que se estendiam a outras; também a taxa de mortalidade elevada deixava muitas viúvas e órfãos; destacar como exemplo o Hospital dos Inocentes de Santarém (crianças enjeitadas atingidas por todas as carências, bem como de uma vila em época de guerra; neste hospital as crianças enjeitadas e só estas deveriam ser criadas por amas e aprender um ofício até aos 10 ou 12 anos e depois poderiam sair (cria-se um programa de institucionalização); D. Isabel tem especial atenção e preocupação em educar filhos e filhas e apoiar as mulheres que mães não o conseguem fazer; também se preocupa com as prostitutas (mulheres caídas em desgraça) cria os dois primeiros recolhimentos do reino, um em Coimbra e outro em Torres Novas; tem também interesse nas instituições cistercienses; D. Isabel é também mecenas de estudantes;
A vida no convento: o hospital do mosteiro	Ao lado do convento a rainha funda também um hospital; Mor Dias tinha também criado um hospital ligado ao mosteiro; terá sido no hospital que Isabel exerceu os seus conhecimentos médicos que lhe são atribuídos? Não há prova documental de que os possuía, contudo dos seus milagres, muitos apresentam essa característica de cura;
A fama de santidade e os milagres	Na sua <i>vita</i> há dois tipos de milagres os que envolvem diretamente a sua vida e os de carácter taumátúrgico feitos por ela, uns em vida outros após a sua morte; sobre os primeiros, nasce de forma mais ou menos miraculosa, é uma mãe exemplar e o seu corpo fica incorrupto após a morte; são 20 milagres relatados no fim da crónica; uns são declarados por forma escrita outros atestados por gente importante; 5 em vida e os outros após morte e estão relacionados com o lugar de sua sepultura; os em vida são curas de inchaços, feridas ou cegueira; dois ocorrem na Semana Santa com alusão à paixão de Cristo; papel do corpo- a rainha toca na enfermidade para que esta se cure; apenas um homem é alvo dos milagres; milagre da cura de jovem cega tem também alusão à cura de cego feita por Jesus; Urraca Vasques é mediadora e atenta os milagres à exceção da cura da cegueira onde não intervém; também ela foi agraciada; restantes 15 milagres: 10 mulheres e 6 homens; pedem à rainha que interceda junto de Deus; imagem de rainha humilde e preocupada com o seu povo;
A Rainha Viúva (1325-1336)	
Capítulo 6- A clausura e o silêncio atuante	
A caminho do despojamento e da entrega	Apetite pelo divino- atividades de forte cariz emocional-tomar o cajado e caminhar é entrar no espaço do sagrado onde o divino se manifesta em milagres; a penitência também ganha força associada aos milagres testemunhados pelos caminhantes; Francisco poderá ter caminhado a Santiago ,mas não se pode afirmar certamente; Foram-se afirmando os caminhos o francês, o português e o catalão; já viúva a rainha decide ir a Santiago em julho na altura da comemoração da festa do apóstolo; esta peregrinação de carácter religioso simboliza o despojamento das riquezas que a vida lhe deu (a rainha faz-se acompanhar de várias riquezas para ofertar) esta recebe do bispo o bordão de peregrina e regressa a casa distribuindo joias aos pobres; outro motivo da peregrinação terá sido o pedido pela paz entre D. Afonso e os meios-irmãos; os biógrafos ainda lhe atribuem outra peregrinação após 10 anos, mas dado a idade avançada poderá não ter sido efetivada ou pelo menos não nas condições da primeira;
A primeira opção: o "seu" mosteiro	Terminado o papel de rainha consorte, Isabel pretende abandonar de forma definitiva os cuidados do mundo; refunda o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra; passa lá a viver com a sua corte num paço edificado para esse fim como governadora do mosteiro; D. Mor Dias terá sido a fundadora do Mosteiro estando esta fundação associada a litígios entre os Cruzios e D. Mor, arrastando-se a situação anos nos tribunais; com a morte de D. Mor e a má gestão do mosteiro, estão criadas as condições para a intervenção da rainha; D. João Martins transfere para D. Isabel a governação do convento das clarissas e do hospital da Ceira; D. Dinis é também chamado para a contenda; D. Isabel aparentemente fica indiferente ao mosteiro talvez como estratégia de que ele fosse extinto e livre de obrigações com Santa Cruz; fica assim aberta a porta à sua refundação; entre 1316 e 1325 a rainha compra propriedades e recebe doações em favor do mosteiro; o rei seu filho também tem intervenção nas iniciativas de D. Isabel; a rainha termina a casa conventual e a igreja e constrói um hospital que também dota de um paço para ocupar após a morte de seu marido; cheias de 1331 causam transtorno mas a rainha manda reconstruir a igreja possivelmente sobre a anterior; do complexo constavam a igreja, convento e suas dependências, um hospital e o paço da rainha; as cheias atingem o seu túmulo de mestre Pero o que leva a que o mesmo tenha sido edificado numa capela em piso superior; o paço da rainha albergou a corte da rainha, aias e amigas como Vataça e Joana Redonda; o hospital é dedicado à sua tia-avó para albergar os pobres da cidade, imitando a espiritualidade franciscana tal como esta; a rainha não fala de cuidados médicos no hospital, na idade média a doença era muitas vezes encarada como sendo provocada por espíritos maus e forças do mal, assim curar as doenças era também combater estes males de forma sobrenatural e por via de milagres; podemos supor que grande parte do trabalho no hospital, nos seus primeiros tempos seria assegurado pela rainha e suas mulheres e homens, pois as clarissas estariam certamente atarefadas com o trabalho do mosteiro e como tal não teriam tempo suficiente; no "seu" hospital a rainha poderia continuar a exercer a sua caridade, potenciando assim que na sociedade as obras de misericórdia deixem de ser exclusivas dos eclesiásticos;
A rainha e a sua "família" conventual	A decisão da rainha de tornar a sua última morada em Coimbra vai ser um ato de independência face ao marido, ele sepultado também no seu mosteiro em Odivelas; pode ser também considerada a criação de um panteão próprio, uma vez que estão também sepultadas a sua neta D. Isabel nem como alguns dos seus servidores tais como o seu mordomo-mor D. Gonçalo Peres Ribeiro e sua mulher D. Constança; esta comunidade é composta por várias mulheres e muito centrada na própria rainha que potencia esta relação; muitos escolhem a sua sepultura no mosteiro doando-lhe bens; D. Isabel de Cardona enquanto abadessa tem grande atividade na afirmação do Cenóbio; no mosteiro existe esta teia de correlações de habitantes de uma comunidade de mulheres que junto à rainha vive; o mosteiro torna-se numa fundação régia em que o religioso anda a par com o social e económico, em que uma nobreza ligada à rainha ou membros de elite locais assim o fomentam;
As últimas vontades	Da rainha conhecemos dois testamentos e um codicilo ao segundo testamento; a modificação maior dos seus testamentos diz respeito ao local de sepultamento, o 1º seria em Alcobaca junto do marido (de acordo com o 1º testamento do rei) e o 2º em Santa Clara; a rainha faz várias doações a Alcobaca, também ao mosteiro feminino de Odivelas, também a "sua" albergaria em Odivelas; a família será também principal destinatária de seu testamento; deixa dinheiro aos pobres e vários mosteiros femininos; também não esquece Aragão pois contempla o Mosteiro de Santa Cruz de Barcelona e de São Francisco de Barcelona; também beneficia os hospitais e vários que a seguem; os testamenteiros são D. Dinis, D. Afonso, D. Martinho bispo de Viseu e Frei Martim Escola; a 2 de janeiro de 1325 declara de forma formal que pretende a sua sepultura com o hábito em Santa Clara, sem professor, mantendo os seus bens, casando as mulheres e visitando seus castelos e terras sempre que lhe aprouver; após a morte do rei a rainha diz tomar o hábito mas por razões de tristeza e de humildade; agora as suas joias serão para o filho e nora a rainha D. Beatriz a quem chama filha, para que as deixe à neta Maria, nomeadamente a sua coroa de esmeraldas, as restantes joias doa a esta e a neta Leonor; os testamenteiros são D. Afonso e D. Beatriz, o neto D. Pedro, a infanta D. Maria bem como os principais conselheiros: Vataça, frei

	Francisco de Évora, Frei Salvado entre outros; no codicilo funda um hospital em parte dos seus paços;
A derradeira intervenção	Afastada do mundo, mas não totalmente, quando os problemas do trono português se tornam notórios Isabel coloca os seus serviços na causa da paz; a guerra estala entre Afonso IV e Afonso XI de Castela, D. Isabel resolve ir ao encontro do filho, mas a idade avançada e o calor não têm o desfecho desejado e D. Isabel é obrigada a ficar em Estremoz onde vem a falecer, rodeada pelo filho, nora e netos; vários autores apontam várias causas de morte; após esta morte o corpo da rainha tem que viajar até Coimbra; o corpo é preparado para a viagem e chega após sete dias;

#### Memórias da Rainha Santa- de María Pilar Q. Del Hierro

I-O frade de Olivar	Frei Ramón de Alquézar leva o manuscrito a Roma; Recebe o mesmo anos antes de Inês de la Mata que o procura no convento para que o entregue ao prior; este não o entrega antes de o ler; esta dama teria herdado o mesmo de uma bisavó que teria sido dama da rainha e encontrou o manuscrito nos pertences de Frei Pedro Serra, confessor da rainha; Frei Ramón vem a Roma do convento de Olivar em Aragão até ao papa Urbano VIII; este questiona o interesse na canonização de Isabel de Filipe IV na União Ibérica; São discutidos os méritos de D. Isabel : o corpo incorrupto que emana um cheiro a rosas, rosas que aparecem no seu regaço quando interpelado pelo marido sobre o levaria no regaço, cura de doentes que visitam o seu sepulcro: perdura pelos séculos o reconhecimento da sua bondade, fé e sentido de justiça; papa Urbano lê o manuscrito que terá sido escrito pela mão da rainha;
II-Memorial da rainha peregrina	
1	Narrador participante; D. Isabel na primeira pessoa recorda as suas memórias; lembra o seu nascimento em Saragoça, como fazia frio, mas como o sol apareceu quando nasceu; nasceu envolta num finíssimo véu dos privilegiados; que nasceu para grandes destinos (estas factos da sua infância terão sido relatados à rainha pela sua ama D. Betaza; esta ama era filha de Eudóxia lascaris, estava na corte de Aragão e sabia de astrologia e ervas curativas; o nome da rainha foi escrito pelo pai, deriva do Hebraico "aquela que ama Deus", e também por homenagem à sua tia avó; Isabel sente desde a infância esta tia-avó como se fosse o seu anjo da guarda; o seu pai era autoritário e irascível, mas tinha sempre um sorriso para com ela; a mãe era serena, com modos doces e ternos; da infância recorda sensações: as mãos frias da mãe, o odor a mar e o respeito pelo "gigante" avó; a mãe e avó ensinam-lhe as primeiras letras, a rezar e canções, também a corrigem pois fala 3 línguas; morte de D. Jaime o conquistador; do avô pensa que seria conquistador pelas terras conquistadas aos sarracenos mas também pelas mulheres; fala do desgosto do pai pela forma como o avó tratava os filhos bastardos; em escassas ocasiões via o avó que à morte divide os reinos pelos 2 filhos; referida a questão dos astrólogos da corte vaticinarem datas;
2	Novembro de 1276 D. Pedro é coroado. Em Saragoça III, I de Valência e II de Catalunha; festejos na corte; no dia seguinte foi coroada a rainha; a corte irá para Barcelona pelos confrontos com Castela; Isabel ouve o pai a falar com os conselheiros sobre o seu casamento e como seria importante uma aliança com Portugal para acossar Castela; D. Pedro não quer casar a filha que é apenas uma criança; Isabel com 10 anos passa os dias entre livros, orações e bordados; estava a deixar as brincadeiras de criança; Isabel é chamada aos aposentos da mãe e estranhamente estava também seu pai; D. Pedro informa-a de que em breve partirá para Portugal para casar com D. Dinis; esta chora e pede à mãe que não a deixe partir; a mãe refere que é o seu dever e que irá com D. Betaza; 2 de abril de 1281 é ratificado o acordo de casamento; D. Dinis dará a Isabel 12 castelos; referido mais uma vez que a data de nascimento de Dinis indica, segundo os astrólogos alguém dotado para as artes e letras; referência de que o coração do rei já estaria ocupado e o seu casamento era um mero acordo político; Isabel deixa as brincadeiras com os irmãos e passa para perto do quarto da mãe o que as torna mais próximas; Frei Pedro Serra diz a Isabel que se entregue às orações que certamente lhe vão ajudar a passar as provações; reflexão sobre o Frei mercedário e como a ordem tinha sido criada para redimir os cativos aos sarracenos; reflexão em como mais tarde seria o frade que a ajudaria a escapar do cativo do desamor do rei para se converter numa mãe e rainha empenhadas; um dia ao rezar Isabel fica menstruada para alegria de Betaza que lhe explica que já pode ser mulher e mãe; isto apressa a sua partida; 11 de fevereiro de 1282 casa Isabel por procuração com os representantes Vasco Pires, Jan Velho e Juan Martinz;
3	Isabel deixa Barcelona a caminho de Portugal; Isabel questiona a mãe sobre como deve tratar o esposo e esta é evasiva, dizendo que lhe deve obedecer; Isabel reflete que amor é uma coisa, casamento outra. Betaza era jovem mas mais experiente, dizia-se que era viúva; na primeira noite pernoitam no convento de Vallonzela e de noite ao ouvir o relinchar de um cavalo, Isabel é atraída para o animal e vê uma mulher e um homem seminus entregue à paixão; era a moça que ajudava na cozinha do convento; ao perguntar ao frade como seria o encontro com D. Dinis, este repreende-a e manda-a dormir três noites seguidas nas lajes frias; continua o caminho e passa por Castela; chegam a Bragança; esperava-a D. Gonçalo Garcia de Sousa esposo de uma irmã bastarda de D. Dinis; Chegam a Trancoso, as aias e D. Betaza preparam a rainha; descreve o encontro com o rei: alto, de pele escura e cabelos negros; celebra-se o casamento no dia seguinte;
4	1 <sup>os</sup> dias de casada entre Trancoso e Guarda, a 12 de outubro vão para Coimbra. Corte portuguesa muito diferente da aragonesa; Isabel recorda 1 <sup>o</sup> lição de vida-1 <sup>o</sup> dia de casamento em que para consumir o mesmo existia uma câmara nupcial para a corte verificar que os nubentes o consumavam; sente-se desamparada quando após consumir o casamento o rei vai embora; fala da 2 <sup>a</sup> lição de vida quando vê Graça Froes com um homem que não reconhece e que mais tarde verifica que se tratava do seu marido; relata que raramente via D. Dinis; existem rumores na corte em como Isabel não consegue prender o marido e esta ouve-os e sente-se envergonhada; D. Marquesa Rodrigues e Maria Ximenes Coronel, aias que vinham com ela desde Barcelona colocam a hipótese de que o rei se tenha fartado dela; D. Dinis começa de novo a visitá-la, mas não partilham o leito; Isabel tinha 12 anos; E entre conversas e leituras foram-se acertando; Instalados em Coimbra a rainha começa a encantar-se pelo rei e anseia as suas visitas; Volta a intimidade e a rainha sente-se muito feliz; D. Pedro conquista Sicília; Aniversário de 22 anos de D. Dinis e Graça Froes vem ao aniversário quando D. Isabel descobre que esta é amante do rei; confronta-o e ele refere que ela já lhe deu um filho Pedro Afonso e Isabel nada lhe deu ainda; o rei refere também que não se deve importar com ela que é passado, mas sim com Aldonsa Rodrigues Telha que espera um filho dele;
5	A filha de Aldonsa nasce morta; Isabel permanece em angústia nos seus dias, sem vontade de sair e conversar, nem mesmo de cumprir as obrigações religiosas; sentia-se humilhada não pela corte saber da traição, mas pelo engano do marido que lhe dizia sentir o que na verdade não sentia; D. Dinis permanecia em Lisboa e D. Betaza refere que ele está a tentar chegar a acordo com o irmão Afonso; este pretende o trono pois alega ser o 1 <sup>o</sup> filho legítimo, uma vez que quando Dinis nasce ainda não fora anulado o 1 <sup>o</sup> casamento do pai; Isabel não entende as lutas e guerra entre irmãos uma vez que tinha um bom entendimento com a sua família aragonesa; D. Dinis continua a visitar Aldonsa; Isabel adoece e D. Dinis visita-a dizendo que ela é rainha e deve dar o exemplo, bem como um herdeiro ou deverá devolvê-la a Aragão; Isabel questiona o rei porque não a procura e este refere que precisa de uma mulher e uma rainha e não uma menina; a rainha decide naquele momento que seria a soberana que Portugal esperava que fosse; aos 16 anos toma essa decisão; após restabelecer dá ordens que a partir desse dia se abrissem as portas aos mais necessitados nos palácios onde estivessem; insiste com D. Dinis para que promova leis que protejam quem lavra a terra; cede parte do dote para a remissão dos cativos; manda abrir as portas das igrejas e submetete-se em jejuns e penitências em louvor até que o físico da corte lhe pede para parar para preparar o corpo para ser mãe; aventa a possibilidade do rei ter mandado instalar a corte em Lisboa para visitar Aldonsa e não o facto de aí ter instalado os Estudos gerais; D. Dinis refere que D. Isabel deve conter os gastos com os mais necessitados para não afetar os cofres do reino; Isabel visita Aldonsa e vê que lhe nascera o pequeno Afonso que leva consigo para o paço; "Ide vê-la,

	senhor. Ide vê-la." Frase usada por D. Isabel quando interpela o marido por este ir a Loures- Referência à lenda de Odíveas?
6	D. Dinis fica contente por ter o filho no palácio, chama-o de Afonso Sancho; D. Isabel continua a fundar hospitais para peregrinos, enfermos e leprosos; referência que o rei tinha grande talento político e como tal tinha percebido que para se igualar a outros reinos peninsulares devia apostar na agricultura; não foi apenas o <i>rei lavrador</i> , mas também poeta; referência que o pai de Isabel morrerá em 1285 por questões de saúde por tentar reivindicar os direitos da mãe à coroa da Sicília; sucede-lhe ao trono o seu irmão Afonso; e Jaime fica a reger os destinos da Sicília, a mãe Constança toma o hábito das Clarissas e no final da vida retira-se para o Convento de Santa Clara de Barcelona; o irmão Afonso morre aos 27 anos antes de se casar com Leonor da Inglaterra; sucede-lhe o irmão Jaime; D. Isabel era mãe de Afonso; o trono da Sicília fica com Frederico; também morre o irmão Pedro aos 21 anos acabado de casar com Guillem de Montcada; em 1302 morre Violante e meses depois a mãe Constança; D. Isabel continua a sair para ajudar os pobres; D. Dinis interpela-a e ordena-lhe que não vá, mandando somente naquele dia as criadas, beija a rainha e leva-a para a sua câmara; D. Isabel acorda de um sonho, com o rei a seu lado e não sabe dizer se sonhou com o marido a insistir que lhe mostrasse o que levava escondido, tendo-lhe dito que eram rosas e que ele ao insistir para ver, os pães que levava transformaram-se em rosas, ou se teria sido verdade; 9 meses depois confirmou-se o milagre e a rosa que floriu no seu ventre foi a filha Constança;
7	Isabel reflete que em 3 de janeiro de 1290 nasce Constança sua filha; o rei mantinha como barregã Marina Gomes de quem tem uma filha Maria e que passa para os cuidados da rainha; Maria e Constança crescem juntas, partilhando a mesma ama de leite; ambas casam com homens de Castela, Constança futura rainha e Maria casa com João Afonso de La Cerda; a 12 de setembro de 1297 Constança irá para Castela e em troca recebe Beatriz que casará com Afonso de Portugal; novo afastamento do rei da rainha; em 8 de fevereiro de 1291 nasce Afonso fruto de um momento de paixão que a rainha não lhe agrada falar, mas tarde falará sobre ele; o rei volta a deixar de a visitar; Isabel conta o episódio em que o rei entra nos seus aposentos para lhe dizer que combinou o casamento dos filhos sendo rude e autoritário para ela; Betaza acompanhará Constança para Castela; Isabel envia cartas e mensageiros para o papa para a dispensa para o casamento dos primos; esta apela ao irmão, mãe e Violante; ida para Alcanizes; Maria de Molina quer que Isabel entre nas conversações e que desagrade a Dinis, este usa a sua lisonja para Maria de Molina que não lhe corresponde; D. Dinis considera o protagonismo de Isabel excessivo; D. Isabel e D. Maria, cúmplices, falam das filhas e de como será o seu futuro; D. Isabel chora pela separação da filha e reflete que não foi a última vez que chorou por ela; em 1304 divergências entre o marido e o tio e rei de Aragão e aqui escreve à mãe que tem que intervir para que firmem a paz; depois a morte do esposo deixa-a viúva aos 22 anos deixando-a entre lutas pela tutela do filho; depois Constança falece em 18 de novembro de 1313 antes das cortes de Castela decidirem sobre a tutela;
8	Isabel reflete sobre a criação de Beatriz, junto dos filhos legítimos e bastardos do rei; lembra a morte de Maria, outra filha que teve D. Dinis e que estava no convento de Odíveas quando morreu; reflete também acerca dos filhos bastardos do rei, cujo temperamento muito se afastavam desta Maria, recatada e religiosa, seria a preferida da rainha; terá amado Afonso Sanches como os outros filhos? Interroga-se, mas reconhece o afastamento deste pelo amor e preferência do pai perante o filho legítimo; reflete sobre o próprio filho, quem mais amou, mas quem lhe trouxe mais sofrimento; lembra o nascimento do filho a 8 de fevereiro de 1291 faltando alguns dias para os 20 anos da rainha, o que tinha sido interpretado pelos astrólogos como sinal de ligação estreita entre mãe e filho; quase perde a vida a dar à luz por febre; relembra o dia da concepção do filho, em que D. Dinis irado pelas rumores acerca de Marina Gomes, entra nos aposentos de Isabel a esbofetear e lhe pede perdão ao mesmo tempo, nove meses depois nascia o filho e o rei volta a ficar ausente; reflete sobre a predileção de D. Dinis por Afonso Sanches, afastando muitas vezes de carinho o filho legítimo; lembra a fragilidade do filho em termos físicos quando mais novo, mas que a sua total dedicação fez com que vingasse; a indiferença do pai e a total atenção da mãe criam entre eles fortes laços; Beatriz e Afonso foram criados juntos e próximos, a sogra ensina a nora a ser uma boa esposa, atenta ao marido e piedosa; casam em 12 de setembro de 1309; D. Dinis dá-lhe vilas como dote; 4 anos depois nasce Maria, depois Afonso que sobrevive apenas horas, depois Dinis que faleceu antes de 1 ano e em 1320 Pedro o herdeiro; este tem os modos e gostos do avô; Pedro é diferente do pai e D. Isabel teme que a história se repita; Pedro nasce em tempos de guerra entre D. Dinis e o filho, pelos ardis de um bastardo; em 1319 o rei nomeia Afonso Sanches mordomo-mor e além disso uma vez que este é já casado e com um filho terá o rei feito diligências para que se lhe retire a ilegitimidade e assim nada o impeça de ser nomeado herdeiro de Portugal; Afonso diz ainda à mãe que o rei terá tomado esta decisão uma vez que quando faleceu o pequeno Dinis assumiu que não teriam um filho varão; D. Isabel garante ao filho que escreverá ao irmão e a Maria de Molina pedindo apoio;
9	D. Isabel lembra que as cartas ao irmão e a Castela não chegam para recolher apoio e como tal Afonso depois de deixar Beatriz em Évora parte para Castela; Maria de Molina escreve a D. Dinis como mãe da futura rainha de Portugal, pedindo ao rei que não negue ao filho o seu de direito e sugere que este entregue a Afonso o cargo de justiça; o rei considera esta carta uma intromissão nas suas decisões; D. Dinis acusa D. Isabel de envenenar o filho contra o irmão bastardo; esta acusa o rei de não ter sido bom pai nem bom marido, preocupando-se com barregãs; D. Dinis refere que Isabel terá involuntariamente colocado o filho contra ele e este agora se rebelou e se fortificou em Leiria, terra da rainha; assim comunica à rainha que esta irá ser confinada em Alenquer até que o filho volte à razão; ainda informa D. Isabel que o filho a quem ironicamente chama "poço de virtudes" teve uma filha Maria, fora do casamento; D. Isabel escreve ao irmão a pedir auxílio na contenda; Jaime envia os seus embaixadores; de nada adiantou; referência que em 1321 o filho avança para Coimbra até Guimarães; guardada pelos cavaleiros da ordem de Cristo, Isabel nada pode fazer, mas Pedro, filho bastardo do rei é agora seu aliado; D. Isabel reflete que o filho pode ser movido exclusivamente pela sua ambição; Pedro vai para Coimbra e serve de intermediário entre os dois lados do conflito; Isabel escreve ao marido; as cartas de Isabel e a mediação do conde de Barcelos fazem com que deponham armas; ainda assim a contenda recomeça pois os homens de D. Dinis atacam os de Afonso ao abandonarem Coimbra; a rainha sai de Alenquer até junto do filho, mas quando lá chega já havia de novo acordo. D. Dinis iria para Leiria, Afonso para Pombal; o filho recebe do pai Coimbra e Montemor jurando vassalagem ao pai; Afonso Sanches durante os confrontos vai para Castela, mas retorna ao reino o que faz com que se levantem de novo armas e D. Isabel vai para Alvalade mediar a paz; D. Dinis está em Santarém, por vezes D. Isabel acompanha-o mas prefere ficar em Coimbra com filho, nora e netos, no paço que mandara construir no convento fundado por Mor Dias; estando este em ruína, D. Isabel faz manda reconstruí-lo destinado a recolhimento de filhas de lavradores que se vêm sem pais; ao paço chega mensageiro que a informa do estado de saúde do rei, esta vai ao seu encontro a 6 de janeiro de 1325; D. Dinis pede-lhe perdão e morre no dia seguinte; Chega Afonso, o rei é preparado e trasladado para Odíveas onde tinha deixado escrito que queria ser sepultado; a rainha corta os cabelos e veste o hábito ingressando na ordem Terciária de São Francisco; vai para Santa Clara, entre jejuns, rezas e acompanhamento aos pobres; morre a rainha Isabel e nasce a irmã Isabel;
10	Bataza, viúva de D. Martim Ames, fidalgo Castelhanos e depois da morte da sua única filha, regressa para junto da rainha, depois das mortes de Constança e Maria de Molina; esta conversa com a rainha sobre tornar uma horta na colina à volta do Mosteiro, a que chamam Quinta, oferecendo os seus rendimentos para tal, caso o filho não a ajudasse; nessa noite a rainha sonha com uma bela jovem que passeia na Quinta, rodeada de crianças a que chamam mãe e que por sua vez ecoa um grito e cai por terra morta de garganta cortada; ao mesmo tempo uma voz sussurra que aquelas pedras fossem testemunho do sacrifício de Inês de Castro às mãos do mais cruel dos soberanos; da sombra surge a figura de seu filho Afonso, envelhecido que pede perdão à mãe; Isabel tem recorrentes vezes esse sonho. Quem será esta Inês de castro? Porque lhe aparecerá o filho? No seu íntimo batiza a quinta de "Quinta das lágrimas"; A rainha reflete sobre a sua vida, se não deveria ter imposto a sua vontade ignorando a sua condição de mulher, Infanta e Rainha; compara-se com Betaza que esqueceu as suas origens e o seu passado e casou com quem quis, interveio na política e na viuvez, administrou o seu património não esquecendo os pobres; reflete se foi piedosa ao criar os bastardos do marido, ou se queria unicamente afastá-los das mães; ainda assim considera que foi uma boa cristã e pôs sempre os interesses dos que necessitavam à frente dos seus, nunca negou ajuda e teve sempre amor a Deus; termina estas memórias preparando uma peregrinação a Compostela;
III- A Rainha Santa	De volta ao Vaticano a 13 de outubro de 1623 e a Urbano VIII; este manda chamar o frade de olivar, após ler o manuscrito que não estava assinado e quer saber se a rainha fez ou não a peregrinação, ao que este responde que segundo os arquivos do frade Serra terá ido e em duas ocasiões; fez a peregrinação vestida de túnica e pelo caminho dando esmolas aos pobres; regressou a Coimbra mas antes deu à diocese de Compostela a melhor coroa, panos bordados e pedras preciosas; o papa quer saber se viveu os últimos dias em paz, mas o frade responde que estando a guerra entre o Filho Afonso e o seu neto rei de Castela esta tem que intervir e vai a caminho de Estremoz onde estava o filho, lá chegando adoece de febre e nesse dia dá-se o milagre uma vez que D. Beatriz assegura que durante a noite a Virgem Maria visita a rainha moribunda; a rainha não refere ter visto a virgem mas uma dama Branca; o frade conta ainda que o traslado do corpo até Coimbra, lá chegando estava incorrupto e exalava um cheiro a rosas; quando as freiras se chegaram ao cadáver, uma ficou curada da cegueira e outra de pústulas; a 25 de maio de 1625, D. Isabel sobe aos altares;

